



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

KEYLA LIMA DA SILVA

**DOIS EX-MINISTROS, UMA PANDEMIA E UM AMONTOADO DE VIDAS
CEIFADAS: uma análise discursiva do início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil**

Campo Grande/MS

2023

**SILVA,
K. L.**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
DO SUL**

**DOIS EX-MINISTROS, UMA PANDEMIA E UM AMONTOADO DE VIDAS CEIFADAS: uma
análise discursiva do início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil**

KEYLA LIMA DA SILVA

**DOIS EX-MINISTROS, UMA PANDEMIA E UM
AMONTOADO DE VIDAS CEIFADAS: uma análise discursiva do
início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil**

2023

**Campo Grande/MS
dezembro/2023**

KEYLA LIMA DA SILVA

TÍTULO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos:
Língua, Discurso e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Campo Grande/MS

dezembro/2023

S58d Silva, Keyla Lima da

Dois ex-ministros, uma pandemia e um amontoado de vidas ceifadas : uma análise discursiva do início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil / Keyla Lima da Silva. – Campo Grande, MS: UEMS, 2023.

110 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

1. Linguagem 2. Discurso 3. Práticas discursivas 4. Pronunciamento 5. Covid-19 - Pandemia I. Souza, Antonio Carlos Santana de II. Título

CDD 23. ed. - 401.41

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Bruna Peruffo Vieira – CRB 1/2959

KEYLA LIMA DA SILVA

**DOIS EX-MINISTROS, UMA PANDEMIA E UM AMONTOADO DE VIDAS
CEIFADAS: uma análise discursiva do início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem. Área de pesquisa. Língua, discurso e sociedade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul/UEMS

Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul/UEMS

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares -
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná/UNIOESTE

Campo Grande/MS, 14 de Dezembro de 2023.

Dedico este trabalho dissertativo aos meus amados e reverenciados pais Elio (In memoriam) e Rute; ao meu querido esposo e companheiro Flavio Eduardo; à minha princesa, meiga e adorável filha, Flavia Eduarda; e ao meu príncipe e já tão amado filho, que no momento da escrita desta dedicatória está sendo gestado, Pedro Ernesto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, acima de tudo, pela oportunidade de ter vida e por poder participar de um programa de pós-graduação, me possibilitando conhecer pessoas maravilhosas que me conduziram no caminho do conhecimento científico.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza, meu orientador, pela atenção, apoio e direcionamentos durante todo o período de orientação.

Ao Prof. Dr. Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho, meu coorientador, que me conduziu por um longo período na pesquisa e que, de maneira gradual e didática, orientou sobre a devida maturidade e postura enquanto pesquisadora da área.

Aos professores, Dr. Nataniel dos Santos Gomes e Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares que, prontamente, aceitaram participar como membros titulares dos processos de banca como examinadores desta dissertação.

À minha família, pelo amor e carinho que me acompanharam por todo período, e por acreditarem em meu trabalho, e por terem sido pacientes com meus inúmeros compromissos acadêmicos.

Aos amigos e colegas do Programa de Pós Graduação em Letras/UEMS, campus Campo Grande, pelas trocas de ideias e compartilhamentos, tanto das alegrias quanto dos desesperos, que nos proporcionaram amadurecimento. E mesmo distantes, devido ao isolamento social, sempre apoiaram e incentivaram como era possível. Em especial os colegas já Mestres Carlos Castro, Kelly Loureiro e Flavia Rohdt.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro necessário à realização desta pesquisa com a concessão da bolsa de mestrado pelo período de um ano.

Aos meus pais, Elio (in memoriam) e Rute, pelo contínuo incentivo e motivação destinados a mim, pois reconheço que sem isso, jamais conseguiria chegar até aqui.

À minha princesinha linda, Flavia Eduarda, por toda doçura e apoio que sempre destinou à mamãe.

Ao meu amado e querido, Flavio Eduardo, por todo apoio, amor, paciência, zelo e companheirismo sem limites desse longo e custoso processo de formação.

Ao PPGLetras por me proporcionar tamanha oportunidade para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao coordenador Prof. Dr. André Rezende Benatti pela compreensão, apoio e providências satisfatórias das solicitações protocoladas junto ao colegiado do curso.

A secretária Dalete Manhães pela agilidade e destreza nas demandas administrativas junto à secretaria do Programa.

Aos docentes que fizeram parte desse período e contribuíram com meu crescimento acadêmico. Em especial à professora Dra. Rosemere de Almeida Agüero que, além das abordagens e explicações transmitidas em suas aulas, também me proporcionou a participação em uma pesquisa, cujo trabalho foi publicado em uma revista de Qualis elevado.

Aos Conselhos Superiores pelo período de representatividade que tive a honra de assumir pelo mandato de um ano, empossada no cargo destinado à representante discente CEPE da pós-graduação da UEMS.

À essa rede de apoio maravilhosa que citei, e os muito não citados, destino meu: **MUITO OBRIGADA!!!**

“Quanto menos inteligente um homem é, menos misteriosa lhe parece a existência”

Arthur Schopenhauer

SILVA, K. L. DOIS EX-MINISTROS, UMA PANDEMIA E UM AMONTOADO DE VIDAS CEIFADAS: uma análise discursiva do início aos desdobramentos da Covid-19 no Brasil. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2023.

RESUMO

A pandemia da Covid-19 fez mais de 700 mil mortes no Brasil, conforme levantamento realizado e publicado na página *Coronavírus Brasil*, do Ministério da Saúde - MS, durante o governo Bolsonaro. No período dito, o MS dirigia-se à população por coletivas de imprensa e pronunciamentos e informava sobre o início da pandemia até o final da propagação sustentada do SARS.CoV-2, nesse entremeio, houve vários sentidos como dos procedimentos de controle do contágio, os relatórios de infectados e óbitos e o “fim” da pandemia. As práticas discursivas de dois ex-ministros da saúde, Henrique Mandetta e Marcelo Queiroga, analisadas nesta pesquisa, trazem nuances do início e o “fim” desse momento que denota uma crise e materialidades importantes. Objetiva-se percorrer nessas materialidades a relação entre *práticas políticas, discursos e saúde pública* que permeiam o recorte de enunciados a ser destacados. Temos como objetivo geral encontrar, por meio do discurso dos ex-ministros, o funcionamento do “discurso político”, enquanto práticas situadas e desempenhadas pelos ex-ministros, sendo duas nuances de desconhecimento da natureza discursiva do vírus, para tomada das primeiras ações, e do segundo ministro que já conhecia cientificamente o quadro sanitário e epidêmico. Para isso, o arcabouço de análise é orientado pelos pressupostos da Análise de Discurso materialista e utiliza das noções e conceitos de sujeito, ideologia, interdiscurso, memória discursiva e formação discursiva, os quais são disponibilizados por Pêcheux (1995, 1996, 1999, 2008), Orlandi (2005, 2008, 2010, 2012), Indursky (2011) e outros. Metodologicamente situado, o objeto discursivo e o *corpus* bruto, traz uma segunda etapa que é submeter o objeto discursivo a um tratamento crítico, terceira etapa; desse modo, temos o processo discursivo em si que revela. Diante dos processos discursivos, considerados resultados das análises, será possível expor o gesto de interpretação, que descreve o modo de funcionamento do discurso. Pelos dados institucionais paralelos ao ambiente midiático, reflete-se no *corpus* os dois discursos dos ministros que trazem momentos e contextos distintos importantes, atravessados em 2020 e o outro de 2022.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Memória Discursiva. Pronunciamento.

SILVA, K. L. TWO FORMER MINISTERS, A PANDEMIC, AND A LOT OF SLAUGHTERED LIVES: A Discursive Analysis from the Beginning to the Aftermath of Covid-19 in Brazil. 2023. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2023.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has caused more than 700,000 deaths in Brazil, according to a survey carried out and published on the Ministry of Health's *Coronavirus Brazil* page, during the Bolsonaro government. During this period, the Ministry of Health addressed the population through press conferences and pronouncements and informed them about the beginning of the pandemic until the end of the sustained spread of SARS.CoV-2. In between, there were several meanings such as contagion control procedures, reports of infected people and deaths and the "end" of the pandemic. The discursive practices of two former health ministers, Henrique Mandetta and Marcelo Queiroga, analyzed in this research, bring nuances of the beginning and the "end" of this moment that denotes a crisis and important materialities. The aim is to explore the relationship between *political practices, discourses and public health* that permeate the selection of statements to be highlighted. Our general objective is to find, through the discourse of the former ministers, the functioning of the "political discourse", as practices situated and carried out by the former ministers, with two nuances: ignorance of the discursive nature of the virus, in order to take the first actions, and the second minister who was already scientifically aware of the health and epidemic situation. To do this, the framework of analysis is guided by the assumptions of materialist Discourse Analysis and uses the notions and concepts of subject, ideology, interdiscourse, discursive memory and discursive formation, which are provided by Pêcheux (1995, 1996, 1999, 2008), Orlandi (2005, 2008, 2010, 2012), Indursky (2011) and others. Methodologically situated, the discursive object and the raw *corpus*, brings a second stage that is to submit the discursive object to a critical treatment, third stage; thus, we have the discursive process itself that reveals. In view of the discursive processes, considered to be the results of the analysis, it will be possible to expose the gesture of interpretation, which describes how the discourse works. From the institutional data parallel to the media environment, the *corpus* reflects the two speeches of the ministers that bring important distinct moments and contexts, one in 2020 and the other in 2022.

Keywords: Pandemic. Covid-19. Discursive Memory. Pronouncement.

LISTA DE ANEXOS

TRANSCRIÇÕES:

DISCURSO 1 - PRONUNCIAMENTO DO EX-MINISTRO MANDETTA.....	100
DISCURSO 2 - PRONUNCIAMENTO DO EX-MINISTRO QUEIROGA	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise de Discurso

CNS – Conselho Nacional de Saúde

Consu – Conselho Nacional de Saúde Suplementar

COP27 – 27ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima COVID-19 – (Co)rona (Vírus) (D)isease do ano de 20(19)

ESPII - Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional

ESPIN – Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional

MS – Ministério da Saúde

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	30
FIGURA 2	31
FIGURA 3	55
FIGURA 4	57
FIGURA 5	60
FIGURA 6	61
FIGURA 7	64
FIGURA 8	82
FIGURA 9	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - A MEMÓRIA DE OUTRAS PANDEMIAS E A COVID-19	22
1.1 Os efeitos de sentido de outras pandemias na Covid-19: efeitos da memória discursiva ..	24
1.2 A AD e o acontecimento pandêmico	35
CAPÍTULO II - ARTICULAÇÃO DA MEMÓRIA NA AD MATERIALISTA PARA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS	44
2.1 A teoria materialista do discurso aplicado às práticas	45
2.2 AD materialista interdisciplinarmente ligada à Psicanálise	49
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
3.1. Dispositivo teórico e dispositivo analítico.....	57
3.2. Os pronunciamentos ministeriais: da superfície linguística ao processo discursivo	60
3.3 Breve aplicação crítica do dispositivo teórico ao analítico no discurso ministerial.....	66
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	71
4.1 Análise dos pronunciamentos do ex-ministro Mandetta – D1	73
4.2 Análise dos pronunciamentos do ex-ex-ministro Queiroga - D2	85
4.3 Uma crítica aos pronunciamentos do Ministério da Saúde na pandemia	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	67

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada em dezembro 2019, acerca do vírus SARS-CoV-2, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. A doença infecciosa, Covid-19¹, pertencente à família do coronavírus² (SARS.CoV.2) e provoca uma síndrome respiratória aguda grave, diagnosticada em um primeiro momento como pneumonia viral. Dado o aumento de casos naquela região e a predominância dos sintomas, ainda sem conhecimento de todos os impactos do vírus no médio e longo prazo, houve o anúncio de uma pandemia global sem precedentes.

O alcance do novo coronavírus³, a países vizinhos à China, tornou-se possível pela rápida transmissão sustentada do vírus, por meio do contato direto com pessoas infectadas. A partir de então, houve um monitoramento dia após dia, enquanto o mundo permanecia atento ao comportamento do novo vírus. Em 11 de março de 2020, a OMS declara⁴ estado de pandemia da Covid-19, depois de ter sido declarado em 30 de janeiro de 2020 como surto e enquadrado como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)⁵.

O primeiro caso de infectado do Brasil, ocorreu na cidade de São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020. Um homem de 61 anos, cujo percurso mostrava que esteve na região da Lombardia, no norte da Itália⁶. Após esse primeiro caso houve o aumento de infectados brasileiros, colocando o país no ranking dos países com maiores números de contaminados e óbitos pela Covid-19. Nesse intermédio, os canais oficiais de mídia apresentaram mais de 36,9 milhões como vítimas brasileiras contabilizadas, conforme a página Coronavírus/Brasil⁷ que dispõe gráficos, mapas e outras séries de informações a respeito do tema.

O novo coronavírus se instalou nesse tempo de maneira rápida, foi exigido a atenção da população quanto às medidas de enfrentamento ao vírus, embora as orientações não tenham evitado as marcas deixadas, pois, os hospitais de campanha foram construídos da noite para o

¹ A composição do nome dado a doença refere-se ao acrônimo de (Co)rona (Vi)rus (D)isease, (cuja tradução é doença do coronavírus) acrescentado do número “19” que faz referência ao ano do aparecimento do vírus.

² Coronavírus: Ampla família de vírus causadores de doenças mais graves cujos sintomas partem das condições de um resfriado comum.

³ Novo coronavírus: nova cepa do coronavírus identificada em humanos a partir de dezembro 2019.

⁴ Na data do dia 11 de março de 2020, em Genebra, na Suíça, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus declara que doença causada pelo novo coronavírus é caracterizada como uma pandemia.

⁵ A ESPII é o tipo, de alerta de emergência em saúde, mais alto da OMS.

⁶ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/ministerio-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil>. Acessado em: 13 fev. 2023.

⁷ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

dia, o isolamento social foi decretado e implantado, cemitérios não suportaram o aumento de entradas e milhares de famílias perderam um, dois ou mais entes queridos.

As medidas de enfrentamento à pandemia da Covid-19 foram cumpridas, baseadas em um esquema de quatro fases. Werneck; Carvalho (2020), detalham esse esquema e descrevem as quatro fases de enfrentamento, as quais são: contenção, mitigação, supressão e recuperação. Chamada e ilustrada pelas mídias e canais oficiais como controle da curva epidêmica, a primeira fase, diz respeito ao registro de contaminados e o rastreamento de seu percurso e de seus contatos, buscando a contenção do vírus e evitando a transmissão comunitária sustentada nas aglomerações e fluxos de pessoas. Essas medidas de enfrentamento postas pelos autores constituem o *discurso científico*, carregado daquilo que convencionou-se chamar de novo normal.

O fato do vírus estar instalado e a transmissão acontecer no país e no mundo, até o presente momento o controle sanitário é feito via vacina, mitigação da escalada de transmissão com boas práticas sanitárias, ou seja, a diminuição do contágio em determinada região ou país. Cada fase descrita por Werneck; Carvalho (2020), atinge uma camada, porém e no geral prioriza-se os grupos com maior risco de desenvolver quadros graves e ainda sustenta o isolamento de casos que testam positivo, portanto é a medida de quarentena que denominaram de “isolamento vertical”⁸.

A medida de manter apenas grupos de maior risco isolados foi uma das medidas adotadas no Brasil. O isolamento vertical, defendido pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro⁹, foi argumento para manter a economia funcionando por um grupo de especialistas ligados ao governo, políticos e médicos corroboraram com o argumento. Sendo um distanciamento social seletivo criado no âmbito ministerial, com outros discursos diferentes da Organização Mundial de Saúde - OMS, limitando a circulação apenas de idosos e pessoas com comorbidades.¹⁰

Nesse período também foi defendido, pelo governo Bolsonaro, que o restante da população brasileira e, os que permaneceriam ativos em suas atividades laborais e rotineiras, passariam pelo processo conhecido como “imunidade de rebanho”¹¹. Uma vez que, as medidas

⁸ Este termo refere-se a medida de isolamento destinada às pessoas contaminadas com o vírus. O isolamento horizontal abarca todos, contaminados e não contaminados.

⁹ Jair Messias Bolsonaro: Ex-presidente do Brasil com mandato de 1º de janeiro de 2019 a 1º de janeiro 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acessado em: 28 abr. 2023.

¹¹ Imunidade de rebanho: É a proteção indireta contra determinada doença, indireta porque não ocorre com mediação vacinal, mas pela superação natural ao vírus depois da contaminação.

da segunda fase não são bem-sucedidas, a fase da supressão torna-se necessária como o isolamento total nomeando o sentido de *lockdown*¹². Sendo essas medidas mais radicais, uma vez que o distanciamento no âmbito governamental não surte efeito, o isolamento total torna-se uma imposição na escalada da doença. Na terceira fase, o “isolamento horizontal” é determinado, com isso o contato social é suspenso como atividades cotidianas das pessoas.

O isolamento como fase de supressão modificou as práticas e o dia a dia das pessoas, e foi direcionado para as regiões do Brasil, na qual havia ocorrências e incidências aceleradas no registro de novos casos da doença. As práticas discursivas como conceito mobilizador da presente proposta, aplicado a essa questão a ser desenvolvida, corresponde às práticas simbólicas dos sujeitos que desempenham uma função social e estão identificados com certa formação discursiva. Nessa direção, existe uma prática social da população que se reflete pela prática discursiva, em primeira instância, ou seja, compreendida como discurso para os teóricos da AD (Orlandi, 2005, p. 25)

No Brasil, o início da pandemia da Covid-19¹³ é marcado por uma infinidade de discursividades difundidas pela mídia, sendo práticas discursivas comuns de espaços conhecidos como coletivas de imprensa e pronunciamentos, na figura dos ministros da saúde. Essas práticas também foram conduzidas por líderes do governo e da sociedade civil que informaram sobre o início da pandemia, os procedimentos de controle do contágio, dos relatórios de infectados e óbitos e também o fim do estado de emergência sanitária da pandemia da Covid-19, em 2023. Essas práticas discursivas são tomadas como *discurso político*.

A prática social que aqui apresentamos refere-se ao artefato de comunicação em forma de pronunciamento, cuja manifestação remete-se ao *discurso político*, para compreender como funciona a constituição do discurso dos gestores em saúde do governo Bolsonaro. O político aqui é diferente da política, o discurso político diz respeito ao modo de estabelecer “relação simbolizada de poder que se organiza em termos de significação, pelas relações entre formações discursivas (...) o político é da ordem da instância do discurso” (Orlandi, 2019, p. 26).

Nessa direção, o discurso governamental do Chefe do Executivo, acaba sendo de outros discursos que atravessam o *discurso político* na constituição do ato simbólico dos

¹² A partir da Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020¹² do Conselho Nacional de Saúde - CNS, é que foi proposto a “implementação de medidas de distanciamento social mais restritivas (lockdown)” Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020#:~:text=Recomenda%20a%20implementa%C3%A7%C3%A3o%20de%20medidas,dos%20servi%C3%A7os%20atingido%20n%C3%ADveis%20cr%C3%ADticos.>>. Acesso em: 14/03/2023.

¹³ O estado de pandemia da Covid-19 foi decretado pela OMS em 11 de março de 2020.

pronunciamentos, a fim de legitimar uma autoridade que diz sobre a pandemia da Covid-19. No período de *lockdown*¹⁴ e isolamento total, no Brasil, os problemas de desigualdades sociais foram agravados devido essas práticas não fazerem parte do rito sanitário e das condições sociais que fazem parte de um outro discurso pandêmico. Na realidade, são “crises plurais”, para além de uma pandemia, um sentido de “sindemia” que abrange esse contexto maior (Melo; Gonçalves; Morales da Silva, 2022, p. 143).

O discurso pandêmico traz outras crises sanitárias como de H1N1, Gripe Espanhola, Varíola entre diferentes momentos históricos, nenhum com tamanho impacto como Covid-19. Feito essa contextualização internacional e nacional acerca da pandemia da Covid-19, é possível elencar algumas pesquisas desenvolvidas sobre o tema na área de Letras/Linguística.

Em linhas gerais, localiza-se: a) *Memória e(m) discurso na pandemia de Covid-19: o acontecimento do vírus a arte em rede*, de Marco Antonio Ruiz e Lucília Abrahão e Sousa, artigo publicado no Cadernos de Estudos Linguísticos da UNICAMP, em 29 de nov. 2021, cujo objetivo buscou os efeitos de sentidos, sob uma perspectiva da psicanálise, nos discursos da oposição vida *versus* morte; b) *O papel da memória discursiva em manchetes que desmentem notícias sobre Covid-19*, de Gabriel Guimarães Alexandre. A pesquisa, projeto de pós-doutoramento, teve como objetivo investigar o modo como se constitui a ressignificação da morte durante a pandemia de Covid-19 no Brasil; c) *Pandemia em (Dis)curso: éthé discursivos do jornal Folha de S. Paulo em manchetes e chamadas sobre Influenza A (H1N1)*, trabalho de Dissertação de Felipe de Souza Costa que se filia a Análise do discurso francesa, cujas bibliografia segue os pressupostos de Dominique Maingueneau. Essa dissertação é de 2016, por isso não faz nenhuma relação com a pandemia da Covid-19 por ter vindo antes desta, porém apresenta uma reflexão acadêmica da pandemia *Influenza A (H1N1)*; e, d) obra *Enciclopédia discursiva da Covid-19: O primeiro ano da pandemia no Brasil*, cujo os organizadores são Fernanda Castelano Rodrigues, Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas, publicado em 2021, a coletânea de textos apresenta análises discursivas de termos ou expressões rememoradas ou ressignificados no período da pandemia.

Demarcado esse conjunto e delimitado o conjunto de revisitações, existe uma necessidade de letramento para população que sente dificuldades, reflexo dos atuais contextos de cortes na educação, devido à falta de acesso aos meios tecnológicos de suporte para as aulas

¹⁴ *Lockdown*: Corresponde ao período que ficou conhecido na pandemia da Covid-19 pelo fechamento total do comércio, das entidades públicas e privadas, visando que toda a população permanecesse dentro de suas casas. Nesse período muitas atividades, como empresas e escolas adotaram o acesso remoto para continuarem funcionando.

online; o acesso à saúde mental, quando houve a necessidade de lidar com o luto, com a ansiedade e a desesperança; à economia neoliberal, devido a taxa crescente de desemprego e a taxa crescente de empregos informais; entre tantos outros problemas enfrentados pelos brasileiros em paralelo ao enfrentamento do novo coronavírus como de surtos, epidemias e pandemias¹⁵.

Levando em consideração a raridade de trabalhos que relacionam a pandemia da Covid-19, nas questões discursivas é que propomos este trabalho, os objetivos são viáveis para dissertar de maneira acadêmica sobre a interface *prática política, discurso e saúde pública*. Desse modo, pela articulação desses três pontos, nos deparamos com a necessidade de descrever os processos discursivos que determinam o sujeito e o que ele diz, pois determinam o sentido e os efeitos que produzem (Orlandi, 2012, p. 78). Para essa autora, entre o dito e o não-dito, o sujeito se movimenta na cadeia do dizer e forma os processos simbólicos no e pelos discursos.

Interdisciplinarmente, caminha o campo dos estudos da linguagem junto ao quadro de saúde, em que a última fase do esquema descrita por Werneck; Carvalho (2020), tomado por esse projeto, volta-se para compreender o campo do discurso em maior profundidade. Consiste para eles a fase da recuperação, devido ao fato que há um colapso que exige a “organização da sociedade para a reestruturação social e econômica do país”.

No Brasil, a última fase da pandemia e enfrentamento da Covid-19, na linha desses autores, fez o país permanecer em estado de recuperação, na busca de caminhos possíveis para a reconstrução de tudo que foi perdido. O acontecimento pandêmico, além de produzir um amontoado de vidas ceifadas e trazer a desordem social, estabelece um marco histórico e retoma para memórias esquecidas de outros acontecimentos semelhantes a esse.

Da primeira à última fase de enfrentamento ao vírus no Brasil, observamos a manifestação do posicionamento político em pronunciamentos, a relação do discurso científico e do discurso político da pandemia. O que nos chama atenção, relacionado ao tema desta pesquisa, é a ação dos gestores que estavam à frente do Ministério da Saúde no início da pandemia e no cessar da Emergência de Saúde Pública, entre a repetição e os deslocamentos (polissemia e paráfrase), pois são fundamentais de serem analisados.

O discurso é o objeto teórico da AD, a unidade de análise dos processos discursivos, determinados pela relação entre texto e discurso que nos põe a pensar na função-autor desse texto e na função sujeito desse discurso. A dissertação, pelo dispositivo teórico-metodológico, alia os pressupostos da AD, reavendo práticas discursivas dos dois ex-ministros do governo

¹⁵ Definição da OMS, em razão do quadro sanitário, tende a variar.

Bolsonaro, no período de pandemia da Covid-19, pelos materiais e processos utilizados para as análises dos pronunciamentos transcritos recortados e transformados por um *corpus* heterogêneo.

Desse modo, o capítulo I reflete uma revisão bibliográfica, a partir do que foi apresentado nessa seção introdutória, aprofundando os pontos principais da presente abordagem e delineando os meios e percursos que tomamos para atingir os objetivos, explicitando-os com análise. De que forma a trazer ponto de vista dos autores, pelos conceitos e pelas categorias de análise, no percurso a ser aplicado e distribuído.

Para isso, se interpõe um conjunto de sequências discursivas que passa pelos postulados da AD, no capítulo II. Abordagem da pesquisa toma o viés da teoria materialista do discurso, após as discussões desse campo e suas potencialidades exploratórias, nos debruçaremos sobre o funcionamento simbólico nas práticas discursivas.

No capítulo III, definimos os procedimentos metodológicos que consistem em descrever os tratamentos do *corpus* selecionado, submetendo-o criticamente pelo dispositivo teórico e analítico. Esse momento é explorado pelas marcas da discursividade e de unidades de análise pertinentes ao objeto e suas relações possíveis, mediante os aspectos principais da teoria materialista do discurso delimitados, por meio da descrição, atingindo objetivamente às práticas discursivas relacionadas ao que encontramos na materialidade dos pronunciamentos.

Por fim, o último e quarto capítulo mostra como aplicamos os procedimentos metodológicos ao *corpus* selecionado, revelando neles e por esse arremate, simbolicamente, a relação da prática política, discurso e saúde pública com a materialidade atingindo por esse procedimento os objetivos.

CAPÍTULO I – A MEMÓRIA DE OUTRAS PANDEMIAS E A COVID-19

Neste capítulo, exploraremos por meio do conceito de memória nas três fases da AD e de análise do *corpus*, sua definição aplicada ao contexto de algumas pandemias passadas e de acordo com alguns autores da área dos estudos do discurso. Voltando-nos para os acontecimentos da pandemia de Covid-19 e de como se constituí, em recorte, sendo o primeiro objetivo específico.

Iniciamos pelos sentidos das formas de se nomear um acontecimento, pelo livro de Michel Pêcheux, *Analyse automatique du discours* traduzido para o Brasil como, *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*¹⁶, que marcou um período dos estudos linguísticos. Tal processo de construção discursiva permanecia dentro de uma estrutura autodetermina e fechada, as primeiras análises da Análise do Discurso (AD-1), dessa forma instauraram-se sob a ótica de uma ‘máquina discursiva estrutural’.

O contexto de pesquisa da época baseava-se nos postulados de Althusser (ideologia), Lacan (inconsciente), Marx (materialismo histórico), e por considerar um sistema fechado, Saussure (que com ideais sistemáticos estavam mais marcados nesta fase).

O *corpus* como o contexto à época, além de fechados nas estruturas, era selecionado a partir de um suposto estado da condição de produção com viés mais mecanicista. E algumas noções-chave, como – máquina discursiva, ideologia, sujeito assujeitado pelas determinações sociais, condições de produção – permeavam as pesquisas desta fase.

Na segunda fase da Análise do Discurso (AD-2), ocorreu o momento do entrelaçamento das forças desiguais na maquinaria discursiva e a incorporação do conceito foucaultiano de Formação discursiva (FD). O processo de constituição discursiva agora não era mais fechado, uma vez que considerou elementos externos e os interstícios pelo qual o sentido circula na margem.

O contexto de pesquisa, nesse espaço-tempo, permanecia com os postulados de Althusser e Lacan e considerava-se ainda a concepção de enunciação advinda do acontecimento foucaultiano. A constituição do *corpus* era sempre a partir de condição de produção estáveis e homogêneas e noções-chave, como formação discursiva, ideologia, interdiscurso, pré-construído, sujeito assujeitado pelas determinações sociais, permeavam as pesquisas desta fase.

¹⁶ Nesse texto, que compõe a coletânea organizada por Gadet e Hak, Pêcheux discute as diferentes fases pelas quais a AD passou. Este texto é importante para demonstrar que Pêcheux não estava alheio às ideias de Foucault.

Por volta de 1981, ocorreu a desconstrução da maquinaria discursiva (AD-3), considerava fase da “Materialidades Discursivas” e o objeto (discurso) era observado a partir da máquina discursiva paradoxal. Um desses, era da formação discursiva que causava tensão, quando problematizada pelo primado do outro sobre o mesmo, devido ao aprofundamento do interdiscurso.

O contexto de pesquisa, a partir desse dado, fundamenta-se na heterogeneidade enunciativa predominantes em Jacqueline Authier-Revuz e Mikhail Bakhtin. O *corpus* é menos marcado do ponto de vista ideológico e das noções-chave – memória discursiva e a concepção do sujeito, permeavam as pesquisas desta fase.

A linguista Denise Maldidier¹⁷, reconhecendo essas nuances, incorpora um breve percurso da AD em um capítulo intitulado “aventura teórica”. A partir do ano de 1960, na França, os estudos do discurso tornaram-se objeto da teoria Análise do discurso. Na formação desse campo de estudos, havia ainda uma efervescência de várias discussões no histórico contexto francês, linhas que englobaram o pensamento linguístico e ascensão da gramática gerativa como arcabouço para o desenvolvimento de uma linguística estruturalista.

Em direção oposta, havia reflexões de L. Althusser que se faziam presente em Pêcheux, como dos ideais de J. Lacan que compartilhava do mesmo espaço e influenciaram esse teórico como em *Semântica e Discurso* de Michel Pêcheux (1975).

Os intelectuais, segundo Maldidier (2003), voltaram-se para as conjecturas de Bachelard e Ganguilhen sobre as epistemologias. E duas personalidades representam esse momento: o linguista Jean Dubois e o Michel Pêcheux. Dessa forma, o contexto sócio histórico anteriormente situado, devido aos discursos para um período inflamado, que provocado por inúmeras mudanças paradigmáticas das ciências como da Escola de Frankfurt, pós Segunda Guerra Mundial entre outros movimentos.

A conjuntura dos estudos do discurso, por esse *locus* reteve alguns desdobramentos como “estruturalismo é triunfante, a “ciência” linguística promete vários avanços [...] e o marxismo althusseriano agita os pensamentos da ortodoxia [...] e “autoriza” a abertura em direção à psicanálise ” (Maldidier, 2003). Tais acontecimentos permitiram inaugurar a teoria

¹⁷ Denise Maldidier foi uma linguista e professora de Linguística na Université de Paris X/Nanterre. Companheira e colega de trabalho, dos pensadores de uma teoria que estaria por vir, expôs em detalhes muitos dos trabalhos da Análise do Discurso de linha francesa na obra *Legados de Michel Pêcheux* (Medeiros, 2013). O capítulo “A inquietude do discurso” compõe essa obra e representa, como a autora mesmo denomina, uma ‘aventura teórica’ do discurso. Nele, aborda o cenário de uma França intelectualmente ativa e instauradora de pensamentos ‘transversais’.

que ficou conhecida por constituir-se a partir dos pilares da Linguística, Psicanálise e Materialismo histórico-dialético.

A partir de tais considerações e percursos preliminares, apresentamos no capítulo que segue, às fases da Análise do Discurso que inicia com “[...] reflexões epistemológicas desenvolvidas desde aproximadamente 1966 com Ganguilhen e Althusser” (Maldidier, 2003). De acordo com essa autora, por tal recorte, encontramos o ponto de partida da ‘aventura teórica do discurso’.

1.1. Os efeitos de sentido de outras pandemias na Covid-19: efeitos da memória discursiva

Na linha dos aprofundamentos para com fases do discurso e das reflexões epistemológicas, no papel da memória, Pierre Achard (1999) discorre sobre o implícito de um enunciado. Essas contribuições são organizadas na obra *Papel da memória* publicada pela editora Pontes, ano de 1999, na qual Achard assegura em seu artigo *Memória e Produção Discursiva do Sentido* a base que sustenta a representação do implícito foi memorizado.

A principal contribuição que merece destaque, seria de que o (re)construído é representado pelo vazio para o teórico, nessa mesma direção, é situado a memória para ser pensada para além das regularidades, incidindo em oscilação entre o histórico e o linguístico. Distanciando-nos de uma reflexão estritamente sobre memória dos efeitos de repetição e assegura que “o papel da memória discursiva são as valorizações diferentes” (Achard, 1999, p. 16), que se relacionam à situação.

Desse modo, compreenderíamos os modos de manifestação da memória que são encontrados nas paráfrases e nas polissemias, conceitos fundamentais que nos traz a teórica brasileira Eni Orlandi (2005), ela também concebe um entendimento sobre a paráfrase e a polissemia.

Essa teórica aprofunda esse entendimento anterior da escola francesa, ampliando e projetando outras ferramentas de análise como a produtividade e criatividade do discurso, respectivamente:

[...] a dispersão e a incompletude são tratadas nos limites moventes tensos entre paráfrase e polissemia, os dois eixos que sustentam o funcionamento da linguagem entre a repetição e a diferença. (Orlandi, 2005, p. 20).

A dispersão afere para formações discursivas e a incompletude para com a condição dos sujeitos, corpus de análise que sofre influência das teorias psicanalíticas, porém ambos aspectos

encontram memória para significar com o outro, dentro dos discursos pelo interdiscurso. Michel Pêcheux (1999), precursor destes desdobramentos e aprimoramentos analíticos e reflexivos, adjuntos das questões de linguística e de discurso relaciona justamente aos estudos sobre memória, os esquecimentos N°1 e N° 2.

Esses dois eixos de análise sobre memória, oferecem ao analista, bases para formas de esquecimento do discurso e pode ser expandido seu entendimento no texto de Eni Orlandi, “Maio de 1968: os silêncios da memória”, ela aborda a memória e a censura no contexto da Ditadura Civil-Militar do Brasil de 1964.

A produtividade do ponto de vista do discurso da Covid-19, encontra repercussões importantes nesses “anos de chumbo”, efeitos de sentido que permeiam o imaginário e das relações sociais desde eleição de Bolsonaro, em 2018. A forma de criação dos discursos são semelhantes e resgatam justamente pontos dessa memória discursiva, fatos que passam despercebidos e pré-construídos (esquecimento N° 1) e que se entrecrocam no plano do dizível e dos sentidos interdiscursivamente (esquecimento N°2).

A linha materialista, nesse contexto, representa um viés histórico e movente dos sentidos, algo que decorre de Pêcheux (1999), a memória passa a ser como memória social e inscrita nas relações de linguagem. A virada do Materialismo Histórico junto do discurso, acontece justamente nessa virada das práticas situadas movem os sentidos pela linguagem, a “memória construída do historiador”, “político”, “saúde”, “epidemiologia” e outras.

O ponto fulcral do pensamento pecheutiano, seria de um percurso compreendendo memória e estruturação dos sentidos pela materialidade discursiva enquanto instância de complexidade, chamando a atenção para uma dialética da repetição e da regularização, portanto entre polissemia e paráfrase. Análise do funcionamento do discurso, nesse contexto maior, passa por esses dois mecanismos de análise e entendimento.

No texto de Orlandi (1999), o foco está no acontecimento discursivo “como fato desencadeador de um processo de produção de sentidos” (p. 59), o que significa um romper com regularidades e a trazer a diferença como interpunha Achard (2019). Nessa linha pecheutiana, dado fases da AD, o acontecimento não emerge de maneira homogênea, mas com essa exterioridade das FD’s e irrompe na cadeia do dizer para significar com os contextos e os sujeitos envolvidos no discurso.

Orlandi (1999) cita o que Pêcheux, postula que nessa linha do histórico e movente para os sentidos, em seu texto sobre memória, existia uma dupla-forma que se amplia pela identificação e desidentificação deve ser observada no jogo entre a memória e acontecimento,

inter-relação fundamental. Nessa relação, os dois pontos são a) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a inscrever-se, e b) o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido (Orlandi, 1999, p. 60).

No caso das pandemias, temos acontecimentos mais longínquos e mais próximos que interferem nessa tomada do acontecimento, a forma como é estruturada e se insurge no contexto caótico de tantas mortes e do desconhecimento. O discurso, nessa linha, entre para significar e constituir sentidos que passam pelo filtro ideológico do momento e releva uma linha autoritária do político e da política com o chamado avanço da extrema-direita.

O comportamento do vírus, ora se revela ao sistema imunológico e ora não como da Covid-19, dos casos sintomáticos e assintomáticos, vai sendo discursivizado na medida que os meios de comunicação e os diálogos se intensificam. Dos efeitos de sentido, retornando mais próximo dos acontecimentos do vírus H1N1 e da Gripe Espanhola, até nos efeitos de ser confundido e chamado de gripe pelo ex-Presidente da República (2018-2022), repercutindo nos discursos da população.

Por esse parâmetro, percebeu-se uma série de polarizações e polêmicas desses discursos, para uns que não tiveram perdas e para outros com vidas ceifadas e um conjunto de palavras e sentidos. Os acontecimentos, dado o recorte e objetivado no início, por esse dado e aplicado o ponto de vista teórico a eles. Dessa forma, compreende-se por regularidades as paráfrases construídas sob uma estrutura relativamente estável quanto ao sentido que é instável e se reatualiza no caso da Covid-19.

Para definição de memória e das sequências que um enunciado traz, a “paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” por meio das unidades do discurso que congrega unidades da língua, por outro lado, compreende-se por diferenças às polissemias trazidas nos enunciados. No limiar, esse é o espaço do sentido eu retoma estruturas e desloca-se por processos polissêmicos e transforma-se pelo conjunto das formações discursivas e dos interdiscursos que são “forças que trabalham continuamente o dizer”.

O dizer que no caso passado da varíola e da Revolta das Vacinas (1904), do surto de meningite, durante o período militar e outros problemas epidêmicos que se alargam para problemáticas sociais na República brasileira e sua instável democracia. Pelo olhar do político, aliado ao contexto de saúde da população e da pandemia dos discursos, delimitação provocada por essa pesquisa, chaga-se no confronto da memória e do acontecimento que a refaz nas brechas do discurso.

Isso incorre por outro motivo, dos processos ideológicos que fundem análise materialista e aprofunda a conotação pelo domínio simbólico dos processos de sentido. O laço que identifica ou não identifica, passa por esse filtro e:

Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. (Orlandi, 2012, p. 38).

Descrevemos paulatinamente os processos que envolve o discurso, ponderando e retomando o objetivo capitular, pela motivação de chagar nesse ponto específico que traz a complexidade de análise do campo materialista. No presente caso, é pela ideologia que o simbólico e todo conjunto de sentido, metafórico e de linguagem se revela. Nesse movimento que pelas palavras dos sujeitos, o objeto simbólico se revela nos argumentos utilizados, sem recair na retórica, mas nas discussões de Pêcheux (1995), que o materialismo seria a coisa a saber, portanto a ideologia (Orlandi, 2012).

Voltando a essa estruturação da memória, que articula-se com o simbólico, político e a ideologia como se propõe tratar o presente *corpus* e nas tomadas pelas sequências encontra o *pré-construído*, termo que Pêcheux importou de P. Henry “remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”.

A vertente pecheutiana se volta mais para relação histórica e no acontecimento, ao passo que a memória na análise de discurso de Eni Orlandi (2012), volta-se mais para ideologia na linguagem como é vertente postada por essa autora na tomada da AD no contexto brasileiro. E a relação mais trabalhada é a tomada como interdiscurso, em nosso contexto dos estudos do discurso, ela define e chegamos ao ponto objetivado como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (p. 31).

Esses processos de formação do discurso, para esse trabalho, constituem tema de preocupação para aclarar formação social brasileira que representado na linguagem, encontra na ideologia outra função, argumentação, simbolismo e processos históricos. No fundo, a crítica deve se direcionar para um contexto maior ligado aos estudos do discurso no molde eurocêntrico e outro para o do neocolialismo e dissociação com esse discurso que se choca no plano de decoloniedade.

No momento que descrevemos os autores e suas contribuições para os estudos do discurso, neles próprios, encontramos o ponto comum que parte da função do viés estruturalista como apresentado ao início deste Capítulo, mas o viés da AD seria o funcionamento que inclui

um domínio teórico, portanto materialista. Esse é o diferencial, inclusive explorado parcialmente entre o campo francês e análise dos teóricos brasileiros.

Essa diferenciação é importante para estabelecer os enfoques, no caso de Orlandi (2012), voltada para o acontecimento e dos processos de ideologia e na linguagem e a memória ocupa ponto fundamental porque a crítica materialista no pré-construído, seria de trazer a exterioridade diferenciada com pressupostos de Ducrot¹⁸. Essa é constitutiva e está para o interdiscurso que significa e concatena para uma outra análise do enunciado, na linha de Pêcheux (1995).

O teórico francês, insere essa compreensão por P. Henry, e a partir dessa definição, Orlandi desenvolve a noção de memória discursiva e, parafraseando Pêcheux (1999), diz que é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (Orlandi, 2012, p. 31).

Nessa relação dos conceitos, em primeiro momento trazendo das motivações para o surgimento do campo de estudos do discurso e das fases que levam ao que conhecemos hoje, mas que parte de discussões filosóficas e epistemológicas que parte do campo de estudos da linguagem. Só que encontra o papel da memória e do lugar desse amontoado de palavras que desemboca na pandemia de Covid-19, um efeito em espiral da AD, termina por encontrar a conceptualização do interdiscurso que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2012, p. 31).

Tomado esse pré-construído e o domínio histórico pecheutiano, extraímos para além das posições imaginárias que era projeto desse teórico, em primeiro momento, e das projeções e troca discursivas. Outro avanço, que para Orlandi (2012) seria das posições-sujeitos, ou seja, existe uma estruturação ideológica em cada discurso e uma direção de significação e nessa sustentação teórica firma-se que não existe discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia.

Dentro desses gestos simbólicos que são ideológicos, ante a isso trazido anteriormente, podemos observar e explicitar com os trechos selecionados nesta pesquisa, já que os sentidos existiam e retornaram sob a forma de pré-construído. Esclarecido esse ponto, liga-se aos acontecimentos de outras pandemias e/ou epidemias (Gripe, H1N1, HIV e etc.) como objetivado. Devido um acontecimento novo, instaurado simbolicamente na polissemia, para Orlandi (2012), os sentidos se deslocam. Nesse ponto, está o papel da AD com vertente

¹⁸ Os atos de enunciação dispõem de uma função argumentativa.

materialista, de enxergar a relação da ideologia com a linguagem e o papel do analista para medir essa “espessura semântica” (Pêcheux, 1995).

Isso se deve ao acontecimento de uma pandemia, em que o discurso político, importante ser analisado no interior desse trabalho, troca sentidos nas mais diferentes esferas da vida social e forma social e discursivamente outros discursos. Entretanto, o choque e a textualização que traz Orlandi (2019), difere no contexto latino-americano de diversas formas e nessa união ao simbólico, encontra “os gestos de interpretação” que é crucial nessa linha, conforme teórica brasileira.

Deles, se retira análise, leitura e o arquivo que Pêcheux (2008) privilegiava nas primeiras fases. Encontrando a forma material, corporalidade na história como atravessado por essas outras pandemias que passa pela memória e é entendida conforme esse teórico francês como (1999): “[...] estruturação de materialidade discursiva complexa” (p. 52), dela podemos apreender essa estruturação por dois mecanismos da linguagem que se apresenta como regularidade ou diferença.

Nesse recorte da materialidade e de interdiscurso, atravessado pelas formas de esquecimento N^o1 e N^o2¹⁹, a regularidade convém trazer de duas pandemias como proximamente da H1N1 e mais distante, Gripe Espanhola. A construção discursiva sempre deve partir de um referente e de como essa corporalidade que é discursiva, junto da exterioridade, podemos analisar pelas formas de linguagem nos discursos.

Diante disso, ilustramos com duas figuras de jornais extraídos da época, “a figura 1 (Gripe de 1918)” e “a figura 2 (Gripe suína)”. A pandemia de 1918, no Brasil, foi retomada pelos efeitos da memória discursiva quando do surgimento do novo acontecimento, a pandemia da Covid-19. Sobre aquela pandemia, conhecida no Brasil como Gripe Espanhola, estima-se que tenha contaminado, pelo menos 500 milhões de pessoas e ceifado entre 20 e 40 milhões de vidas, tratando-se de uma estatística mundial²⁰.

Os processos polissêmicos movimentam os sentidos no objeto simbólico, dado essa premissa orlandina (2005), o acontecimento da Gripe Espanhola marca o início para pandemias modernas que teve início no dia 16/10/1918. Isso marca um ponto crucial para os estudos do

¹⁹ Indursky (1992, ajuda aclarar esse processo de aplicação e percurso aqui tomado como: Esses dois tipos de esquecimento acompanham o sujeito na produção de seu discurso e determinam a distinção entre base lingüística (ilusão-esquecimento no. 1) e processo discursivo (ilusõesquecimento no. 2), O exame da base lingüística torna-se, pois, uma etapa indispensável, embora insuficiente, para identificar a FD que subjaz ao processo discursivo em análise. Para atingir a FD, é preciso relacionar esses dois níveis entre si (Indursky, 1992, p. 24).

²⁰ Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1813-a-fiocruz-em-dois-tempos-nas-pandemias-da-gripe-espanhola-e-da-covid-19.html> Acessado em: 09/05/2023.

discurso, pelo aspecto que o gesto de interpretação se modifica junto do campo científico, antes as pandemias eram colocadas como peste e encontravam mais no dado religioso sua forma de explicação e cura. Essa gripe modifica esse referencial, traz nomenclaturas científicas e outros modos de ideologia e linguagem que no caso da Covid, amplia-se pelo fator midiático que interfere nessa construção da memória discursiva e no discurso político.

Isso é possível analisar no fio da ideologia, no confronto simbólico, no contexto de uma pós-verdade em que se coloca fato e acontecimentos em dimensões outras, os fatos gerados na internet torna-se acontecimentos que modificam leitura do cotidiano e das verdades científicas. Em contraste com a pandemia atual, uma nota enviada pelo diretor geral do Serviço Sanitário, nos tempos da Gripe Espanhola, informava do início de uma pandemia instalada na Europa, e havia uma descrença de se espalhar pelo Brasil.

Diante da uma pandemia nova como foi Covid-19, no desconhecimento da população e da ciência sobre seus reais efeitos e que estavam em mutação e se propagando rapidamente, a OMS reteve uma demora sobre o surto. Nessa direção, os países e incluindo autoridades sanitárias brasileiras, agiam conforme os governos locais e aqui tomou-se uma dissimetria oposta ao da Organização de Saúde.

A descrença da Gripe Espanhola, rememora o caos causado pela Covid, algo que tinha sido de menor impacto com H1N1, também pela falta das medidas sanitárias e de medicamentos que fizessem frente e da negação desses procedimentos para os efeitos de mitigação e tratamento de pacientes que eram contaminados ou assintomáticos.

Essa negligência das duas pandemias e a não crença dos seus reais efeitos faz parte de um processo de negação, ambos discursos foram modificados pela quantidade de infectados e mortos. Os respectivos governos, só diferentemente da H1N1 que teve uma postura mais cautelosa em relação ao vírus, fez considerar só os “casos benignos” para contabilizar o número de infectados. Autoridades começaram a ficar preocupadas, quando isso aumentou na capital de São Paulo e havia um alerta para o fechamento das escolas.

Na Covid-19, esse fato ilustra outra relação, para os sentidos da contenção da curva epidêmica que foi feito de forma diferente pelo Governo Federal, em relação da OMS, no distanciamento e isolamento social que adquiriu outros contornos como DSS – Distanciamento Social Seletivo e/ou Distanciamento Social Ampliado – DSA, no âmbito do Ministério da Saúde²¹.

²¹ É o que explora Silva; Almeida (2022), no verbete Distanciamento Social.

Nesse momento, o entremeio entre diferentes momentos epidêmicos e sanitários no Brasil, revela uma formação discursiva comum e formação social de um processo ideológico que se transpõe independente dos momentos históricos. Dessa forma, são crises plurais que estão para além de uma pandemia, mas trazendo uma sindemia, como afirma Melo; Gonçalves; Morales da Silva (2022, p. 143) Uma categoria recente que pode englobar articulação de análise presente nesse projeto do político, saúde e do discurso em seu plano simbólico de interpelação.

No fio da análise, o plano da memória entremescla processos discursivos e faz encontrar sentidos comuns e que se diferencia, como no Dia 22/10/1918, o expediente informou o primeiro óbito, na Covid esse óbito aconteceu em 13/09/2019²², menciona-se que ambas atingem sobretudo camadas mais pobres e faz parte do contexto social que forma os discursos no Brasil.

A seguir, “A Figura 1 – (Gripe de 1918) ilustra essa relação anterior, já que incumbia a esse o formato de divulgação que era pelos jornais impressos como instrumento de comunicação de massa.

FIGURA 1 – (Gripe de 1918)



Fonte: Jornal Correio Paulistano – expediente

02/12/1918.

A partir desse momento, a coluna “Influenza Hespahnola” divulgava, todos dos dias, os números de mortos e atualizava o total de mortes do começo da epidemia. Na Covid-19,

²² <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio/>

mudanças significativas ocorreram com entrada do rádio (1922)²³ e da televisão (1950)²⁴ e da internet no início dos anos 90, muita coisa mudou. Nesse contexto, a formação social e novas relações ideológicas e maneira de formar os discursos foram oferecidas para os sujeitos, nesse ponto reside o entendimento de Pêcheux (1995) para formações discursivas, elas englobam essa mudança e se combinam de diferentes aspectos nos planos das palavras e mudam de formação para outra. Sem perder formas de esquecimento ou propriamente do interdiscurso, os boletins da Covid-19, sofreram uma maior divulgação em escala global nunca antes vista, também de uma governabilidade com OMS.

O complexo de formações ideológica coloca as formações sociais em igual problemática, pela formação dos discursos na contemporaneidade e nas formações culturais que sofreram significativas mudanças. Os boletins epidemiológicos eram dado com grande medo como no passado, trazendo o número de contaminados, doentes, mortos outros dados que mescla a televisão com o espaço da internet.

São dois espaços tempos distintos e de processos ideológicos que refletem diferentes formações sociais, porém balizados por um interdiscurso semelhante com repetições e diferenças. Voltando a *Influenza Hespernhola*, outra designação válida também à pandemia de 1918, foi título das colunas veiculadas no Jornal Correio Paulistano²⁵, primeiro jornal da província de São Paulo, digitalizado e disponibilizado no Acervo Público de São Paulo - APESP²⁶.

Nessas notas diárias, foram constatados boletins informativos dos infectados pelo vírus que viria a ter mutação no H1N1 e qual a situação dos obituários. Semelhante ao que ocorreu no atual contexto, a presente análise permite lançar o que pretendi Pêcheux (1995), em contraste essas pandemias que revela formações discursivas distantes e o interdiscurso como foi localizado no ponto dos sentidos da gripe para Covid, dos boletins epidemiológicos e nas formas do acontecimento.

²³ <https://www.camara.leg.br/radio/programas/935450-em-7-de-setembro-de-1922-houve-a-primeira-transmissao-de-radio-no-brasil/#:~:text=M%C3%BAAsica%20do%20Dia-,Em%207%20de%20setembro%20de%201922%20houve,transmiss%C3%A3o%20de%20r%C3%A1dio%20no%20Brasil&text=O%20programa%20apresenta%2C%20diariamente%2C%20uma,%2C%206h50%2C%2013h20%20e%2020h.>

²⁴ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-09/tv-brasileira-programacao-primeira-decada>

²⁵ Os trabalhos tipográficos de Joaquim Roberto de Azevedo Marques foram iniciados em 1854; presenciou os ideais autoritários da Ditadura e a luta em favor dos movimentos sociais e pausaram as atividades no Governo Getúlio Vargas em 1930. Ao retornar o diário, manteve-se ativo por mais algum tempo, encerrando suas atividades em 31 de julho de 1963.

²⁶ Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/acervo/digitalizados?hemero> Acessado em: 09/05/2023

A descrição das pandemias com memória, contextualiza a necessidade de situar os esquecimentos que são atravessados, o que escapa a inscrição e o que é absorvido (Orlandi, 1999). Está para marcas linguísticas e discursivas do *corpus* em análise, evidencia formações sociais complexas e dinâmicas no atual contexto cultural, esse que ocorreu no mês de outubro de 1918.

A crise sanitária instalou-se em São Paulo e discursos jornalísticos informavam, nos últimos dias de dezembro, a morte de mais de 5 mil paulistanos. Entre os comunicados intitutados de “A Grande Guerra” e “Derrocada alemã”, como eram veiculadas no Jornal Correio Paulistano, havia boletins informativos dos mortos e infectados pela Influenza Espanhola. Uma média mundial de 50 milhões de mortes foram contabilizadas.

Na Covid-19, formas de tratamento e a maneira como o acontecimento foi encarado pelas autoridades sanitárias, fez com que o número de infectados fosse grande como o número de mortos. O recrudescimento ocorreu entre o primeiro semestre de 2020 para o segundo semestre do mesmo ano, sem vacinas e medidas eficazes contrárias no choque do discurso político do GF.

Pêcheux (1995) destaca que era importante localizar o simbólico com o político, algo que nesse instante se alcance situando o acontecimento da AD junto do pandêmico, a ser aprofundado na próxima seção. Nesse momento, cabe situar a memória do dizer (interdiscurso) da pandemia da Gripe Espanhola, atravessado pelo evento e acontecimento da Covid-19, retomado 102 anos depois desse acontecimento histórico.

Dado que a pandemia de Covid-19 foi tomada como gripe, por diversos momentos, semelhante a Gripe Espanhola e H1N1 que se espalhou, considerada a primeira epidemia do século XXI, no Brasil matou mais de 2 mil pessoas. Transmitida pelo vírus H1N1, o período também era nomeado como “Gripe suína”, pois o vírus afetava os porcos ao mesmo tempo em que afetava os seres humanos. A “Figura 2 – (Gripe Suína)” ilustra essa relação:

FIGURA 2 – (Gripe suína)

Gripe suína mata 22 no México e chega a Nova York

Vítimas em território mexicano podem ser mais de 100; EUA decretam emergência para conter disseminação

ANDRÉAMISTA
ADRIANA ZERREBRAS
 COLABORADORES

O governo dos EUA decretou situação de emergência em saúde pública em razão da disseminação da gripe suína pelo país. Até ontem, foram confirmados 20 casos em cinco Estados. Agente de saúde disseram esperar achar outros 5 medidas que se investiga a rota do vírus H1N1, causador da doença.

No México, houve 22 mortes, comprovadamente causadas pela doença, e o br-

A emergência, diz o governo dos EUA, é procedimento padrão para conter a disseminação. No país, só um doente foi hospitalizado. Há 36 casos suspeitos na América do Sul, na Oceania, na Europa e no Oriente Médio.

Na Cidade do México, onde as ruas ficaram suspensas, a população foi paga de surpresa, mas não há sinais de pânico. No Brasil, o Ministério da Saúde descartou a hipótese da doença em dois casos em São Paulo.

Médicos recomendam evitar viagem para regiões de contágio

Como não há medidas específicas de prevenção contra gripe suína, infectologi-

Entre humanos, a doença se transmite principalmente por gotículas de saliva.

De acordo com a matéria anterior, essa foi outra pandemia com características parecidas, no conjunto das formações discursivas científicas, no caso, a tomamos como acontecimento histórico de 2009. Sendo uma mutação viral de Influenza identificada no México e nos Estados Unidos. A figura anterior do Jornal Folha de S. Paulo do dia 27/04/2009, ainda traz mortes como consequência de uma gripe instalada nesses dois países, e de como esse acontecimento ficou conhecido (Gripe suína). Após quatro meses, centenas de países contavam seus casos de contágio e os números de mortes com pouco mais de 2 mil pessoas²⁷.

A presente seção trouxe três pandemias em recorte, pelos gestos de interpretação e confronto simbólico e no plano da saúde e do político terem sido colocados interdiscursivamente como uma “gripe”. Localizado Gripe Espanhola, H1N1 e a Covid-19 nesses processos discursivos e sociais e de como a materialidade ideológico se faz, a pandemia é um novo acontecimento que “vem perturbar a memória”, segundo Pêcheux (1999, p. 52), sendo possível a absorção desse acontecimento pela memória e os que escapam sutilmente.

Adotando o ponto de vista desse teórico, nessa linha do primado do mundo sobre o pensamento, o acontecimento discursivo pode provocar uma interrupção e poderá desgastar ou desmanchar uma “regularidade” antes posta (Pêcheux, 1999, p. 52). É o caso em questão da análise, diante do levantamento descritivo de outras pandemias registradas na história é que procuramos cumprir neste subitem um dos objetivos específicos desta pesquisa. Propomos discutir como se constitui o acontecimento de uma pandemia como suas repetições e deslocamentos de sentido pela paráfrase e polissemia que também se demarca na Covid-19, também das posições-sujeitos e do discurso institucional como foi preocupação de Pêcheux (2008) nas primeiras fases da AD.

Foi apresentado algumas pandemias anteriores e que revelaram uma memória discursiva que será aprofundada nas próximas seções e de como ela se manifesta na forma de um acontecimento articulado com os objetivos principais aqui calcados do político, saúde e do discurso pelos gestos simbólicos de interpretação. Por entre os aspectos ideológicos, englobando os pontos principais das fases da AD materialista, articulado nos processos de sentido que a memória permite reconstituir e possibilitar essas retomadas.

Reavendo e analisando o que já se disse sobre pandemia, vírus, contaminados, emergência sanitária, sobre quem informa e como o discurso participa e ao mesmo tempo está incumbido de solucionar o caos, de servir de estrutura de forma do acontecimento aos

²⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>

esquecimentos que permitem emergir à produção da textualidade e à materialização do discurso.

Aparentemente esquecida, a Gripe Espanhola de 1918-1919 foi “rememorada”, dado o surgimento de “acontecimentos novos”. Na mídia jornalística da época, encontramos discursos típicos da Memória Discursiva que também se apresentam nos discursos da Gripe A (H1N1) de 2009 e da Covid-19 (2020), trazidos aqui no fio da análise. Uma imbricação desses acontecimentos²⁸ constituídos por “jogo de força da memória”, esse é o jogo que se materializa na língua ao compreendermos a regularização e a desregularização dos discursos. É jogo que resulta em paráfrase e/ou polissemia no funcionamento dos discursos.

1.2. A AD e o acontecimento pandêmico

No subcapítulo anterior, chegamos na definição que para Orlandi (2012), importa mais os processos de acontecimento e do estudo da linguagem junto da ideologia, já para Pêcheux (1995), os processos históricos e essas nuances são importantes para serem aplicadas na Análise do Discurso e articuladas junto do outro arcabouço discursivo.

O recente acontecimento pandêmico, conhecido como pandemia da Covid-19, marcou a história mundial, a partir de 2019, uma pandemia midiática e informada por diferentes maneiras em seus boletins e números. Por meio da OMS, houve entre os países um conjunto de esforços que se mobilizaram para combater um único vírus, o SARS-CoV-2 que provocou uma infecção nos seres humanos e desdobrou-se em contágio por todo o mundo.

O acontecimento histórico de uma pandemia, além de se constituir por um amontoado de vidas ceifadas veio a se constituir pelo acontecimento do significante polissêmico que age no simbólico, portanto para ressignificar formações discursivas pelo interdiscurso. Nesse sentido, podemos citar acontecimentos semelhantes, como a Gripe Espanhola de 1918 ou a Gripe A H1N1 de 2009, que produziram objetos simbólicos na/para a história. O homem, enquanto indivíduo que cumpre seu papel social, faz parte dessa produção e de uma formação social mais ampla, que no molde de uma governança global inédita da pandemia que foram afetados pela história e são constituídos em sujeito.

Nesse sentido, queremos esclarecer de início a diferença entre indivíduo e sujeito, que em AD são tomados como parte do processo de assujeitamento, nas primeiras fases, como

²⁸ Pêcheux trata como “choque do acontecimento” (Pêcheux, 1999, p. 53)

posiciona Malidier (2003). Trazendo que linguagem e ideologia confronta-se no plano do simbólico e se insurge contra concepção disciplinar que não enxerga o discurso como elemento retórico somente, mas estruturado ideologicamente como propôs Pêcheux (2008).

Isso significa uma estrutura ideológica no plano do simbólico, em que a materialidade específica do discurso é a ideologia e a materialidade do discurso é a língua, então o político e a ideologia se encontram. No pensamento pecheutiano, ocorre nessa junção de ideologia e a linguagem, para uma interpelação, esse sujeito é aquele indivíduo interpelado pela ideologia, que sofre os processos ilusórios e toma a língua/linguagem como marca material de existência.

Tal linha de análise, corrobora Orlandi (2012, p. 46), quando diz “indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”, isso significa se voltar para forma material e a história e o que se esquece é até mais importante que a própria lembrança, segundo essa linha referencial da AD no Brasil. Isso se aprofundará Orlandi (2008a), pelo fato metodologicamente situado que a nuance é interpretação de sentidos e que essa direção de análise, encontra um respaldo maior na Psicanálise.

Pêcheux (1995) dirá desse sujeito que é resistência e a ideologia alcança na análise os gestos de interpretação e que é seu objetivo (Orlandi, 2008b). Tomado posição de ambos, o indivíduo é aquele que vem antes do processo de significação, pois, a partir do momento que o homem/indivíduo toma o discurso para significar a si próprio e significar o mundo, torna-se sujeito.

Inscrito no acontecimento, formulado por um acontecimento histórico e encontra-se no domínio simbólico. Os sujeitos que produzem objetos simbólicos são afetados pela história, ou seja, os sujeitos utilizam elementos de linguagem para se inscrever na história. No caso da pandemia, o acontecimento atravessa o quadro social e sanitário de uma forma que rompe com formações discursivas passadas e cria outras pelo interdiscurso e instaura outros esquecimentos ao sujeito.

A negligência do GF com os caminhos de enfrentamento da OMS, repercute por vários modelos de governo com configurações militaristas e que foram superestimados os efeitos dessas pandemias no Brasil. O sujeito se movimenta nesse eixo, dentro das formações sociais existentes na estrutura ideológica estatal, importantes para tomadas de decisões e de que verdade acreditar no contexto da pós-verdade.

Se para Pêcheux (2008) o sentido é equívoco, para Orlandi (2008b) esse seria formado por um “revés” da vontade do sistema, do unívoco e isso é importante porque essa teórica brasileira avança na compreensão do sujeito, pois ele seria individuado. Esse processo ocorreria

dentro do aparelho estatal e pela pluralidade de discursos e formações sociais que se modificam ao passo das ideologias que circulam e tomam forma. Seria nesse sentido, que AD apresenta um deslocamento da noção de história, pois não a considera como cronologia-tempo, mas como espaço material de produção/reprodução/transformação dos acontecimentos.

Ao lado da produtividade e a criatividade, o discurso incorpora a noção de história em que os acontecimentos passam a ser construídos de uma outra forma, não somente linear e do sistema ou da doutrina determinado pelas convenções sociais existentes. AD, nesse conjunto, nos instrumentaliza para desvelar uma opacidade ou não-transparência dos acontecimentos históricos, na medida em que se considera a relação entre língua-discurso-ideologia se estabelece a relação linguístico-histórica responsáveis pela produção de sentido.

A opacidade, importante destacar, após problematização das questões da memória, no conjunto de formações discursivas para o funcionamento da vida social requer localizar justamente o confronto simbólico. Descrito por Pêcheux (1995), essa seria essencial para se reconhecer os novos sentidos, já que para esse teórico a sociedade é dissimétrica e do “*non sense*”. Nesse ponto, é que se forma o sujeito dividido e a não transparência que irrompe ideologicamente pelo inconsciente e a ideologia e AD, trata de entender justamente o modo de funcionamento dessa ideologia.

Isso significa, em linhas gerais,

Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentido, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica. (Orlandi, 2012, p. 19).

Os novos sentidos foram muitos junto da Covid-19, como alcançados parcialmente com a memória e o desenvolvimento de sua definição aplicada ao contexto pandêmico. Na linha da exterioridade e constitutividade junto das FDs, isso significa também distinguir o fato e o dado, segundo Orlandi (2008a), porque na perspectiva materialista importa esse esse predisposto que oferece o acontecimento comunicativo.

É importante distinguir porque sempre houve desinformação, mas condições de produção e o esquecimento deve ser retomado para alcançar o choque político da exterioridade na linguagem, ou seja, das metáforas e relações de sentido de palavras que comunicam com outras e pelas margens da FD (Pêcheux, 2008).

A fase pecheutiana do “On a gagné” (“Ganhamos!”), reflete a fundamentação teórica aqui presente, para localizar essas relações de força, trazendo o enunciado e incidindo sobre

uma reflexão na materialidade e na linguagem e das novas produções de sentido como de uma simples flexão nominal na pandemia.

É o caso dos sentidos da Covid (doença) ou o Covid (vírus), segundo o verbete de Melo; Gonçalves; Morales da Silva (2022), o primeiro de encontro para com os efeitos de sentido da doença e o segundo para com os efeitos do discurso científico, na descrição da taxinomia e outros aspectos do vírus (SARS.CoV.2). Esse enunciado constitui peculiaridades e marca um choque de duas formações discursivas na Covid-19, duas formações sociais fissuradas pelo qual se tomou posições-sujeito.

O encontro do discurso político, como objetivado, parte desses dois sentidos básicos que se fizeram na língua, mas provocados nos discursos, uns se apoiavam no discurso da ciência (o Covid) e/ou (a Covid). Mídias, no geral, destacaram mais os efeitos da doença do que suas causas e explicações científicas e (o) Covid foi instrumentalizado como “o vírus chinês”. fala do Presidente dos EUA, Donald Trump.

Efeitos que se sentiram na realidade brasileira, vai ao encontro justamente dessas formações discursivas que se revela na forma material e como parte dessa “textualização do político”, para Orlandi (2019). Essa espessura volta-se para dentro da estrutura e modo de funcionamento dos discursos e se reflete na língua, mas encontra sentido nos domínios do discurso que está para além de uma separação e incute na de gênero.

Nele e outros mecanismos linguístico-discursivo, distingue-se enquanto posicionamento ideológico para manifestações de sentido que se organiza um determinado discurso, no ato de nomear e a taxinomia que se apoia justamente essas formações discursivas entre diferentes nomenclaturas e sentidos. Desse modo, houveram relevantes diferenças dos posicionamentos dentro dessas formações, aprofundado por um interdiscurso que resguarda uma memória própria do Brasil, em lidar com suas pandemias e situações sociais.

Revelado no discurso material na língua, modificava-se completamente o sentido a depender de quais sujeitos, uns pró OMS e outros pró GF, duas FDs que estão em embate de sentidos por um forma linguístico-histórica (Orlandi, 2012). A demarcação das pandemias passadas e do histórico da Covid, delimita viés teórico desta pesquisa, é possível explicar que a AD enquanto teoria analítica da forma material, viabiliza compreender como “os objetos simbólicos produzem sentidos.

De acordo com os estudos da teórica brasileira referenciada, esse percurso, faz atingir os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois intervêm no real do sentido.” (Orlandi, 2012, p. 26). A pandemia é da ordem do Real, os gestos

de interpretação que se cria por ele e/ou a nomeia é da ordem do sentido, nessa linha, esse seria o objetivo dessa teoria em compreender os gestos de interpretação.

A dimensão do político-ideologia é importante para localizar nuances dos gestos como das formações discursivas que podem ser localizadas pela flexão nominal, na ironia, nas metáforas da “gripezinha” que diz ser sem intenção por parte do ex-mandatário da República. Tal noção, seria a de desconstruir a univocidade do sentido, uma vez que assegura que o sentido é constituído da relação entre sujeito e história.

Ao analista do discurso, os gestos de interpretação são produzidos por sujeitos afetados pela história que retomam um acontecimento histórico e produzem sentidos que antes existiam em outro lugar. Isso fica opaco no momento em que a língua tem de historicizar-se e ocorre, justamente, a partir da paráfrase, da metáfora, da sinonímia, etc.

Esses mecanismos conceituais do discurso, reflete o confronto de filiações que são da ordem do político e da ideologia que dão vida ao acontecimento pelos mecanismos de significação da língua. Os referenciais tomados para significar, nesse propósito:

[...] desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regulação anterior. Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento. (Pêcheux, 1999, p. 52-53).

Os deslocamentos, como explicitados, são da ordem da polissemia que mexe no material simbólico e atual pandemia, encontra a ordem do discurso, uma vez que o acontecimento estabelece uma relação sócio-histórica para as Ciências Humanas e Sociais. O confronto político e social das ideologias, constitui e fazem os sentidos e sujeitos se movimentarem, pois “entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação” (Orlandi, 2012, p. 68).

A presente pesquisa, conforme objetivado no início, trabalha o passo a passo desses referenciais para explicitar mais os processos de análise e ao analista, já que resulta por essa linha em demonstrar o trabalho da ideologia nos termos orlandinos. Como feito pelo viés pecheutiano, preocupa em explicitar o que é discurso e não definir necessariamente o que é discurso que estão para materialidades.

Essas que estão para coletivas de imprensa, pronunciamentos, documentos oficiais e não oficiais são exemplos de objetos simbólicos produzidos por sujeitos que ocupam determinada posição social. Em um contexto de pandemia, encontramos algumas formulações que constituem esses objetos e retornam e produzem sentido, eles produzem e reproduzem uma opacidade dos confrontos ideológicos e históricos.

Reconhecidos pontos disso pela memória de outras pandemias e relacionado aos pontos em comum dessa, são sentidos que podem permanecer os mesmos ou não comparados a outros acontecimentos históricos semelhantes. No caso de nossa pesquisa, que toma pronunciamentos produzidos em período de pandemia e sobre a pandemia, olhamos as práticas discursivas do *discurso político* a fim de compreender como outros discursos atravessam os pronunciamentos.

As retomadas e atravessamentos são possíveis, pois o interdiscurso inscrito por enunciados que carrega essa materialidade não do unívoco, mas do equívoco (não transparente), mediante análise disponibiliza “todo o conjunto de formulações feitas e esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2012, p. 33). Aqui formas de esquecimento e projeções das formações sujeito adquirem um outro patamar, pois o indivíduo por si só não basta para condicionar o sentido das palavras, elas precisam já ter sentido para fazerem sentido.

Isso implica redes de implícitos, revés, margem que subverte e retoma o que já foi dito e resulta em uma continuidade manifestado na textualidade bruta que foi ouvida e passa a um descortinamento de uma continuidade interna, isso é possível quando a formulação é determinada pela relação que estabelece com o interdiscurso.

O enunciado como trazido por Pêcheux (2008) em nós ganhamos, não pode perdurar devido que essa não transparência provoca o romper que acontece pela estabilidade e os implícitos deslocados pela continuidade externa. Isso significa dizer, que se refere ao interdiscurso que estabelece relação com o jogo da memória, ou seja, “é o espaço potencial da coerência próprio a uma memória” (Orlandi, 2012, p. 33).

A fundamentação anterior serve justamente para localizar como AD compreende e traz o acontecimento, o reconstituindo no dito de uma pandemia que retoma o dito em outras pandemias como do que não está dito e cujas palavras, proposições e expressões relacionam-se com uma memória.

Por ela, que se revelam os implícitos trazidos nas formações discursivas e explicitar esses dois pontos é para encontrar o que é discurso, no molde pecheutiano, o dito que é retomado devido a um novo acontecimento (Pêcheux, 1999). Em seu trabalho sobre a memória, o autor se questiona e busca onde residem os famosos implícitos, e aqui é fundamental destacar que “estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro do oculto?” (Pêcheux, 1999, p. 52).

O choque do acontecimento sobre a memória discursiva no interdiscurso que se renova pelos acontecimentos e os sentidos dos mecanismos de análise, conceituada pelo teórico francês, será focado nas próximas seções. O como significa trazendo o implícito ou o pré-

construído e que surgem um acontecimento novo como o da pandemia da Covid-19. Firmando um dos objetivos do trabalho da memória com as repetições, regularizações, deslocamentos e transformações nas discursividades.

Parcialmente, a presente subseção localizou o acontecimento da pandemia de Covid-19 produz esses sentidos, sendo da ordem do real e que afeta os sujeitos históricos, diferente dos outros períodos sanitários, mas interligados na formação da sociedade brasileira e global em politicamente lidar com problemas e soluções. Por um conjunto de ideologias que produz e reproduz outros questionamos que se entrecrocavam sobre qual a regularidade e ou diferença permeiam os discursos dos dois ex-ministros do governo Bolsonaro.

O recorte anteposto ao *corpus*, propõe estabelecer os equívocos ao observarmos o modo de funcionamento da memória no discurso, ditos na pandemia da Covid-19, localizando formações discursivas e revelando essas questões dentro das práticas sociais. Conforme Pêcheux, o acontecimento discursivo provoca interrupção e “pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série que não estava constituída enquanto tal” (p. 52), assim detectamos a diferença.

No caso dos ministros, é possível extrair reflexões do institucional que encontra outras formações em outros momentos históricos, mas das diferenças que ao passo de Indurky (1992), o trabalho do analista de base materialista, é justamente entender co-ocorrência e a ocorrência de um mesmo sentido em distintos modos. Localização das diferenças, desse modo, considera o discurso dos ex-ministros pertencentes a tipologia discursiva do *discurso político*, não nos apegando ao tipo, pois esse viés de análise toma o discurso e utiliza da Linguística para atestar hipóteses.

Desse modo, o Corpus elege no conjunto do arquivo delimitado o momento da pandemia, atravessado na memória e das formações discursivas, por um conjunto de regularidades e diferenças que uma vez que buscamos o modo de funcionamento desses discursos e das perfurações de outros discursos para com a tipologia do político como localizado em Orlandi (2012, p. 86).

Essa autora, ainda propõe para alcançar o modo de funcionamento do discurso, citando três desses modos: discurso autoritário, discurso polêmico e discurso lúdico. Tais formatos atravessam os discursos dos ministros, diante de uma pandemia desconhecida, o lúdico para exemplificar e defender os argumentos, o autoritário conforme o viés inculcado no governo que retoma características militares.

Conforme estudou largamente Indursky (1992) que define esse discurso como uma possibilidade para encontrar esses vestígios que versa do político, mas desse com o autoritário com características militares e essa é a diferença para outros conjuntos de formações discursivas pelo mundo. Para essa autora, desde o getulismo e das características fundacionais da República, a presença desses segmentos formalmente evidencia os implícitos e os não ditos na tomada de decisões que implicou em tantas vidas ceifadas.

De toda forma, nossa vertente explicita uma coerência interna no quesito de análise desse tipo de discurso, pelos mecanismos e jogos de sentidos que infringem em consonância à:

A isto desejamos acrescentar que, em nossa opinião, tal indissolubilidade não é privativa do político, mas nele torna-se imprescindível para sua abordagem analítica, pois é a partir da memória discursiva que é possível apreender os funcionamentos de encaixamento do preconstruído, do discurso transversal e a articulação de enunciados discursivos. (Indursky, 1992, p. 38).

Em partes, foi trazido ao fio de análise esse pré-construído e articulado pelos enunciados e acontecimentos, o discurso pandêmico que se desdobra no *discurso político ministerial* como a tipologia discursiva dos modos autoritários, lúdicos e polêmico no jogo de regularidades e irregularidades na formação social brasileira e no histórico que se constitui pela linguagem a ideologia.

Capitulando os presentes objetivos dessa seção, foi trazido os olhares de diferentes autores, delimitando-se pelas fases da AD, inclinado para o viés materialista e dentro desse o modo de funcionamento que fosse capaz de integrar e reconhecer uma homogeneidade opaca e presente no discurso, mas que se vincula a estratégias a partir da identificação por uma ou mais formações discursivas.

Essas que encontram diferentes enfoques, no presente caso, voltado para com sua articulação na memória e nos modos de funcionamento para análise das formas de esquecimento que estruturam ideologia na linguagem, mas que nos momentos posteriores encontra outros discursos interdiscursivamente marcados pelo mecanismo da polissemia, cujo referente comporta-se de maneira diferente sob o mesmo.

Nesse jogo, o sentido histórico e movente para com análise pecheutiana, apreende essa homogeneização do discurso que ocorre como um funcionamento cristalizado, em que a memória discursiva, reconhecida pelas formações discursivas, trazem o acontecimento discursivo (Indursky, 1992, p. 39). Isso significa, na mesma linha de entendimento, que a polissemia considerando essas tipologias classificadas, pode-se dizer que reduz o referente ao

apagamento da relação com interlocutor. Pelo fato que ela é marcada pela ambiguidade e não se reduz ao dito, mas ao dizer num contexto múltiplo e discursivo (Orland, 2012, p. 86).

Nesse viés orlandino (2012), o modo que apenas o locutor apareça porque roga para si o dizer inscrito nos discursos polêmicos, o referente se movimenta de um lado para outro na relação entre locutor e interlocutor. Feito essas distinções que compõem o discurso pandêmico, no desconhecimento pelo qual se faz expressar várias estratégias para significá-lo, dentre elas, o presente desdobramento trouxe partes do recorte para os efeitos de memória, segundo Indursky (1992).

Por essas, o acontecimento se mostra, já que reatualiza e não perde os sentidos dessas formações discursivas pela heterogeneidade não-marcada que traz justamente como o discurso político se forma, entretanto nos distanciamos das críticas de Pêcheux, exposta no artigo de Silva e Sargentini (2005) *Análise de Discurso Político e a Política da Análise de Discurso*, na qual esclarecem o posicionamento da Análise de discurso enquanto ciência ao resenhar o texto de Pêcheux, *O estranho espelho da análise do discurso* (1981).

As entradas das fases da AD, memória, FDs e do discurso político, fazem parte teórico-metodológica dessa pesquisa que se calca nas bases materialistas, nas críticas que desencoraja os que consideram a análise de discurso como uma disciplina para discutir política. Silva e Sargentini (2005), nesse propósito, pensam AD como uma disciplina para fazer ciência e fazer política é uma ‘imbecilidade’, parafraseando as palavras de Pêcheux. Assim, assumem que o teórico foi crítico a essa postura que invadiu a Teoria do Discurso, que analise o discurso militantes, mas não pode ele ser o fio condutor das análises e desse campo de estudos.

Desse modo, pode se ampliar a crítica ao político, que se perde ao se olhar somente a política e sua visão circunstancial da realidade e das coisas, perdendo o fio da memória e dos processos históricos como das ideologias e estratégias para convencer. Esse é o sentido do discurso, disso o percurso construído nesse Capítulo, cumprimos com o primeiro objetivo específico ao demonstrar a construção do acontecimento pandêmico da Covid-19, aplicado ao conceito de memória discursiva e a ser aprofundado com práticas nas formações discursivas para o momento seguinte.

CAPÍTULO II – ARTICULAÇÃO DA MEMÓRIA NA AD MATERIALISTA PARA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS

O presente Capítulo coloca-se como pano de fundo dessa pesquisa, explicitando os objetivos, quando pretende destacar um conjunto de práticas discursivas, pelos pronunciamentos aqui trazidos dos ex-ministros. Neles, anteriormente articulamos os processos que envolve a memória, abrangendo para transversalidade desses discursos, até atingir os enunciados sequenciados (vice-versa), como aponta Indursky (1992), no último capítulo.

Nesse instante, pretendemos abordar os efeitos de sentido, após definirmos o que significa e destacar pela vertente da AD materialista e o que podemos encontrar ao analisar tais práticas que se extraem FDs e fazer sentir esses mecanismos de análise funcionando nos discursos. Recuperando e determinando pelas materialidades recortadas, passando pelo evento da pandemia, feitos anteriormente no *corpus* e que constroem os discursos dos ex-ministros e o governamental que baliza tais relações ideológicas e gestos simbólicos.

Tais práticas como de suas respectivas formações discursivas são analisadas nesta pesquisa, na seção anterior, foram recuperadas algumas memórias e FDs que na pandemia foram tomadas para reconhecer o funcionamento do vírus. A relação entre memória e formação discursiva, subsidia ao analista encontrar os atravessamentos pertinentes do político que é diferente da política, já definido e diz respeito à instância do discurso e relação que significa com polissemia (Orlandi, 2019).

Objetivo que reconhece a complexidade do objeto discurso e suas múltiplas relações, mas que no atual contexto polarizado, pouco se consegue interpretar os gestos que fazem parte de uma condição ideológica e simbólica, portanto para pandemias e realidade sanitária brasileira. Dentro de uma formação social que inclui diversas crises e construções desiguais para os cuidados com saúde, educação e da dignidade humana do trabalho como se viu nos piores momentos da Covid-19.

O político é difícil de encontrar, deve ser reconstituído na instância do discurso e trazendo seu modo de funcionamento, no caso, com marcações da ordem da língua que é diferente e convém diferenciar. Essa, para Orlandi (2008a), seria da ordem significante que é capaz de equívoco, de falha, de deslizos e por isso estamos a percorrer as sutilezas das nuances que permeia os sujeitos e os sentidos aproximando ou distanciando-os.

O significante aqui é compreendido, por essa teórica brasileira, como uma espessura material que não é abstrata e sim direcionada por um sujeito atravessado pelas relações do

sujeito histórico que toma posições discursivas e que produz outras, entre diferentes discursos como no caso da “gripezinha” para com uma relação regulada com a memória do dizer, trabalhada pelas formas de esquecimento e estruturado pela ideologia. A relação da instância do discurso e da ordem da língua, ambas passam pelo viés de análise e são importantes de serem explicitadas também, apesar de escapar e não termos controle.

A instância do discurso, no viés de Orlandi (2012), passa pelos ditos ou dizeres possíveis e nas determinações históricas e condições materiais como dado pelo imaginário e dos tipos de esquecimento como dado inicialmente. Isso significa trabalhar com formulação, constituição, efeitos de sentido que origina ilusão do sujeito como origem do dizer ou imprecisa a realidade permeada até atingir constituições dos sentidos pela ordem do ideológico.

Esclarecido esses pontos que trazem relações das partes desse trabalho, dentro da ordem do equívoco e da opacidade que se utiliza dos mecanismos de análise que foram trazidos para descrever os processos discursivos. Sendo algo que no que impele aos implícitos e a superfície do dizer como tomada das posições sujeitos, nos sentidos que percorrem na margem e instauram opacidade pelas FDs. Isso significa, para Pêcheux (1996), que só existe dizer que para esse conjunto de materialidades, porque existe outros discursos e formas que incide no real do texto, portanto das ambiguidades e dos confrontos ideológicos na língua inscritos pelos discursos.

Isso vai constituindo partes deste trabalho, alcançando fases da AD, os pontos principais desse campo de estudos que foram revisitados e serão afunilados nas próximas seções. Fundamentado anteriormente em sentido amplo, nesse momento, volta-se para particularidades do materialismo e para subsidiar os recortes do *corpus* aqui presente.

A partir desse momento, a serem delineados nas sequências discursivas com mais ênfase, retiradas desses contextos e imersas nas FDs, dentro de práticas do político pela questão sanitária de saúde e dos discursos aqui em destaque.

2.1. A teoria materialista do discurso aplicado às práticas

A teoria materialista dos processos discursivos foi pensada por Michel Pêcheux (2010), ao examinar em que medida caberia desenvolvê-la a partir da articulação com as teses de L. Althusser. A proposição de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” apresenta-se para Pêcheux como um ponto de contato que apoiaria a densa base teórica que pretendia fundar.

Na obra *Aparelhos Ideológicos do Estado* (1983), L. Althusser, investiga os meios para dizer do assujeitamento e de interpelação para entender da materialização da ideologia, cuja proposição revelada no pensamento pecheutiano, diz que a interpelação de indivíduos em

sujeitos garante a tese que defende essa materialização (Pêcheux, 1995). Esse ponto histórico, veio marcar uma virada nos estudos do discurso, devido ao campo da linguagem ainda não ter sido relacionado ao indivíduo-sujeito-ideologia com a reprodução das condições de produção²⁹.

No “Ideologia e Aparelho Ideológico de Estado”, lança-se uma reflexão de como uma formação social reproduz as forças produtivas e das relações de produção existentes. Influenciado por K. Marx, essa compreensão da esfera social adquire fundamental importância, porque nela força produtiva apropriada pelas elites dominantes e que corresponde a força de trabalho.

A proposta de Althusser, foi retomada por Pêcheux (1996), nessa linha materialista e a partir dos Aparelhos Ideológicos do Estado, noções essas das formações sociais que são imprescindíveis e que reside às FI – Formações Ideológicas, portanto a ideologia surge para atender a complexidade social. Em partes, essa foi encontrada nos recortes de matérias jornalísticas e dados das pandemias passadas e que permitiu trazer, pontos de contato, para um modo político de funcionamento da ideologia no Brasil.

Das decisões para crises institucionais e questões globais, atualmente, ligado pela internet e que nessa linha de raciocínio, trazendo de Althusser (1996) e Pêcheux (1995) para os dias atuais, continua sendo na ideologia que a materialidade aparece, logo a materialidade discursiva. Essa noção vai ser dada com Althusser e também com Lacan, na concepção de Marx, trazendo bases fundacionais da disciplina para formações econômicas produz determinadas formações sociais (Althusser, 1985).

Dados formações sociais, nesse ponto, encontra-se formações ideológicas para justificar essa materialidade que justamente aparece na FD. Orlandi (2005), ajuda-nos nesse processo, quando também diz das “Condições de Produção”, revisitado anteriormente esse conceito que no discurso do percurso histórico se articula na da memória, no interdiscurso e o intertexto, das formações discursivas.

Na linha dessa autora, trata-se da paráfrase que é matriz do sentido, ligado a metáfora de um termo pelo outro dado na palavra, inscritos na noção de tópicos e não-tópicos trata de um conjunto de enunciados à instituições, os documentos, tendo mais precisão para se localizar uma FD’s, partindo das instituições (Pêcheux, 1995).

Na opacidade desses conceitos aqui mobilizados e relacionados para AD materialista, com finalidade de reconhecer na matriz das sequências discursivas (em anexo), por elas extraído

²⁹ Althusser apresenta uma seção *Sobre a reprodução das condições de produção* no artigo intitulado *Ideologia e Aparelho Ideológico de Estado* (1996).

o conjunto de proposições no *corpus* de análise. A partir disso, a presente pesquisa afunila reconhecer os elos entre autores Arroche, Pêcheux, Paul Henry, porque esse procedimento é fundamental para o analista do discurso, trazendo o quadro epistemológico que Pêcheux (1995) abrange três regiões do pensamento científico.

São elas do Materialismo Histórico e das formações sociais, Althusser (1996) localiza como sendo a história real que não pode ser reduzida a uma origem, para com uma causa somente e/ou da política, para com uma essência como identificável e determinista, na linha de Marx. Dessa forma, propõe a teoria das ideologias, na qual Pêcheux (1995) amplia o campo da visão de autor, para além de uma falsa consciência, ou seja, estamos diante da relação imaginária com o mundo social, interconectados com os grupos e classes sociais e etc.

Essa relação pecheutiana, desdobra-se na linguagem que é o espaço por excelência que reside às ideologias, no discurso. Orlandi (2019), nessa mesma linha, aplicado ao *corpus* de análise aqui em evidência, trata o político como espaço de tensão e conflitos em que é necessário ir além do que está posto nos conteúdos (viés mais pragmático), e/ou da formulação na superfície do corpus bruto, mas de transpor análise em espiral.

Essa compreensão ideológica da forma material no político é diferente ou relacionado a ele, objetivado nesse trabalho, congrega um campo de questões que se ligam ao Pêcheux (1995), no início quando formulava sobre o institucional, mas à revelia desse que encontra outras realidades presentes para compreensão desse discurso político. Na linha desse autor, existe discursos que estão à revelia do institucional e essa interpela os indivíduos em sujeito, os enunciados no interior de um determinado corpo de enunciados, em uma equivalência da FD com o discurso (Pêcheux, 2008).

Esse seria o discurso que escapa, o sentido em relação à que propõe Orlandi (2012), forjados na ideologia como uma falsa consciência com relação ao imaginário com o mundo social e análise permite identificar como residem e funcionam relações imaginárias e a visão de mundo como um simulacro não real, vivemos segundo nossa ideologia (Pêcheux, 1995).

O ponto principal para Pêcheux, é que a ideologia possui uma existência material, cria uma identificação que não é um espelho para esse autor, eis diferença para Althusser, mas de um todo que inclui formações ideológicas – FI e para com formações discursivas FD, diferenciação que encontra com Foucault, outro quadro teórico que traz para dispersão e os interstícios, recuperando a explicação desse conceito com Orlandi (2012).

Percorrido a formação pecheutiana do Materialismo Histórico, Psicanálise que será desdobrada ainda nessa seção, alcança-se o objetivo capitular de a ideologia nesse sentido materialista, trata-se de uma questão prática. Dessa forma, é prática ideológica, em outras palavras dos processos simbólicos de sentido, resulta do trabalho da ideologia, constitutivas pela relação sujeito para com o sentido (vice-versa), integrado na relação imaginária do homem com o simbólico (Orlandi, 2012).

Esses processos, no caso, retirado da oralidade dos ministros, a partir de distintos contextos que existe o não dito ou aquilo que escapa memória, os implícitos da ideologia de um governo Bolsonaro, mediado por outras discursividades dentro de uma materialidade descrita (pode ser consultada em anexo), também de outras línguas como é o caso do Trump. Prática ideológica aqui, remete a uma visão de mundo imaginada por esses agentes e possui uma existência material ideológica como fazer gestos de armas, supremacistas, segregacionistas, zombando de pessoas morrendo de Covid.

O real da pandemia, fez atravessar na tomada desse simulacro pelo discurso e nessa discussão os gestos simbólicos e reações são geradas e passa pelo crivo das FI e FDs, para com relações econômicas e sociais, em última instância como trouxe Pêcheux (1995). Foram o Materialismo e a Psicanálise, encontra-se Linguística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação, não se tratando de uma empiria, mas dos processos históricos fundados na base material para o linguístico e o discurso com relação que se funde no real e simbólico (Orlandi, 2012).

A relação teórica aqui provocada, pretendeu expor nessa subseção como se entre mescla duas forças que se fundem, ou seja, garantem mantendo a reprodução da força de trabalho pelo ponto de vista capitalista (Althusser, 1996). A virada conceitual e teórico-metodológica das bases da Análise do Discurso de linha materialista, ocorre nesse ponto das condições de produção e da produção/reprodução das ideologias.

O capitalismo industrial, ao longo desses processos, passou por transformações pela instância ideológica e econômica para bases marxistas e também languageiras como nos trouxe Pêcheux (1995). O que Althusser pretende, revisitado por pelo pensamento pecheutiano, é do campo do Discurso para avançar com base materialista e nos estudos das condições de produção capitalista.

Nas primeiras fases, dentro do conjunto das instituições que formam esse aparelho socio-ideológico, tomam força produtiva para si e trabalham dentro de uma estrutura ou

superestrutura que assujeita e/ou interpela a vida social. Isso significa constituir uma crítica ao modelo de produção vigente.

2.2 AD materialista interdisciplinarmente ligada à Psicanálise

Na ordem do equívoco, tomando crítica que o campo da AD e no contexto das humanidades realiza no século XX, com vários movimentos revolucionários e de contestação. Situa-se na procura dessa prática discurso e pelo social, um questionamento crucial de como se dá a reprodução da força produtiva, acarretando para uma reflexão dos modos de dominação de uma estrutura capitalista.

Pondera-se que não mais mecanicista como inova Pêcheux (1995), que na fonte de Althusser (1996), avança para além dos pólos, o dominado e o dominante, isso significa:

[...] também, ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida, isto é, uma submissão à ideologia vigente, para os trabalhadores, e uma reprodução da capacidade de manipular corretamente a ideologia dominante, para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que também eles assegurem “com palavras” a dominação da classe dominante (Althusser, 1996, p. 107) (aspas do autor).

Todo esse arcabouço teórico traz o funcionamento da sociedade capitalista para o centro de discussões, a reprodução da força de trabalho não é apenas a reprodução, mas das condições que significa nas relações sociais e de classe. Ampliando tal ponto de vista, da apropriação do modelo de vida capitalista que no atual estágio, demandas de várias complexidades distantes das linhas industriais e da mecanização, mas robotizado com expansão da internet.

Para essa problemática, é formulado uma hipótese que se desdobra nos atuais estados para AD, na maneira como formações sociais é explorada ou cria formas de resistência, passa pelos discursos. Pêcheux (1995), no contexto científica da formulação do campo, faz avançar a questão quando inclui Psicanálise.

Esse desdobramento provindo da teoria psicanalítica lacaniana, aprofunda o campo dos discursos na teoria das subjetividades e entre linguísticas, história e psicanálise. A teoria do discurso, em Semântica e Discurso, especificamente na III - Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês, Pêcheux (1995) discorre da determinação histórica dos processos semânticos, faz base das questões que desagua nas paráfrases, metáforas, FD.

Isso significa, em síntese, que nos sujeitos aparece a manifestação ideológica de um discurso, ainda que transpassada também pela subjetividade e psicanálise, mas ponto de partida é a materialidade ideológica e nas formações ideológicas que estão para várias formações discursivas.

Percebemos esses mecanismos como meios de reflexão da estrutura capitalista, é sob esse esclarecimento que define *Infra-estrutura*, ou base econômica como “a ‘unidade’ das forças produtivas e das relações de produção” (Althusser, 1996, p. 109) e *Superestrutura* como ‘níveis’ ou ‘instâncias’ jurídico-política e ideológica. Para se obter uma melhor compreensão da relação entre dominante e dominado, Althusser usa a metáfora de um edifício e aponta a representação da determinação da *Superestrutura* que permanece sob a base econômica.

São com essas contribuições das leituras que Althusser (1985) faz de Marx e que Pêcheux que propõe deslocar para ideologia nos estudos da teoria do discurso, ainda essa direção, o marxismo formulam sua ciência da história em O Capital, de que há uma ideologia em geral. Esse teórico que abre o ponto de partida para o pensamento pecheutiano, relaciona que o inconsciente também é universal.

Dessa forma, são duas categorias anteriores que mostram que são instâncias e que definem que nosso ego não é livre e são universais, isso significa que não somos donos do nosso próprio dizer e a ilusão desse sujeito, constitui formas de esquecimento e por essas duas ciências que provocam cisões entre si. Segundo linha materialista com Althusser (1985), o inconsciente é cultural e Pêcheux (1995) quando traz Lacan, diz de um sujeito assujeitado e interpelado, mas que constrói formas de resistência e que toda questão ocasionada pela cultura é transmitida pela linguagem e o sujeito é afetado por esses múltiplos pontos.

Afunilando e delimitando a concepção materialista do discurso aqui adotada, sobre materialismo histórico, para o discurso, consiste na “teoria das formações sociais e suas transformações, incluindo-se aí a teoria das ideologias” (Indusky, 2013, p. 26). Dessa forma, conforme Orlandi (2012), é a linguística: teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e a teoria do discurso: teoria da determinação histórica dos processos semânticos descrito no sujeito consciente e inconsciente em sua memória (Pêcheux, 1995).

Esclarecido esses pontos e a partir do pensamento orlandino, pode-se traçar as possibilidades de pensar os deslocamentos, deslizos e equívocos da língua que acontece no discurso, porque nele reside o sentido. As bases materialistas estão consonantes a essa análise; a ser aplicado nas sequências, focalizando pelos deslocamentos de sentido desses enunciados

no interior da pesquisa, trazendo suas nuances articuladas pela disciplina da AD, enfatizando que o campo tergiversa para além de uma disciplina.

Revisitado anteriormente sobre a ideologia e o materialismo histórico e o campo linguístico para formação da AD, Ferreira (2010) esclarece a relação entre o inconsciente e a ideologia que faz parte do escopo da AD. Autora aborda, para expor sobre a construção do sujeito da AD, essa que trouxe diversas rupturas referentes a constituição do sujeito desenvolvidas, nos postulados da Psicanálise.

A linha teórica presente mobilizada por Pêcheux (1995), inicialmente, para ela significa que estamos diante de “um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam” (Ferreira, 2010, p. 19). O ponto central pelo qual se mobiliza seu ponto de vista, é quando diz que nuance psicanalítica com o discurso, consiste “nó borromeano de Lacan”.

Tal conceito corresponde a três anéis entrelaçados, segundo ela, e no caso da aplicação lacaniana se entrelaçam a Linguagem, a Ideologia e o Inconsciente mutuamente. Explicitando esse processo, trata-se de uma região central desse entrelaçamento é posto o Sujeito que é denominado como tríplice aliança que estrutura o *real-simbólico-imaginário*, na explicação de Ferreira (2010), “simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções de *linguagem – ideologia – inconsciente*”.

Desse modo, existe uma articulação entre esses domínios que o enfoque na AD, pode ser mais voltado para um campo ou outro no que confere a teoria do discurso pensada por Pêcheux (2010), como uma teoria não subjetiva da subjetividade de natureza psicanalítica. Isso significa que está voltada aos paradoxos que tomam a concepção de sujeito, que o autor revisitou e modificou sua percepção da ideia que concebia de início de um sujeito centrado e hegemônico.

A heterogeneidade e exterioridade, confere aqui a concepção de sujeito, no caso, o sujeito não seria mais interpelado e assujeitado, haveria o inconsciente pela ótica da Psicanálise das leituras que Lacan, que fez de Freud, é ponto de contato para instigar esse deslocamento dos sentidos. Para Pêcheux (2008) a linguagem entra em jogo para atribuir um *caráter estrutural do discurso* que também é ilusório pelos esquecimentos presentes nos sentidos, uma vez descrito, é realizado sob uma ótica ideológica e obscurecida permeada por esse inconsciente.

Para além de pensar o sujeito apenas como inconsciente e ideológico aqui já descritos, Pêcheux desenvolve em “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de

uma retificação” (1995), uma reavaliação de todos posicionamentos anteriores de uma posição não subjetiva sujeita a processos de identificação e desidentificação.

É preciso afirmar, com base nesse teórico francês, a ordem do inconsciente não coincide com a ideologia, isso não significa que questões que envolve ideologia não devam ser pensada sem referência ao registro do inconsciente (Pêcheux, 1995). O presente trabalho localiza essa discussão, porque nela está uma distinção entre ideologia e desidentificação que liga ora mais para o inconsciente ou para práticas sociais e formações discursivas.

Nessa reavaliação do teórico francês, ele introduz o conceito justamente de “sujeito-político”, fundamental para localizar o trabalho com esse tipo de discurso que escapa à interpelação da ideologia dominante quando envolve o inconsciente, lutando não necessariamente pela revolução, mas pela mudança.

Para ele, trata-se de homens que não podem ser objetificados, ou seja, mereamente suportes de uma ideologia. Isso é dado pela tomada de consciência e lições de experiência que na política, encontra o caminho pelo qual se auto educa. Dessa forma, é o político como objetivado aqui, para com a política e outras esferas sociais e das resistências e lutas que se refaz os sujeitos.

Parafraseando Pêcheux (1995), nem o lapso ou ato falho seriam bases históricas para constituição das ideologias ou da condição de sua disjunção que encontra na luta de classes como contradição histórica motriz, porque se divide em dois para ele, e não em um mundo unifica pelo poder de um mestre somente.

Essa seria explicação para nó borromeano de Lacan” e do pensamento pecheutiano, clivada e dividida e teria por trás da teoria uma subjetividade de natureza psicanalítica. Articulando os processos que instauram o *real-simbólico-imaginário* do sujeito nos discursos, presente em *Análise Automática do Discurso* (1969), localizado alguns pressupostos de *Semântica e Discurso* (1975).

A presente subseção trouxe esse enfoque para essa outra compreensão do sujeito que se desloca, porém que compreende o funcionamento discursivo como uma prática ideologicamente constituída corrobora Indursky (2013, p. 26).

Sintetizando a ideia principal, Pêcheux (2008), nesse processo, por meio do pensamento de Althusser e Lacan, desenvolve a teoria da determinação histórica dos processos semânticos

(teoria do discurso). Capta nos campos do conhecimento o sujeito enquanto imbricamento do ideológico e do inconsciente dos processos discursivos.

A ideologia, o inconsciente, linguagem e sua realidade socio histórica que visava, segundo Ferreira (2010, p. 19): “denunciar o caráter ilusório de qualquer pretensão de autonomia das consciências”. É observando esse caráter ilusório defendido pela teoria do discurso é que apreendemos a falta, os furos, o equívoco, a contradição, aquilo que foge, aquilo que escapa. O caminho da opacidade, das identificações e não identificações que é possível apreender as materialidades do discurso.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Retomando partes anteriores, a presente pesquisa se volta para história-opacidade (1) na AD, propondo um percurso que permita ao analista ver funcionando a ideologia e os sentidos, por um viés teórico-metodológico de análise que encontra bases materialista. Isso significa encontrar os gestos simbólicos de interpretação, aqui o componente metodológico e direcionado como:

Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. E isto não ter a ver com a objetividade da análise mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação. Por isso o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do *corpus*, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes. (Orlandi, 2012, p. 64).

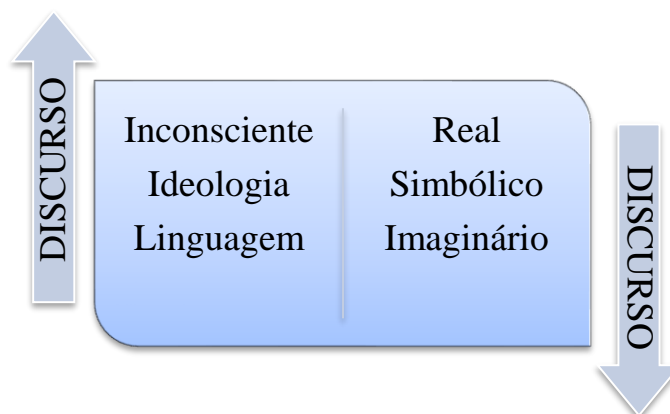
A metodologia de trabalho toma as categorias teóricas da Análise de Discurso de linha francesa, feito uma revisitação às bases dos materialistas com Achard (1999) Malidier (2003), Ferreira (2010) sobre uma visão mais ampla do campo de estudos. Levando em consideração trabalhos dissertativos, artigos e obras de cunho pandêmico que disponibilizaram um mapeamento das noções e conceitos concernentes à investigação aqui proposta.

Tomado por um diferencial para descrever o funcionamento discursivo, trazendo categorias de análise que julgamos mais adequadas para resolver o problema de pesquisa, como sujeito, sentido, interdiscurso, memória discursiva, formação discursiva, formação ideológica, estrutura, acontecimento e efeito metafórico. Conforme discorrem os teóricos Althusser (1985, 1995), Pêcheux (1995, 1996, 2008), Orlandi (2005, 2008, 2010, 2012, 2017) e Indursky (1992, 2011, 2013).

Essas categorias de análise são retomadas parcialmente e construídas junto do *corpus* de trabalho, considerando o dispositivo teórico e o quadro teórico de referências delimitados para analisar o *corpus* e os corpora. A partir do dispositivo, análise passa por um tratamento do corpus bruto, que é a primeira etapa da análise seguido do objeto discursivo extraído, no qual configura a segunda etapa que é trazer o objeto discursivo. Esse então é submetido a mais um tratamento crítico, com recortes localizados para refinamento da análise, constituindo a terceira etapa, para alcançar os resultados nos processos discursivos (Orlandi, 2005).

Diante desses princípios e procedimentos dos processos discursivos, será possível expor o gesto de interpretação, que descreve o modo de funcionamento do discurso e representa dispositivo analítico fundamental para encontrar a constituição dos sujeitos e dos sentidos e a estrutura do discurso em relação à memória discursiva³⁰. A seguir, na “FIGURA 3 – Relação das memórias com formações discursivas”, ilustra-se uma relação que permite melhor percorrer questões históricas e a opacidade na linguagem e relacionar o que está sendo trabalhado.

FIGURA 3 – Relação das memórias com formações discursivas



Fonte: dos autores

Explicitado os pontos que entrelaçam a presente pesquisa teórico-metodológica, procuramos explicitar o percurso metodológico e o desenvolvimento teórico adotados na pesquisa. Primeiramente, disponibilizamos os dispositivos capazes de nossa operacionalização como analistas do discurso, os dispositivos teórico e analítico.

Nessa direção teórico-metodológica e de análise, percebeu-se o acontecimento histórico junto dos acontecimentos discursivos mediados pela memória, desse fato foi trazido o acontecimento simbólico. A retomada do *corpus*, nesse momento, orientado por Orlandi (2012), serve para identificar e destacar nuances de quem pode dizer ou diz sobre o início e o fim de uma pandemia?

Partindo da pergunta de pesquisa, os mecanismos de análise que trazem ao leitor a pertinência do objeto, já que ele explicita uma reflexão de “como os sentido” dos discursos se articula encaixando o preconstruído, transversalidade entre os discursos e a articulação desses no plano

³⁰ Memória Discursiva: É o lugar dos implícitos, do pré-construído, a memória está diretamente vinculada as formações discursivas.

do enunciado (Indursky, 1992). O recorte interposto permite identificar os sentidos da pandemia e como são tomados, e a perceber os deslocamentos da forma que é mais linguística e também está para ideologia.

Processos que foram deslocados para esses acontecimentos (a), do discurso político (b) não só exterioridade (c), mas a autoridade e os efeitos de sentidos que incide nessas mesmas formações discursivas pelos efeitos da memória entre FDS e no interdiscurso. Sintetizando, o funcionamento da formação discursiva da ideologia que descreve o conjunto de formações sociais na realidade brasileira.

Articulando a história-opacidade (1), pelo real-simbólico-imaginário (2) que lhe levam a terceira fase pecheutiana da linguagem-ideologia-inconsciente (3) que envolve o simbólico e a ideologia e é capaz de alcançar os objetivos como desenvolvidos no interior desse trabalho, por Orlandi (2008a) e da base materialista da AD.

Nos recortes no *corpus* com os quais explicamos como nos orientam no processo de análise, metodologicamente, partindo de Orlandi (2012), situado o objeto discursivo e o (*corpus* bruto) presente nos anexos, para a segunda etapa consiste em submeter o objeto discursivo a um tratamento crítico contemplado no interior deste trabalho. Para dentro de uma discussão teórica e de análise por fragmentados dessa memória heterogênea das pandemias.

A terceira etapa aplicada, temos o processo discursivo em si que revela na forma material o domínio simbólico do funcionamento dos processos de sentido. Por esses mecanismos de organização do discurso, é possível alcançar pelos discursos dos ministros, os processos de sentido como refutação, corroboração de um para o outro, postura e gestos de interpretação diante da imprensa.

Para isso, adota-se um conjunto de falas transcritas percorrendo o material bruto, na linha de Orlandi (2012), principalmente pelos discursos dos ex-ministros da saúde que imprimiam sentidos e os textualizam em acontecimentos públicos taquigraficamente, sem excluir nuances da oralidade.

Isso é possível por meio das sequências discursivas, trabalhados com afinco, no Capítulo IV – As Análises dessa pesquisa. Passando pela superfície, perpassando pelas materialidades linguísticas e nelas extraídos os posicionamentos (FDs) e suas inscrições que fazem da presente análise uma crítica dessa histórica que passa por equívocos e registros na linguagem como propunha Pêcheux (2010).

Percurso que nos permite atingir o objetivo central que é o acontecimento da pandemia da Covid-19 e das práticas discursivas, marcado sócio-historicamente no Brasil, entre o início

e “fim” da gestão do ex-presidente Bolsonaro. De modo a trazer os atravessamentos dessas memórias e para FDS como dos principais dos discursos que se estendem e articulam entre o de Mandetta ao Queiroga consequentemente.

3.1. Dispositivo teórico e dispositivo analítico

Para esta pesquisa construímos dois dispositivos que consideramos como escutas discursivas, pelo viés de Orlandi (2008a), relação que permite aclarar o discurso político, atravessando o dispositivo teórico da interpretação. Algo feito no *corpus*, dentro de três mecanismos fundamentais, exemplificados na figura “FIGURA 4 – Conceitos de Análise: memória pandêmica, formação discursiva atravessado pelos interdiscursos e discurso político”.

FIGURA 4 – Conceitos de Análise: memória pandêmica, formação discursiva atravessado pelos interdiscursos e discurso político e ideológico



Fonte: dos autores

A figura anterior ilustra os direcionamentos tanto pelo analista que parte de uma pergunta de pesquisa, quanto para o método em AD, que disponibiliza conceitos a serem trabalhados pelo analista. Estes foram abordados mediante discussão teórica na primeira parte desse trabalho, para encontrar por meio dessas relações e conjunto de conceitos que se interligam, os processos de sentido e os gestos de interpretação

Aplicando o entendimento orlandino da análise em espiral, o dispositivo analítico definido, após os recortes teóricos e conceituais “inclui a natureza dos materiais analisados, a questão colocada e as diferentes teorias dos diversos campos disciplinares” (Orlandi, 2012, p. 28). No atual contexto, muitas discussões estão a se formar no campo do discurso com internet, só o que ocorre é o dito de outro modo, diante do que já se encontra no dispositivo teórico que o analista mobiliza e faz funcionar.

A tomada materialista, lança luzes sob: [...] o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do *corpus*, relativamente à questão posta pelo analista em seus objetivos. Isto conduz a resultados diferentes. (Orlandi, 2012, p. 64). Na linha dessa autora, esclarece que existe uma caixa de ferramenta que alude ao dispositivo teórico e como essas ferramentas serão utilizadas dependerá do analista, desse modo, a autora afirma que o dispositivo teórico permanece inalterado devido os pressupostos (princípios gerais), entre “a descrição” e “a interpretação”.

Esses dois pontos foram o dispositivo do analista, conferem sustentação para aplicação independente das mudanças históricas, aprimorando essa ferramenta pela tomada do *corpus* e requer do dispositivo teórico uma exigência. Ambos mecanismos de descrição e interpretação se entrelaçam e conferem o suporte necessário para destacar o trabalho da ideologia em funcionamento enquanto discurso.

São esses dispositivos que o analista do discurso utiliza para guiar o trabalho de pesquisa e se chegar o processo discursivo, dentro da base materialista, considerando que são circunscritos e inter-relacionados como forma de acessar o conhecimento da AD, frente aos diferentes dispositivos analíticos (teoria do discurso).

Das condições de produção, formações discursivas e ao interdiscurso, o processo discursivo denominado por M. Pêcheux (1975) refere-se como processo de produção do discurso na forma mais neófito de formulação do conceito, consiste por ser o processo que reconhece a língua como base para a representação estabelecida nas relações sociais. Porque são nelas que se colocam formações ideológicas e sociais para formações discursivas, incluindo o real da língua e o real da história que atua o analista (Orlandi, 2017).

É nesse espaço do equívoco, deslize e do escapar dos sentidos que atua o analista, nessa fase de Pêcheux (1975), alcança-se algumas evidências na relação da base linguística/processo discursivo, por isso, esse processo é definido como a língua posta em funcionamento.

Nesse instante, pelo dispositivo teórico pecheutiano, passa-se aos gestos do discurso político dos ministros, existiria uma nuance dessa FD, mais próxima do discurso governista e

aliado ao do Presidente da República, na medida que distanciava-se do discurso médico e epidemiológico junto da Comunidade Científica Internacional (vice-versa). Ambos os discursos são guiados por uma ideologia, não existe neutralidade, são identificados nesse ponto por visões de mundo e da realidade do vírus.

O patógeno é guiado por uma realidade biológica e estritamente científica, porém adquire uma dimensão social e discursiva na medida que está para um conjunto de pessoas e se propaga em sociedade. Para com uma organização e formação própria do Brasil, diferenças para com o restante do mundo com governo no espectro da extrema-direita.

Nesse viés, o pensamento orlandino fialialmente ligado ao pensamento pecheutiano, ambos de base materialista, permite apreender o sentido histórico e movente que iniciar no discurso institucional que era rarefeito no início da AD. No avançar do campo, deslocou-se os processos discursivos para uma outra semia da significação e do funcionamento, para além do semântico, compreendendo uma historicidade na polissemia e paráfrase.

O entremeio orlandino possibilita atravessar o enunciado, texto e o discurso de forma articulada e integrativa para compreender o espaço-tempo dos sentidos, no real-simbólico-imaginário pela linguagem-ideologia-inconsciente.

Encerrando essa subseção, por esse conjunto de procedimentos, pode-se levar o analista ao objeto discursivo, na qual foi refletido o processo de de-superficialização, cuja função é a delimitação das formações discursivas, localizar também as formações ideológicas. Dado a presente discussão, pela materialidade dos dois ministros, é atingido “a constituição dos processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentidos produzidos material simbólico” (Orlandi, 2008, p. 78).

Sendo objetivo da presente pesquisa esses se tratam dos pronunciamentos que são processos discursivos metodologicamente situados nessa linha. Na próxima subseção desse capítulo, irá ser destacado essas relações pelas sequências discursivas, após os apontamentos dos principais dispositivos teóricos e seus usos para delineamento da posição do sujeito funcionando na língua.

Indusrky (1992), toma fala dos quartéis e parte dela para o viés materialista, discurso que se aproxima das FDs atuais e interdiscursivamente é retomado no Presidente de República Bolsonaro. Importante esclarecer que sequências em si nada significam, mas nelas são vários os discursos possíveis quando tomados em conjunto, ou seja, trazer uma sequência linguística e relacionar na ordem do discurso como já destacado no interior dessa pesquisa.

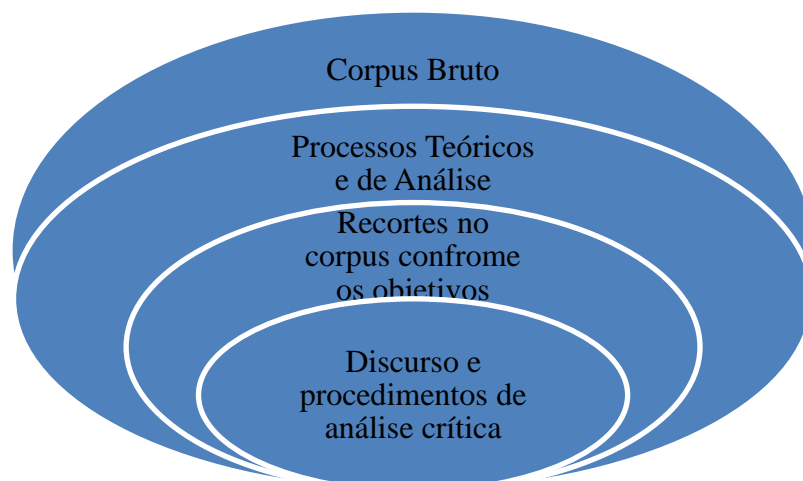
Por esse prisma, Pêcheux (2010) ajuda tratar no âmbito de funcionamento das frases que fazem dimensão superior do objeto para com o processo discursivo, destacando quais filiações de sentidos e as ideológicas pela rede de memórias que o discurso mostra se vincular. Em qual formação discursiva o discurso está inserido e quais as referências na instância da enunciação e eleva a compreensão para atingir a formação ideológica (vice-versa).

3.2. Os pronunciamentos ministeriais: da superfície linguística ao processo discursivo

Na presente subseção é tomado algumas marcas enunciativas do próprio *corpus*, podem ser lidos na íntegra, previamente nos anexos e pelas sequências discursivas nos próximos capítulos que representam os recortes dos discursos dos ex-ministros. Para isso, procuramos descrever e explicitar a Metodologia aplicado que admite encontrar na superfície linguística (*corpus* bruto), o material bruto coletado. Dele, procuramos extrair o processo de análise e abrimos para discussão para os modos de análise que privilegiamos e situamos no início dessa seção.

A ilustração a seguir, “Figura 5 – Da metodologia materialista em Orlandi” traz um pouco desses processos em espiral.

FIGURA 5 – Da metodologia materialista com base em Orlandi (2012)



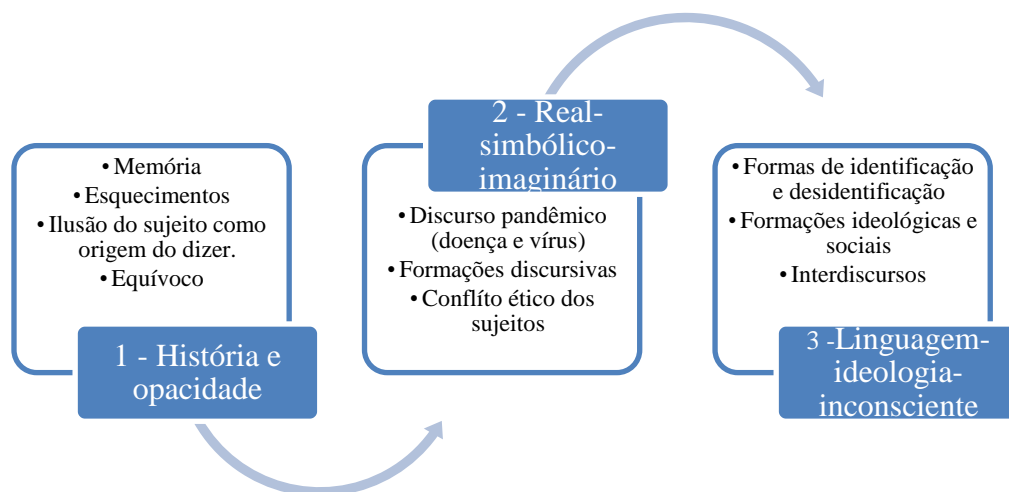
Fonte: Dos Autores

Desse primeiro processo aqui explicitado, retira-se os conceitos atinentes para técnica de encontra o discurso de linha materialista na AD, trazendo os procedimentos metodológicos com os princípios teóricos pertinentes, objetivados nos recortes do *corpus*, trazendo análise

propriamente dita e a escrita da análise que passa por esse percurso. Definido e delimitado esses pontos, importa trazer o texto e sua discursividade, com formações ideológicas e discursivas que orientam esse discurso e descrever esse discurso e a qual ideologia ele pertence (vice-versa), politicamente (Orlandi, 2008a).

A partir desses pontos, o discurso ministerial pretendemos aprofundar um modo de análise como viabiliza essa autora e de Pêcheux (1995), articulando os seguintes pontos em destaque: a história-opacidade (1), pelo real-simbólico-imaginário (2) a linguagem-ideologia-inconsciente (3). A “figura 6 – Do modo de análise para discurso ministerial na gestão Bolsonaro na pandemia de Covid-19”, elenca e explicita o empenho deste trabalho.

FIGURA 6 – Do modo de análise de análise para o discurso ministerial na gestão Bolsonaro na pandemia de Covid-19



Fonte: dos autores

A presente seção compreende o campo do discurso com base na articulação dessa linha de raciocínio materialista e suas diferentes linhas de investigação. Trazendo-lhes para o refinamento composto das sequências discursivas, em que é possível explicitar análise mais acurada e detalhada. Delimitado o espaço teórico-metodológico e do percurso objetivado junto do *corpus*, passa-se aos sentidos para identificar as formações imaginárias das relações de força no “discurso concreto”.

Nesse instante, explicado os princípios e procedimentos de análise, encaminhado por Orlandi (2008a, 2012), é possível analisar a fase dos “procedimentos críticos”. Antes disso, com base na “FIGURA 5 – Da metodologia materialista com base em Orlandi (2012)”, fizemos

a descrição do “*corpus* bruto” que se encontra nos anexos por seleções de vídeos do Youtube e por outras leituras que compõem a presente revisitação de literatura.

O material verbo-visual é composto pela transcrição dos vídeos que nos apresentam as falas de dois ex-ministros do governo Bolsonaro, feitas em pronunciamentos e coletivas de imprensa que abordam o tema pandemia da Covid-19. Esse *corpus* foi passado aos “processos de análise”, com base no materialismo histórico e na teoria das ideologias, foi debatido sua pertinência e para ser processos na memória.

Desse “recorte material conforme os objetivos”, definimos melhores ferramentas de análise do discurso com base no percurso pecheutiano e orlandino, trazendo particularidades brasileira, junto da teoria francesa e seu histórico. Selecionando o instrumental mais adequado e discussões teóricas entre os autores, para definição dos procedimento de interpretação e análise.

Dado esse enfoque e procedimento metodológico, uma relação que trouxesse relações entre memória, formações discursivas e formações ideológicas presentes nos vídeos disponibilizados no canal TVBrasilGov que tem como missão “informar e noticiar as ações do Poder Executivo”³¹. O *corpus* foi escrito com transcrições próprias aqui em análise, a primeira observação constatou que, de 2019 a 2020, o canal disponibilizou 5 (cinco) vídeos (03/03/20, 19/03/20, 22/03/20, 25/03/20 e 31/03/20) de coletivas de imprensa e 1 (um) vídeo (23/03/20)³² de pronunciamento, do ex-ministro Luiz Henrique Mandetta que abordaram o tema pandemia da Covid-19. E disponibilizaram, de 2021 a 2022, 1 (um) vídeo (14/04/2021) de coletiva de imprensa e 1 (um) vídeo (17/04/2022) de pronunciamento do ex-ministro Marcelo Antonio Cartoxo Queiroga que abordaram o tema.

O recorte anterior e por ele, delimitou-se um material muito importantes e que formam o *corpus* pandêmico, entre eles dois textos de pronunciamentos, encontramos formas materiais de uma ideologia submetida ao histórico de uma opacidade nos processos de sentido que pretendemos aprofundar. Trata-se de uma da gestão do ex-ministro Mandetta, datado de 23/03/2020, o outro da gestão do ex-ministro Queiroga, datado de 17/04/2022.

O afinilamento de análise, faz-nos contar uma disparidade nas formas de pronunciamento, uma nuance que nos fez dispensar coletivas de imprensa que se tornaram menores, diante das formas de noticiar essa pandemia. Por um lado, a hipótese de

³¹ Informação retirada da descrição dos objetivos do canal na plataforma Youtube (https://www.youtube.com/results?search_query=tv+brasilgov acessado em: 10/02/2023).

³² Apesar da descrição do vídeo constar como Coletiva de imprensa.

silenciamentos que pretendemos percorrer na materialidade das sequências, nos capítulos seguintes, filiados a uma ideologia militarista e de tipo mais autoritária como descrevemos para o político ou de sua negação em crise para com o sistema capitalista.

Por outro lado, até pelo uso extrapolado das redes sociais, da campanha de desinformação e do sentido opaco que trouxemos nos capítulos anteriores e que destaca pontos em comum dessa pandemia, atravessada por outras e que se relacionam entre formações discursivas e ideológicas. Emergindo uma formação social e ideológica de um governo de espectro de extrema-direita, o que foi considerado inédito na história recente, uma história militarista que encontrou outras condições de produção das subjetividades.

Desse modo, dispensamos as coletivas de imprensa, pois, constatamos uma disparidade no montante quando comparamos ambas gestões. Até pelo recrudescimento da pandemia e dos prejuízos sociais como também político do atual governo, fechando-se em suas estratégias de comunicação simbólicas nas redes sociais.

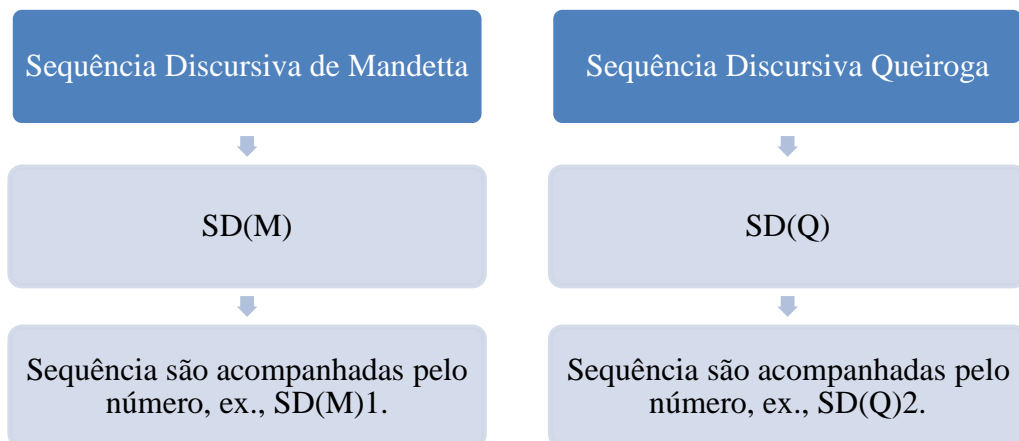
Por essa razão, muito das transcrições que fizemos das coletivas de imprensa ficam para um próximo trabalho de pesquisa, dando-se prioridade para dois pronunciamentos dos dias 23/03/2020 e 14/04/2022, cujos recortes recebem os tratamentos críticos no *corpus* e atendem aos objetivos presentes, conforme o planejamento de materiais e processos da metodologia que adotamos.

No anexo do discurso 1 (D1), apresentamos a transcrição do pronunciamento de 23 de março de 2020 do ex-presidente Bolsonaro e de seus ministros. A duração total do vídeo é de 39 '30 ", sendo o discurso do ex-ministro da saúde, Mandetta que nos interessa, que é apresentado a partir do minuto 4:30 do vídeo, com duração total de 8 '45 ". As sequências discursivas referentes ao D1(Mandetta) se apresentam a partir daqui pela sigla SD(M), seguida da sequência numérica 1, 2, 3, 4... até finalizar as possibilidades de análises, conforme o objetivo da pesquisa.

Apresentamos também, o discurso 2 (D2) conforme transcrição em anexo do pronunciamento de 17 de abril de 2022, o qual informa o "fim" da Emergência de Saúde Pública. A duração total do vídeo é de 5 '40 " e o discurso que nos interessa é do ex-ministro da saúde, Queiroga, que se apresenta a partir do minuto 2:00 do vídeo, com duração total de 3' 40". As sequências discursivas referentes ao D2(Queiroga) estão representadas pela sigla SD(Q), seguida da sequência numérica 1, 2, 3, 4... até finalizar as possibilidades de análises para cumprir os objetivos dessa análise.

Inserimos uma figura para representar essas relações, “Figura 7 – Exemplificação dos procedimentos metodológicos para análise das seqüências discursivas dos ministros Mandetta e Queiroga”.

“Figura 7 – Exemplificação dos procedimentos metodológicos para análise das seqüências discursivas dos ministros Mandetta e Queiroga”



Fonte: Dos Autores

O quadro metodológico anterior por separar em seqüência, vem de referencial materialista, das contribuições históricas para o campo de Insdursky (1992), ela discorreu sobre o período militar e debruçou-se sobre os discursos de generais e da ditadura para o método de seqüências. Orientanda de Orlandi, eleva o detalhamento da presente análise para com o presente, algo feito nos percursos iniciais relacionando memória e FD e FI e fases da AD, dentro da linha pecheutiana.

Explicado a relevância das seqüências, o recorte em questão de Mandetta e Queiroga e outros que estão atravessados para com esse momento histórico, evocam em uma materialidade linguística pertinente. Relacionadas pelo “[...] processo e a condição de produção da linguagem”, dito de outro modo, a função do analista de discurso, conforme Orlandi (2012, p.?)

é encontrar a “regularidade da linguagem em sua produção” e articulando os estudos das Ciências sociais com os estudos da linguagem ela diz que:

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que falam e as situações em que se produz o dizer. (Orlandi, 2012, p. 16).

Neste ponto, fazemos a indagação de quem diz, a partir de onde diz de dois períodos marcantes na/da história do Brasil, incidindo na formação social que nos interessa para com formações ideológicas. Explicitando noção fundamental aqui em análise, a contradição se encontra entre língua, sujeito e situação diz respeito à noção de condição de produção na AD, a qual remete à exterioridade do texto. “Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.” (Orlandi, 2012, p. 30).

A CP e a formação social, estão para formações de esquecimento que no caso, em primeiro momento foi trabalhado à passagem do objeto discursivo ao processo discursivo, o analista trabalha com o Esquecimento nº 1, da instância do inconsciente, como vimos detalhes e o percurso nos capítulos anteriores. Dando sequência, dado a instância do equívoco em oposição ao unívoco, foi concretizado a passagem da superfície linguística para o objeto discursivo.

Nesse ponto fulcral, o analista trabalha com o Esquecimento nº 2, que é da ordem da enunciação, como vimos no capítulo anterior. Recapitulamos que ele foi trabalhado na prática discursiva junto de suas formações históricas e sociais e para com a ilusão referencial toma o sujeito que acredita dominar “as estratégias discursivas necessárias para dizer o que pretende” (Indursky, 2013, p. 41). Antes esse dado, cumpriu-se uma parte dos objetivos que pelos recortes do *corpus*, permite seguirmos para a análise e iniciamos com a descrição da condição de produção do material linguístico sequenciados e organizados.

Desse modo de análise, metodologicamente, pretendemos localizar famílias parafrásticas ao relacionar o que foi dito ao que não foi dito e entender quais formações discursivas dominam a prática discursiva do sujeito. Desse como ilusão de um dizer, assujeitado e interpelado em seu papel político e nas contradições do discurso institucional.

Os procedimentos e o modo de análise aqui reunidos, retoma o objetivo maior para o discurso sequenciado que é levar em conta os efeitos que de sentidos decorrem da constituição dos discursos dos dois ex-ministros. Nesse conjunto, os objetivos específicos irão: a) Discutir como se constitui o acontecimento de uma pandemia; b) identificar quais outros discursos sustentam o *discurso político*, ou seja, a exterioridade para legitimar a autoridade em

pronunciamentos; e c) registrar os efeitos de sentido que decorrem das materialidades discursivas.

Por fim, o *corpus* desta pesquisa focaliza dois textos para verificar esse conjunto de relações e hipóteses formuladas, mas não se restringe somente aos primeiro e último ministros da saúde do governo Bolsonaro. Sendo o discurso deles um todo que faz parte de um recorte específico de um projeto político de governo, isso importa para trazer os direcionamentos ideológicos que lhe servem e que significa de modos e maneiras diferentes por distintas nuances.

3.3 Breve aplicação crítica do dispositivo teórico ao analítico nas sequências discursivas do discurso ministerial

A Lei Nº 1.920, de 25 de julho de 1953, criou o Ministério da Saúde. Para compreendermos melhor a posição dos ex-ministros e da instituição que estão vinculados, faz-se necessário expor um breve relato para dizer o que é o MS e qual a função dos ministros da Saúde, essa é que coloca o funcionamento a linguagem e traz nuances das ideologias presentes. Retomando o recorte, a presente dissertação não se fixa somente em um ministro, mas dos processos de sentidos contando que houve um rotativo de 4 ministros da saúde no total.

Mandetta ficou do início do governo (2019) até 16 de abril de 2020, após assumiu Nelson Teich que permaneceu até 15 de maio de 2020, praticamente quedando um mês, em seguida interinamente assume o General Eduardo Pazuello e que é efetivado em 16 de setembro e se manteve até 18 de março de 2021. O mais longo por uma série de questões, entre elas, por uma identificação discursiva que se dispersa entre formações discursivas no imaginário popular brasileiro, tomando os pressupostos de Orlandi (2008b).

Para ela (2019), dentro de um contexto latino-americano que é complexo, só condições de produção não basta para dizer do político, sendo esse objetivo que norteia esse trabalho, o discurso político está para além de qualquer situação imediata e não se reduz ao conteúdos e formulações da superfície dos enunciados. Trata-se de uma formação discursiva de gerais, já houve, Indurky (1992) classifica essa como direcionada por uma estrutura que permite trazer os sujeitos, portanto uma discursividade que está para materialidade aqui recortada no textual pelo simulacro histórico e simbólico dos sentidos.

Pelo referencial teórico dessas duas autoras, encontramos o princípio da regularidade desse discurso, fundamental para distinguir práticas ideológicas e constitutiva do sujeito com o

sentido que investe e da relação imaginária que integra no simbólico. São jogos de imaginário nas línguas, conforme Orlandi (2010), mas existe uma formação do país que difere. Por isso o enfoque na realidade sul-americana, pois se trata da forma material do político para ela (2019).

O trabalho com o real e o princípio da realidade resulta de diferentes imaginários e língua como da pandemia que faz processos diferentes nos processos de identificação que está guiado por práticas de falhas e equívocos. Mandetta e Nelson Teich são dois ministros que não concordaram em mudar procedimentos sanitários e preferiram tratamento o política do que a política, preferiram FD da ciência, não quiserem modificar bula do chamado tratamento precoce e prescrever isso de maneira indiscriminada.

Pazuello como é militar, entre em um outro processo desse imaginário social, ele representa marcas de um sujeito cujo efeitos de sentidos se vivência na própria ideologia do governo. Se a pandemia faz parte do real e foge ao controle e a vontade, esse tipo de discurso se identifica pelo “braço forte e mão amiga”, utilizando um *slogan* do Exército Brasileiro. Nessas imagens, é a interpelação ideológica e os interdiscursos que rememoram os tempos de 1964.

O General entre para uma realidade que desconhece, mas diferente dos ministros anteriores, traz ordem e identificação com o capitão Bolsonaro, essa ordem que Indursky (1992) justamente se debruçou. Sobre os mesmos pretextos de:

[...] Forças Armadas que, pretextando salvar a Pátria da corrupção, da desordem, do desmando e do comunismo, elaboraram a doutrina da segurança e do desenvolvimento nacionais. com tais propósitos, politizou-se a corporação militar que corporativamente perpetuou-se no poder por vinte anos, constituindo a República República Brasileira. (Indursky, 1992, p. 12).

Nesse ponto, o discurso representa e o discurso manifesta trazendo essa autora, uma heterogeneidade constitutiva da formação social brasileira, em que Pazuello vem colocar ordem e Marcelo Queiroga, último e nomeado em 23 de março de 2021, vem dar continuidade e permanece até o fim do governo.

Entre o início e o fim da pandemia, confirmado pelo fim da Emergência em Saúde Pública, noticiado pelo pronunciamento de Queiroga, fora transmitido na rede aberta de televisão e em demais mídias no dia 17 de abril de 2022 e recebeu críticas da comunidade científica brasileira. Conforme relatos do Conselho Nacional de Saúde – CNS, publicado na

página do governo federal³³ do dia 27 de abril de 2022, os cientistas argumentaram que a OMS deveria decidir sobre qual seria o momento de anunciar o “fim” da pandemia e não o ministro da saúde.

Houve críticas também quanto aos impactos³⁴ diante da revogação do decreto nº 10.659, em 20 de maio de 2022, devido das implicações das regras da Anvisa, para autorização do uso emergencial de vacinas, uma vez que, não teria mais o estado de emergência de saúde no país. Nesse ponto demarcamos sobre o procedimento teórico-metodológico, a partir dos objetivos firmados por esse simulacro, sendo que a pesquisa toma como objetivo geral a análise do funcionamento do *discurso político*.

No contexto de uma pandemia sem precedentes é complexo trazer essa relação, porque se trata da institucionalidade, da tensão entre os discursos que os ex-ministros se encontravam vinculados, pelo órgão da administração pública Federal direta. O MS foi desmembrado do Ministério da Saúde e Educação em 1953 e que passou a ser apenas Ministério da Educação e Cultura que também foi desvinculado. Ainda que seja transversal essas áreas, pois quem cuida da educação melhora saúde e vice-versa, logo o MS seguiu com atividades voltadas apenas a políticas de saúde.

Como a ideologia espelha, esses processos são importantes afim de compreender como outros discursos atravessam e alcança-se parte considerável do objetivo geral. Os pronunciamentos propiciam “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos.” (Orlandi, 2012, p. 26). Politicamente, investigando-se os pronunciamentos revela-se como às formações discursivas são tênues e se instauram na memória, transversal e interdisciplinarmente como demarca-se o funcionamento dos ministérios, há uma série de equívocos.

O modo de análise aqui presente, destaca o das pessoas seguirem os protocolos com os discursos médicos somente, restritos, mas são várias linhas de frente como toma o verbete de mesmo nome de Costa; Bonani (2022). A metáfora do enfrentamento da pandemia e das ideologias militares como tomada pelos ministérios do governo Bolsonaro, trazem linguagem-ideologia-inconsciente funcionando a um só tempo.

³³<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2446-quem-define-o-fim-da-pandemia-nao-e-o-ministerio-da-saude-e-nenhum-pais-mas-a-oms-diz-pesquisador-em-reuniao-do-cns> Acessado em: 19/02/2023.

³⁴ Informações extraídas da página “senadonoticias” do Senado Federal que expõe argumento do consultor legislativo da área de Saúde Flavio Palhano. Conferir em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia> Acessado em 31/03/2023.

Há uma distinção da figura do ministro, cuja função e funcionamento do discurso no que toca à atribuição que deveria, em tese, preconizar e desenvolver com uma equipe de secretários e conselheiros, políticas de saúde que atendam as demandas em saúde da população nacional. Localizado o objeto discurso ministerial e dos ministros com enfoque na saúde, o deslocamento é feito por meio das sequências discursivas aqui mobilizadas e pelo dispositivo teórico ao analítico aplicado e lança luz nos desdobramentos do início do acontecimento pandêmico e da última fase desse período, sem excluir outros pontos da memória para FD's

Neles, conforme o viés orlandino (2005), “é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história” (p. 20), essa é encontrada no texto como unidade de análise que faz referência a uma discursividade e essa interessa atingir. São processo pelo qual os elementos significantes, inscritos em uma superfície e tornado passíveis de crítica e da unidade do discurso, serão mobilizados dentro das sequências discursivas para produzir sentidos regulares ou diferentes, a partir do discurso (efeito de sentido entre locutores).

Destacando na margem e estreiteza do discurso, na procura de regularidades e/ou diferenças nos discursos dos ex-ministros da saúde na pandemia da Covid-19 no Brasil. O processo é determinado quando da inscrição em uma formação discursiva, a partir dele é identificado o modo de funcionamento do discurso, que parte da base linguística, passa ao objeto discursivo e chega-se aos processos discursivos.

Metodologicamente a textualidade provocada por meio da Análise do Discurso, disponibiliza para o analista algumas das marcas enunciativas que dão vida aos sentidos. Por isso é que Orlandi (2012, p. 69) afirma que “texto é texto porque significa”. Desse modo, ao acessar os textos³⁵, cumprimos nesse Capítulo encontrar quais marcas enunciativo-discursivas, a fim de criar um espaço de regularidades enunciativas e suas respectivas diferenças.

Nosso objetivo nesta fase da análise é detectar o objeto discursivo e aplicar uma delimitação teórico-metodológica e de análise da AD materialista. Para isso, foi necessário submeter o *corpus* bruto ao processo de de-superficialização. Nos momentos iniciais e de pois trazê-lo para pontos de análise atinentes aos objetivos e cumprindo parte considerável destes.

A função do analista de discurso construir “a partir do material bruto, um objeto discursivo em que analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas” (Orlandi, 2012, p. 65).

³⁵ Como fizemos referência aos recortes desta pesquisa considerando-os como texto, vale esclarecer essa noção conforme a AD reconhece. Texto é a unidade de análise (tanto escrito como oral), unidade complexa de análise que disponibiliza a materialidade do discurso.

Pelo funcionamento de um ministério como é o da saúde e do sujeito ministro, foi analisado como é interpelado pela ideologia e a objetividade material do sujeito que diz, ou seja, “o autor delimita a prática social como uma função específica do sujeito” (Orlandi, 2012, p. 73). Esses procedimentos da memória para com formações discursivas e os interdiscursos que faz parte do imaginário e da coletividade brasileira, confirmam o sujeito (discurso) aqui deslocados e como são determinadas pelos processos discursivos, mediante palavras e inscrições simbólicas nas ideologias.

Determinado pela condição de produção, a próxima seção, afunilará esses pontos em dois níveis de contexto, aqueles que correspondem ao sentido estrito que decorrem das circunstâncias da enunciação, estas pertencem ao contexto imediato. Outro nível de contexto, são os que decorrem do fator sócio-histórico ideológico e correspondem a um contexto amplo (Orlandi, 2012, p. 30).

CAPÍTULO IV – AS ANÁLISES

Neste Capítulo é dada continuidade na análise das sequências discursivas retirada dos pronunciamentos lidos de 2020 a 2021 e a 2022. Como dito, eles fazem parte do *corpus* que passou pelos procedimentos metodológicos da AD e o nosso direcionamento será o de cumprir o último objetivo específico desta dissertação. Sabendo que análise não se esgota e depende dos recortes e objetivos e do modo de análise como trouxemos na Metodologia (Orlandi, 2012).

Fazendo relação em espiral com base materialista, pretendemos analisar os efeitos de sentido que decorrem das materialidades discursivas, pelo entendimento que “[...] toda sequência discursiva, ser da ordem do simbólico, linguisticamente descritível. No entanto, a AD parte das marcas linguísticas, que funcionam como pistas e não como dados, para descrever seu funcionamento discursivo e não seu funcionamento linguístico. (Indurky, 2012, p. 29).

Delimitado o percurso pelo dispositivo teórico e dispositivo analítico, esse estabelece o enfoque crítico para delinear o funcionamento discursivo pelas marcas linguísticas, dando prioridade ao discurso pelo conjunto de análise até aqui apresentado. A ênfase crítica, dado os pressupostos contextuais e teóricos como breve estado da arte e a revisão de literatura. Análise nesse instante, retoma Orlandi (2012) porque toma o *Corpus* de sequência discursivas³⁶ ministeriais da saúde aqui descritas, tratadas e recortas com princípios metodológicos e procedimentos teóricos e de análise.

As sequências trazem o funcionamento do discurso por excelência, nas marcações no corpo do texto que permite ao leitor e a outros analistas acompanhar e sentir os mecanismos aplicados ao percurso. Anunciado na seção anterior, se distribuirá no primeiro subcapítulo (4.1) o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, especialmente do dia 23 de março de 2020. Na ocasião, o ex-ministro da saúde orientou que todos tivessem calma, pois tratava-se de um vírus novo, os cientistas observavam o comportamento do “agente patogênico” na população local, argumentando que as condições climáticas e a faixa etária da população eram diferentes de onde a doença havia deixado vítimas.

Esse primeiro ex-ministro esteve à frente da pasta da saúde entre 1º de janeiro de 2019 e 16 de abril de 2020, quando foi exonerado do cargo por decisão do então presidente³⁷. Em

³⁶ A transcrição do pronunciamento do dia 23/03/2020 e do dia 17/04/2022, dos ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Marcelo Antonio Cartoxo Queiroga, respectivamente, coletados no canal TVBrasilGov. Realizado pelos pesquisadores como forma de assegurar marcações e isolamento da materialidade para análise.

³⁷ O ex-ministro da Saúde Luis Henrique Mandetta foi exonerado pelo decreto publicado no DOU (Diário Oficial da União) em 16/04/2020, ed. 73-A, seção: 2 – Extra, pág. 1 do órgão Atos do Poder Executivo.

contrapartida, outra sequência do pronunciamento do dia 17 de abril de 2022, na subseção (4.2) deste Capítulo, insere o discurso do ex-ministro Marcelo Antonio Cartaxo Queiroga que nomeado para ocupar o cargo no Ministério da Saúde em 23 de março de 2021³⁸, até fim do mandato do governo Bolsonaro. A pasta da Saúde, nesse período, recebeu quatro ministros entre o fim 2019 e 2022, como fora os mencionados anteriormente na análise: os ex-ministro Nelson Luiz Sperle Teich, entre 24 de julho de 2020 a 15 de maio de 2020; e o ex-ministro Eduardo Pazuello, entre 16 de maio de 2020 e 23 de março de 2021.

Por essas duas sequências selecionadas de Mandetta e Queiroga, iremos aprofundar relações do sujeito, a ideologia, o interdiscurso, a memória discursiva, e a formação discursiva. Explicitando o que seria Sequência Discursiva (SD), ela permitiria trazer como referência a “descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual”. Isso num nível dos processos de enunciação no contexto imediato como será possível trazer o ideológico, porque “toda sequência de enunciado é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-linguisticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo outro lugar a interpretação” (Orlandi, 2005, p. 24).

O lugar da interpretação e do acontecimento está para memória e dos processos ideológicos que será possível reconhecer, dentro das sequências, lugares e posições sociais ocupadas pelos ministros da saúde e sua posição institucional. Essa que decorre de um outro discurso político na pós-verdade e de um outro lugar para o simbólico. Seja diante de um contexto inicial insuficiente sobre o novo coronavírus, o que fez aumentar o registro de infectados e óbitos, seja de decisões extrapoladas que criaram polêmicas com OMS e rompem com uma outra formação social de cunho mais autoritário no contexto político.

O arcabouço, desse modo, possibilita uma interface entre *prática política*, *discurso e saúde pública*, pois, os sujeitos em suas *práticas políticas* estão alinhados com a base pecheutiana, o *discurso* conforme estabelecido por Orlandi (2012) e a *saúde pública* conforme parametrizadas em Werneck; Carvalho (2020). A partir disso, observamos essas práticas produzirem sentidos ao retomar discursos já ditos na história, relação presente no discurso dos ministros e no decorrer das fases de enfrentamento que foram formações discursivas que se construíram pelas divergências e as convergências de posicionamentos, dentro do governo Bolsonaro, nos sentidos ideológicos do começo ao “fim” da pandemia.

³⁸ O ex-ministro da Saúde Marcelo Antônio Cartoxo Queiroga Lopes foi nomeado mediante decreto publicado do DOU em 23 de março de 2021, ed.55-A, seção: 2 – Extra A. pág. 1, no qual Eduardo Pazuello foi exonerado no mesmo ato.

Por fim, explicita-se um ponto fundamental para este trabalho já que “a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos” (Orlandi, 2005, p. 19).

4.1 Análise dos pronunciamentos do ex-ministro Mandetta – D1

O D1 aponta para o posicionamento do primeiro ministro de saúde (Mandetta) do governo de Jair Bolsonaro. Em sua prática discursiva o ex-ministro desempenha a função social de político, por pertencer a uma instituição do Estado, na qual é responsável por desempenhar funções relativas aos trabalhos de interesse do Ministério da Saúde.

Para situar o D1, percebemos que o contexto imediato das condições de produção é o espaço destinado à reunião pública entre gestores públicos que tinham o objetivo de informar e esclarecer à população um acontecimento social. Atravessado por uma opacidade histórica que resvala na memória discursiva e toma-se um FD para com relação ao sujeito.

Dentre os diversos sujeitos ali presentes, nesse simulacro, o ex-ministro da saúde conduz seu discurso com preocupação e certamente acuado pelos acontecimentos que lhe traziam preocupação, atravessado pela FD científica no caso, sendo médico e ao mesmo tempo parlamentar e com carreira política pelo setor privado de saúde. Nesse contexto, o sujeito ocupava um cargo de liderança em uma pasta administrativa do Ministério da Saúde do governo Bolsonaro.

Suas decisões, criticamente, não se restringiam ao regime privado, mas público de saúde, no âmbito do SUS – Sistema Único de Saúde. Essa exterioridade discursiva que nos aponta Pêcheux (2010), está sujeita a falhas e equívocos da ordem do discurso e de um sujeito interpelado e que resiste quando espraia para o campo psicanalítico.

A sujeição nesta situação, decorre de um regime político de modelo autoritário semelhante ao feito em 1964. O contexto amplo e imediato se entre mesclam ao chefe do Executivo, Bolsonaro foi capitão do Exército brasileiro e tornou-se presidente por casa dessas formações discursiva e imaginárias que faziam parte da vida de seus comandados (ministros).

O papel de Mandetta que deveria reunir às lealdades e práticas simbólicas como foi no regime militar, na linha do que analisou Insdursky (1992), assumem uma regularidade nas formações discursivas que deve articular competências e subordinação do líder, tanto ligadas à ciência, quanto às questões e articulações políticas.

O primeiro ponto que podemos tomar da análise em espiral, aqui alcançado seria que o ministro na posição de sujeito é um sujeito histórico, e seus posicionamentos produzem práticas simbólicas e ideológicas entre diferentes discursos. Uma ação mais ou menos consciente e que a cada palavra dita ou relação feita, traz uma memória do dizer que é tanto trabalhada pelo esquecimento quanto estruturada por ele nas ideologias (Orlandi, 2008b).

Pêcheux (2008) nos confere essas dissimetrias que se dividem na político/político por posições-sujeito dessa personalidade sul-mato-grossense que ganhou projeção nacional nesse momento pandêmico, significadas pela formação social do regime capitalista, mas que não isenta-o da sua historicidade ou materialidade aqui captadas.

Retomado esses primeiros objetivos dos capítulos iniciais, é possível ver que o ministro procura evidências científicas, verdades, só que isso para AD, admitira-se que são ilusões referenciais que formula pelo intradiscorso e interdiscorso na linha orlandina (2012). Podemos observar na SD(M)1 a posição-sujeito de ministro da saúde que diz *Calma! Planejemos!* O trecho apresenta duas exclamações que projetam a imagem de um sujeito preocupado com os reflexos de sua gestão.

SD(M)1: Essas paralisações, eu tenho dito: **Calma! Planejemos!** Há lugares que pararam tanto que não tinham mecânicos para consertar a manutenção do funcionamento de determinadas máquinas hospitalares e das necessidades prementes que temos no dia a dia de unidade de saúde de unidades de manutenção de água, de esgoto. Em um contexto enorme a vida não se resume a uma doença, a um vírus.

Existe algo de imaginário nessa interjeição, ela traz justamente uma contradição referencial dessa ilusão, porque ele se mostra apreensivo e não sabe do real de um vírus desconhecido. Em seu saber médico, o discurso científico retoma outras pandemias e tenta antecipar e formular imaginariamente o poder de suas decisões e alerta quanto às medidas de intervenção (paralisações). Referencial para que governos e prefeitos adotaram para combater a transmissão do vírus, algo que o Supremo Tribunal Federal – STF, decidirá por descentralizar diante da inoperância da União e dando aos governos locais essa prerrogativa que abrirá precedente de disputa político-ideológica com o Governo de Bolsonaro.

O ministro está filiado a uma formação ideológica e social de vida pública, deve obediência e lealdade³⁹ ao Presidente da República, retomando a questão do tratamento precoce e das decisões sanitárias que irão entrar em choque com Mandetta. Aqui cabe um adendo, para

³⁹ Discurso da companhia Priva Precisa Medicamentos.

AD, tomado Orlandi (2019), é preciso ir além da política e ocorre um desideintificação com seu líder.

O primeiro ministro da pandemia, tomado essa teórica, traz a forma material do político que aqui nos interessa, guiado por práticas e formações ideológicas que une o sujeito ao sentido (vice-versa) e suas relações imaginárias e simbólicas. A dimensão do real do vírus para realidade tomada por Mandetta percorre o político que produz o equívoco, apesar de querer inserir uma uniformização em suas decisões (unívocos), o sentido escapa e ele diverge da OMS, nesse pronunciamento.

O político entra em ação para política institucional de um governo que representa, para o apagamento das diferenças e para legitimar sua voz de autoridade político-sanitária que se sobrepõem ao restante do mundo que seria o real dos sentidos. Nesse espaço-tempo, não podemos criticamente de deixar de inserir que começa valer decisões do governo Bolsonaro para pandemia e não da OMS.

Aqui é dado início ao Distanciamento Social Ampliado – DSA e Distanciamento Social Seletivo – DSS⁴⁰, no âmbito do MS e que contradiz diretamente OMS, pois ou é isolamento social com *lockdown* ou distanciamento social com metros de distância e uso de máscaras. Duas formações discursivas se instauram e entram em contradição, essa nuance foi que polarizou e dividiu opiniões na pandemia e esse acontecimento marca um fenômeno que se deu no Brasil, semelhança dos Estados Unidos, em que o Presidente Trump, também fazia campanha pelos medicamentos e por negacionismo na pandemia.

Voltando ao estado de preocupação imediata, devido às ações dos ministros da Saúde que se refletem nos sujeitos e que estão em um contexto de emergência na pandemia. Outra nuance de gestão de interpretação surge, fora formações discursivas da OMS e do MS, são pistas nas sequências, linha de Indusky (1992), no que confere às exclamações de Mandetta.

Entre a interjeição que na oralidade expressa uma dado emocional “Calma!”, a exclamação “planejemos” emite um imperativo que reúne instância da língua e do discurso funcionando a um só tempo. Saindo do contexto imediato para o amplo, o discurso anterior diz respeito à organização das instituições e da sociedade e é um dado do dispositivo teórico merece ser explicitado.

Ele faz avançar compreensões de Estado e institucional para AD, presente nos discursos dos ministros, Orlandi (2017) distingue esse discurso como modos de individuação do sujeito pelo Estado. Diferente de 1964, em que Indusky (1992) traz uma formação social brasileira

⁴⁰ Algo muito explorado no verbete Isolamento Social de GIBIN; RUIZ (2022).

com tanques nas ruas e censura, o atual se articula simbólico e politicamente com aquele discurso, para identificar na formação social, um significar-se na linha orlandina.

Essas duas autoras conseguem trabalhar identificação e contra identificação desse sujeito, só que a segunda teórica, aprofunda os efeitos de sentido dessa posição-sujeito e a respeito da formação social. A relação de valores no governo anterior mudou um quadro como um todo, moveu um imaginário social e não conseguiu obter um controle social como se tinha em 1964.

Mesmo mobilizando os mitos fundacionais da República, tutela de militares que advém da Primeira República de Deodoro da Fonseca ou Floriano Peixoto, mas precisamente de Vargas que retoma Indurky (1992). O que interessa nessa linha de análise, são os efeitos de sentido produzidos por esse sujeito individuado que difere das outras compreensões de sujeito da AD. Esse está inscrito na falha e no equívoco, opacidade como interpõe Pêcheux (1995). De fundo, está condições de produção e a ideologia operando com relação imaginária e nesse ponto a maioria dos mecanismos de análise.

Neste contexto, há uma relação que equilibra posições de compreensão, imposição e subordinação da maior autoridade sanitária que é o ministro, também separa como é a função e o funcionamento dos ministérios que estão organizados e organizam no plano estatal outras camadas sociais. Voltando a sequência D1⁴¹, aponta a imagem que projeta essa relação, originária da força de comando determinada pela função que o sujeito ocupa na sociedade. Essa força de comando, refere-se a relação de força, mecanismo do funcionamento discursivo, que obriga a posição do sujeito. É exigido do sujeito uma orientação, um direcionamento.

Neste instante, alcançamos parte do material simbólico no corpo do texto e pelas pistas das sequências discursivas, trazemos a função do político que é medido nessa espessura semântica pecheutiana (1995), produzido em condições específicas, mas determinado pelo histórico e social da exterioridade que compreende relações imaginárias. Movendo sujeitos e suas posições na estrutura social.

Há, desse modo, uma relação de força entre o ministro da saúde e os liderados, pelo SUS, trazendo os secretários de saúde, governadores e prefeitos, como também há uma relação de força que regulamenta a relação entre o chefe de estado e o ministro e ainda a OMS e o ministro. O que resulta dessas imagens são projeções que pertencem ao funcionamento discursivo que são intrínsecas à posição do sujeito. No caso do objeto discursivo *Calma! Planejemos!*, percebemos um jogo que mobiliza elementos do processo de significação. São

⁴¹ Íntegra dos discursos podem ser encontrados nos anexos.

elementos que levam em conta a relação imaginária com o mundo real, cuja relação é o objeto da representação ideológica.

A posição-sujeito da SD(M)1 diz *Calma! Planejemos!*, o que funciona aí, a partir do sujeito, é o efeito de sentido de estar no controle da situação e que diante das paralisações radicais de estados e municípios brasileiros, o sujeito posiciona-se de maneira preocupada e projeta um discurso que deve posicionar o conjunto da população no momento. Uma vez que faz parte da Superestrutura e ocupa a função social destinada a posicionar de maneira assujeitada e interpelada.

Como em outras pandemias, a da Covid-19 não foi diferente. O pânico se instala, a memória retorna para outros momentos e a mídia vai noticiando o aumento de casos e mortes e o instinto de se proteger entra em cena. O sujeito da SD(M)1, cita além de doenças crônicas existentes, outras epidemias e problemas de saúde pública que competem com o protagonista da cena de terror da humanidade, o SARS.CoV-2.

A produção de sentidos, desse modo, segundo Orlandi (2005) traz um modo como a memória se diz nos sujeitos que no caso do MS, traz doenças como a dengue, Influenza A H1N1, Monkeypox, meningite e outras transmitidas de diferentes modos, por vírus, bactérias, picadas de mosquito, entre outros, se colocam presente no mesmo espaço que é tomada pela pandemia em questão.

Nessas memórias, cria-se uma narratividade que faz parte da formulação dos sentidos daquelas par atual e vice-versa, só que funciona para condições de produção que uma pandemia na escala que foi, o sistema entra em colapso. Neste caso a SD(M)2 apresenta a posição-sujeito que se preocupa com o funcionamento do sistema de saúde devido o foco dado a uma única doença, ignorando tantas outras.

Relações são contraditórias e ao tomar o interdiscurso, o caos está montado, as estruturas sociais não interagem mais como antes. E formulações no imperativo são reproduzidas para funcionarem como anestesia aos ânimos temerosos e aflitos. Como é o caso do objeto discursivo em questão, o ministro orienta e reprime as medidas radicais, porém percebemos uma identificação com posicionamentos que estão acima do cargo ministerial. Assim o imperativo está alinhado com as práticas de gestão do governo Bolsonaro.

Essas práticas discursivas estão para ideologias e para posições que vão criar pertencimento nesse sujeito individuado, na linha de Orlandi (2017), trata-se de uma conjuntura político-ideológica que está para sociedade e os indivíduos que são interpelados a uma ideologia

material e por ela existem e criam formas de resistência. Algo que aconteceu com Mandetta algum meses depois, uma desidentificação ao político de Bolsonaro.

O efeito de sentido tomado como repreensão às medidas de paralisação, mostram-se em paralelo com a formação discursiva do governo, relacionado a alguns posicionamentos que partiram da figura presidencial, como exemplo “Está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”⁴², isso quando ainda não tínhamos ocorrência de mortos. Ou quando a mesma figura pública insinua que a Covid-19 era uma “Gripezinha”, isso depois de contabilizado 11 mortes no país.

De toda forma, podemos apreender o que se tem nos bastidores do discurso de uma função ministerial subordinada à estruturas e formações de discursos de cargos superiores. Além de notar os aspectos que demonstram o alinhamento com as forças de sentidos atuantes daquele momento.

SD(M)2: Os sistemas de saúde continua funcionando. As pessoas continuam tendo apendicite, continua tendo problemas cardíacos, continua precisando dá acesso a essas doenças crônicas, para poderem manter os seus equilíbrios dos seus organismos.

Apontamos, na SD(M)2, o funcionamento na ordem do discurso científico que de certa maneira relata não apenas uma pandemia funcionando, mas o fato de uma sindemia operante no sistema de saúde que é atribuído ao sujeito administrar. Isso reverbera posições de classe, sendo assim, a posição-sujeito (de classe), aqui observado o funcionamento, aponta para o modo como o sujeito conduz o discurso quando investido do cargo de ministro.

Uma sindemia⁴³ é caracterizada pela interação mútua de problemas de saúde graves que atingem uma população e podem ser consideradas como um dado maior quanto aos impactos econômicos e sociais dessa população. Assim, são potencializados os efeitos negativos, principalmente, em um país socialmente não equilibrado.

O que podemos apontar na SD(M)2 é a posição-sujeito que chama a atenção para outras demandas além da atual pandemia, e declara a necessidade de estabelecer um equilíbrio no sistema de saúde. O sujeito do discurso diz, na SD(M)2, enuncia que... “sistemas de saúde continua funcionando”, ele enuncia dessa forma por receber do Estado, a partir da designação do Presidente da República a atribuição de manter a ordem pública em saúde.

⁴² Ex-presidente Bolsonaro disse em viagem aos Estados Unidos em 09/03/2020 - <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembra-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/> Acessado em 21/08/2023.

⁴³ Sindemia: neologismo criado pela combinação de sinergia e pandemia. Foi utilizada pelo antropólogo e médico Merrill Singer que na década de 1990 estudava sobre as drogas e as comunidades periféricas dos Estados Unidos. <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/7430/5356> Acessado em 21/08/2023.

Desse modo, mesmo diante de um período pandêmico. Esse sujeito é impelido a administrar a pasta com a disciplina que é recomendada por órgãos colegiados, como o Conselho Nacional de Saúde - CNS e o Conselho Nacional de Saúde Suplementar – Consu e para que mantenha o mínimo possível de faltas e lapsos com a saúde da população que é administrada pela gestão.

Percebemos, com a análise dessa SD, que a posição-sujeito está inserida no sistema da Superestrutura⁴⁴, como vimos em Althusser (1996). Assim, o sujeito se apresenta nas relações de produção ministeriais que funcionam como uma instância jurídico-política e ideológica, pois é compelido a dizer e conduzir os trabalhos para a produção e/ou reprodução da base econômica.

Vale ressaltar ainda que, esse dado é confirmado na SD(M)2 é tomada como um alerta ao relatar os demais problemas de saúde, além daquele proveniente da pandemia, reforçando o papel estatal e dos sujeitos estarem voltados a ele e recomendações do MS. Trata-se de um modo ou de outro de reduzir os efeitos iminentes da Covid-19, na tentativa de salvaguardar espaços a outras doenças que vieram antes dessa e o sistema não colapsar, mas que não estão com *status* de pandemia.

SD(M)3: Nós precisamos ter muita inteligência, muito equilíbrio, muito bom senso, para que possamos atravessar isso com menos stress com menos ou menos capacidade de intervir no dia a dia das pessoas.

A SD acima nos chama atenção, na medida em que a posição-sujeito assume e declara uma responsabilidade (que funciona como efeito) por se tomar decisões inteligentes, juntamente com sua equipe, *Nós precisamos ter muita inteligência...*; e ainda aliada ao equilíbrio e ao bom senso, que juntos intervieram no stress causado pelo acontecimento de uma pandemia. As responsabilidades de trabalhar com inteligência, equilíbrio e bom senso, apontam-nos para as virtudes que a figura de comando deve ter, como expressa pela posição-sujeito.

As virtudes que assume para a equipe de sua gestão, seguem alinhadas com uma FD que tenta conduzir um sistema em total disciplina, a fim de que cause (...) *menos capacidade de intervir no dia a dia das pessoas*. É importante ressaltar, que o sujeito da SD está filiado à FD negacionista do governo Bolsonaro, cuja gestão nos aponta conclusões negacionistas em suas

⁴⁴ Superestrutura, conforme a metáfora apresentada por Marx e Engels nos mostra a base de um edifício, na qual se localizam duas estruturas, uma que está sob a outra... p. 109

práticas sociais, sem deixar de considerar, neste nosso caso, o negacionismo presente também no acontecimento discursivo que se refere a pandemia.

Pela **SD(M)3**, explicita-se a prática ideológica real da política do Governo Federal, existe um trabalho da ideologia que não pode passar despercebido na opacidade dos eventos e das narrativas que se formou a memória do governo anterior. Na linha orlandina (2005), além de ser marcada pela opacidade, guiado pela relação que traz o sujeito e o sentido integrado pelo imaginário que move o homem no simbólico.

A dissimetria a ser encontrada, pelas pistas que sequenciam esse discurso, está na:

SD(M)4: A Ciência vai seguindo **seu passo**, vai seguindo **seu ritmo**.

Do lado oposto, práticas discursivas negacionistas de governo demarcaram um movimento contrário aos da ciência nos moldes da OMS, o próprio Mandetta chegou criticar e disse que medidas sanitárias iriam ser tomadas por ele somente. Nesse desconhecimento do real do vírus e da realidade ideológica que figurou de inúmeras vezes como minimizar os impactos da pandemia.

SD(M)4 demarca uma nuance desde o início da pandemia, a ciência possui um funcionamento próprio em oposição das decisões políticas, o que é legitimado pela SD(M)5, usando da sua condição de médico para legitimar sua posição institucional. Ao contrário disso, o que existe era um apagamento do que se via e ouvia. Como é exposto na matéria da Folha⁴⁵ que relata mais de 200 momentos em que o ex-presidente propagou discurso negacionista na pandemia, discursos apurados pela equipe do relator Senador Renan Calheiros na CPI, no âmbito do Congresso Nacional.

Esses discursos contam com a informação de que a Covid-19 era uma “gripezinha” e a questão da Covid-19 estava “superdimensionada” como já referenciamos aqui; a indicação de medicamentos ineficazes ao tratamento do vírus; as desobediências às medidas de segurança, como a rejeição em usar a máscara e a aceitação pelo legítimo distanciamento social; entre outras. Com isso, percebemos que se almeja um sistema disciplinado, aqueles que não fogem à regra e que interfira no dia a dia das pessoas.

Dando continuidade nas sequências:

⁴⁵<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

SD(M)5: Porque em saúde, a primeira qualidade de um cirurgião é ser calmo e frio, gelado. Olhar, analisar para tomar as melhores medidas não adianta ser mais agressivo do que a condição que trouxe o paciente até nós, isso foi dito por Hipócrates que foi o pai da Medicina.

Diferentemente das SD (M)3 e (M)4, aqui o sujeito do discurso encontra-se filiado e comprometido com a Ciência e seus processos e vai legitimando sua posição-sujeito de médico, ainda que haja uma nuance fundamental operando na materialidade histórica desse discurso. Uma sutileza que diz Orlandi (2012), no jogo de sentido entre o sujeito e os sentidos e vice-versa com articulação entre esses pontos. Irrompe, para ela, o real da língua e o da história que coloca como é dito no equívoco que é defensor da ciência como médico, mas que está tomando uma outra referência ideológica que é negacionista.

Os movimentos e nuances permitem trazer essa indistinção, mostrando que no começo, antes de ser demitido, o político Mandetta apoiou Bolsonaro nas primeiras decisões da pandemia. O que foi se mostrando contraditório e sendo noticiado pela mídia, quando recomendava uma coisa e seu chefe outra e isso foi se mostrando para o tratamento precoce.

Teich também viveu e menos de um mês, também foi demitido até encontrar Pazuello, militar e entusiasta do capitão Bolsonaro. A ilusão referencial traz um interesse pelas pesquisas científicas, alinhadas às práticas do discurso científico, diferente das sequências SD M(3) e SD M(4). Como se o sujeito do discurso estivesse disposto a esperar o direcionamento dos cientistas, ao contrário, ao tomar suas próprias decisões o fazia amparado nas práticas discursivas negacionistas do governo que o ministério faz parte.

Podemos perceber na SD(M)5 o atravessamento do discurso ciência médica (*discurso médico* ou *discurso científico*), quando o sujeito retoma o dito por Hipócrates, figura histórica da Grécia considerado o “pai da medicina”. Por sua extensa formação na área médica, o ex-ministro tem conhecimento de bordões floreados que expressam as qualidades de quem serve em medicina. O sujeito do discurso apresenta uma articulação no discurso que podemos considerar, enquanto analista do discurso, como deslizamentos típicos do eixo estrutura e acontecimento. O conceito de efeito metafórico explica o modo como os sentidos deslizam.

A posição-sujeito nesse atravessamento se deve que ele é graduado em Medicina; pós-graduado em Ortopedia Pediátrica e especialista em Ortopedia Pediátrica⁴⁶. O sujeito nesta SD personifica a ciência e faz prevalecer uma imagem de que está é a pessoa a ser seguida. Os elementos linguísticos que compõem a SD remetem aos caminhos que uma pessoa percorrerá

⁴⁶ <https://www.camara.leg.br/deputados/160633/biografia> Acesso em: 22/08/2023.

e chama atenção por descrever o tempo próprio de deste percurso, *seguindo seu passo... seguindo seu ritmo*. Os termos “passo” e “ritmo”, ao contrário de um distanciamento que abre para interpretação dos sentidos, abrem também para um efeito de sentido de autonomia que a (a Ciência) avança no processo, no caminho, que se espera que ela percorra e que atinja resultados esperados por todos.

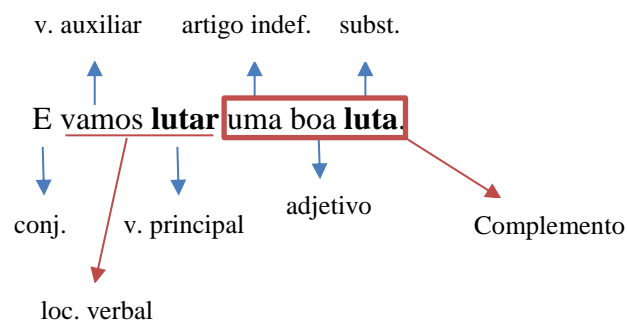
Percebemos que ambos termos são seguidos do pronome possessivo “seu”, onde se estabelece uma responsabilização a figura personificada (a ciência). Assim, os interlocutores que recebem esse tipo de locução, não percebem esse movimento performativo de personificação, muito embora acreditam na responsabilização a ela destinada e com aparência de neutralidade e ilusão referencial.

Esses efeitos de sentidos compreende as relações de ideologia postas no discurso, é indício da interioridade da ideologia (Indusky, 2013, p. 25). Para discorrer mais sobre o movimento encontrado nesta SD, passamos à próxima, na qual analisaremos de outro modo com a posição-sujeito reafirma esse pertencimento à FD da ciência.

SD(M)6: E vamos **lutar** uma boa **luta**.

A sequência discursiva acima aponta uma alusão ao trecho bíblico, um interdiscurso formulado logo após defender medidas governamentais e do MS, a encontramos no livro de 2 Timóteo 4:7 “Combati o bom combate (...)”, na qual *combati*, pretérito perfeito da primeira pessoa do singular do verbo *combater* remete a uma paráfrase do verbo *lutar*, cuja forma verbal está no infinitivo. Existe uma outra nuance importante nesse ponto do discurso, não é apresentado marcas de flexões, seja de tempo (passado presente ou futuro), de número (plural ou singular) ou de pessoa (1ª, 2ª ou 3ª). Embora o verbo lutar se apresente no infinitivo, diante de **uma análise morfossintática**, veremos que há uma locução verbal que funciona na SD para marcar um convite a todos os cidadãos.

FIGURA 8 – Análise Morfossintática



Fonte: Elaboração dos autores, conforme análise.

Como propusemos no objetivo geral, articular o histórico com opacidade, atravessado pela saúde e pelo trabalho material na ideologia com o simbólico, essa SD, depende de um discurso que para convencer, utiliza da Bíblia. Algo que o governo foi eleito e com apoio dessas camadas em ascensão no país, o lúdico mostra parte de um discurso autoritário maior e persuasivo para convencer diante das polêmicas que inferiam o novo vírus.

O modo de funcionamento desse discurso opera pela paráfrase e formulação diante de um outro momento ideológico para *vamos lutar* e *combati*, pois ambos verbos no infinitivo, lutar e combater, são sinônimos⁴⁷. Sendo que a primeira ação nos conduz a algo que acontecerá, pela marca de flexão do verbo auxiliar “vamos”, cuja conjugação permite que reconheçamos a 1ª pessoa do plural –nós. Por isso, configura-se a forma de convite daquele que tem autoridade para fazê-lo. De outro lado, temos *combati*, que conforme o apóstolo Paulo, autor da carta de II Timóteo, aconselhava com base em suas experiências de vida. Por isso, diz olhando para o que já aconteceu.

A quebra que captamos pela sequência discursiva lança luz, no que virá posposto quando diz:

SD(M)7: Acho que o presidente, hoje, Bolsonaro, **literalmente**, acalmou toda aquela região ali, todos nós. Colocamos uma visão muito clara dos próximos acontecimentos. Lidera a condução desse processo todos nossos ministros estamos muito à vontade de trocarmos as nossas impressões e temos um olhar não só de saúde, um olhar, um caleidoscópio de olhares que todos precisamos estar envolvidos.

A SD(M)7 nos traz por sua materialidade a referência a figura de Bolsonaro como aquele que apazigua toda a situação. De maneira que, podemos entender de onde vem a calma e como salvador e fiel ao governo que está filiado, Mandetta traz o material trabalhado pelo ideológico e exposto na organização do discurso. Após citação bíblica, o Messias Bolsonaro (acalmou toda aquela região ali, todos nós).

O assujeitamento e a interpelação nesse ponto é muito clara, a organização do discurso se forma nesse momento para um arremate do “nosso líder”, uma outra nuance fundamental é a importância de destacar a ordem da língua e do real do discurso que funcionam nessa obediência e lealdade pelo advérbio *literalmente*.

⁴⁷ 3. Participar em combate ou batalha; COMBATER [tr. + com, contra : Lutaram contra os invasores] [int. : As tropas lutaram até o fim] Disponível em: <https://aulete.com.br/lutar> Acessado em: 03/05/2023.

Só que esse real e realidade jogam com o equívoco e traz história nos processos de produção de sentido, pois a ação verbal de acalmar está modificada pelo termo adverbial, e podemos afirmar que há um movimento de identificação que indica a aceitação pelas atuais ideias da gestão do governo frente a pandemia e da não necessidade de dúvidas interpelando pela confiança.

Essa desconfiança está na margem, pelos tempos de globalização e informação, para uma pandemia devastadora de um vírus desconhecido responsável pela doença, Covid-19, ainda mais com antídoto também desconhecido. A posição-sujeito de ministro da saúde da SD(M)6 encontra-se alinhado à FD religiosa e confirma isso na seguinte SD (M)7, para com o líder Messias Bolsonaro, logo nenhum discurso é inofensivo no campo político.

A questão religiosa entra em contradição com SD (M)5, quando diz das qualidades de um cientistas ou médico, frieza e da não-crença, explicitando dois pontos de uma importante formação política e social que governou o país, pois “corresponde a um certo lugar no interior de uma formação social” (Orlandi, 2008, p. 23).

Essa que será ampliada, na próxima seção, com o próximo discurso de Queiroga, também será colocado em relação esses dois momentos na última seção desse Capítulo. Em que se aprofundará o teor crítico, cumprindo os objetivos do *corpus* para com AD materialista e o presente recorte. De toda forma, pela presente subseção podemos olhar para o funcionamento discursivo e deixar em suspenso a forma apresentada na sequência sintática das SD e por elas sutilezas e nuances junto dos mecanismos de funcionamento do discurso.

Alcançamos como resultado o discurso do ex-ministro Mandetta que mostrou-se identificado, por um lado, com FDs que negam a emergência de saúde pública (SD(M)) e que foi possível visualizar os atravessamentos discursivos de posicionamento negacionista marcado no governo Bolsonaro. Imersos aos discursos bolsonaristas, por outro lado, percebemos um movimento de desidentificação por discursos que remetem ao discurso da ciência também apresentado (SD(M)) pelo ex-ministro que seriam motivo para romper mais à frente.

Na linha pechetuiana (1995), mostramos o discurso histórico e movente pelos sentidos de Luis Henrique Mandetta que em dado momento posicionou-se sobre a atuação do ex-presidente Bolsonaro na Covid-19, “Ele não é louco, foi decisão política”⁴⁸, comentou na entrevista dada a jornalistas.

⁴⁸ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/06/interna_politica.1490525/amp.html Acesso em: 08/05/2023.

4.2. Análise do D2 – Pronunciamento do ex-ministro Queiroga

Passado quatro meses da gestão de Mandetta, o país havia chegado para com mais de 100 mil mortes como previa, quando deixou o ex-ministro deixou o MS, em 16 de abril, morreram 2 mil pessoas (Revista Exame, 09/08/2020). Menos de um mês, cerca de 29 dias precisamente, Teich assumiu e deixou o ministério com 15 mil mortos (Tab/Uol, 18/04/2020). Destaca-se quem ligou para ele, o general Luiz Eduardo Ramos, ministro-chefe da Casa Civil, já com a nomeação naquele momento do 2º da pasta, o general Eduardo Pazuello.

Essa sequência marca momentos cruciais para democracia brasileira, nesse limiar, houve a conhecida “Reunião Ministério de 22 de abril de 2020”, em que expressões como “passa boiada” do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, entre outros discursos como para fechar o Supremo Tribunal Federal, pelo Ministro da Educação, Abraham Weintraub se faziam presentes e estavam sendo gestados pelo Palácio do Planalto. Nesse diálogo com os ministros vários desdobramentos aconteceram, revelou-se planos e conspirações e retomadas de pedido pelo AI5 e a volta da Ditadura Militar.

Esses dados não podem passar despercebidos, eles atualizam uma memória sob determinadas condições de produção, que na pandemia o Presidente, na mesma reunião chegou a dizer: “Olha, eu tô, como é fácil impor uma ditadura no Brasil. Como é fácil. O povo tá dentro de casa.” (Poder 360º, 22/04/2020). Por uma decisão do STF, conhecemos o teor do que se discutiu na referida reunião ministerial e que disse os ministros, esse trabalho se motiva a explorar esse campo com pouco enfoque de análise no Brasil.

Os atravessamentos ideológico e da formação social, por parte de uma parcela da população que elegeu Bolsonaro, são dados na memória da ditadura militar de modo atualizado para os tempos atuais. São palavras, expressões e frases aqui captadas que demonstram importância do discurso institucional como fez Pêcheux (2010) nas primeiras fases, mas que encontra outras posições-sujeito e identificação ao aparelho repressor como sublinha Althusser (1996).

Nessa direção, Pêcheux (1975) traz o segundo tipo de esquecimento que seria da ordem enunciativa. Essa desdobra-se no processo discursivo, percebe-se o funcionamento sintático, o funcionamento enunciativo, o sujeito acredita dominar o que diz. A ordem desse tipo de esquecimento permite questões de ordem parafrástica. São paráfrases e polissemias dos ministros que instauram o sentido que traz memória dos militares que estão no comando e destinos da nação uma vez mais:

E se tal presença virtual instaura-se na materialidade descritível da sequência discursiva, ela só pode ser percebida como já-dito pelo confronto que dela se faz, pelo viés da reconstituição teórica, com a memória discursiva. Trata-se da noção de memória social inscrita no seio das práticas discursivas. Para refletir a memória enquanto estruturação da materialidade discursiva [...]. É no interior da família parafrástica, construída por tais repetições, que é possível estabelecer a comparação entre o mesmo e suas repetições, daí decorrendo a regularização do sentido. É nesse nível que se processa a **atestação discursiva** (Indursky, 1992, p. 36).

Importante destacar que o então capitão que projeta um outro modo de ser presidente, roga pra si ser o Estado, diz da facilidade de implementar ditaduras e armar o povo e nesse ponto retomamos vários atravessamentos que estão para essa prática nas memórias discursivas. Em outras condições de produção, mas que traz o invisível, um poder político e militarista que parecia ter acabado após 1988 e a Constituição Cidadã.

Para Indursky (1992) é no político que existe uma análise precisa das memórias discursivas e dos funcionamentos que envolve o pré-construído, transversalidade e a articulação dos enunciados. Uma política que trouxe Mandetta e Teich, que não preferiram tomar a economia como preferia Bolsonaro, mas o campo científico e suas formações discursivas. Dia 14 de maio, segundo os veículos midiáticos, houve pressão governamental para mudar bula dos medicamentos e para reforçar o tratamento precoce e outras medidas governamentais, diante da negativa, o segundo ministro saiu no dia seguinte, 15 de maio de 2020.

Pazuello, que era o segundo, assumiu interinamente por três meses e meio e ficou no cargo a maior parte do tempo, de 16 de maio de 2020 até 14 de março de 2021. O país saiu de 15 mil mortos para 295.495 mil pessoas mortas pela Covid-19. A CNN (15//03/2021) destacou que: “em uma de suas primeiras declarações como ministro nomeado, Queiroga disse que a política de combate à pandemia é responsabilidade do presidente, cabendo ao ministro apenas a tarefa de executá-la”.

Percebe-se algo comumente aos ministros da saúde, o poder do presidente sobre eles, e a responsabilidade da pandemia e das decisões como diminuição da imagem dos seus comandados nos pronunciamentos e boletins, para com o aumento da imagem de Bolsonaro. Existe um pré-construído, uma articulação e uma transversalidade na formulação que é visível nas decisões políticas e concordância ideológica e para com os apoiadores e invisíveis que é o poder econômico e os militares que o sustentavam. Ao lado do agronegócio, bancadas religiosas e de interesses outros que faz parte dessa memória, conforme Pêcheux (1995, 2010).

Nosso empreendimento consiste, pois, em remontar desses "efeitos de superfície" a estrutura invisível que os determina: e" só depois que uma teoria geral dos processos de produção discursivos torna-se realizável, enquanto teoria da variado regulada das "estruturas profundas". (Pêcheux, 2010, p. 94).

O que não aparece também significa, mais do que está visível, principalmente na política bolsonarista que coloca novamente o poder militar dentro das decisões governamentais, da gestão do governo e das decisões e do poderio político. Esses são os gestos de interpretação, lado simbólico, inconsciente, ideologia que opera nos pronunciamentos públicos que encontra na máquina das redes sociais bolsonaristas a sua força de massas. Isso significa que estamos na realidade diante do silenciamento institucional e da negação política e da crise democrática na linha de Orlandi (2019), na formação social brasileira na pandemia de Covid-19.

Isso acontece, quando o Ministro Queiroga diz das decisões do governo e destacando exitosamente, em suas palavras, o enfrentamento da pandemia. Os efeitos metafóricos são os sentidos mais profundos nesse desdobramento pecheutiano. Dizendo das medidas sanitárias e das vacinas, porém seu discurso decorre das ciências, universidades e intuições multilaterais como OMS e o SUS.

Ele pode até estar no cargo ministerial, mas roga o estado pra si como fez recorrentemente Bolsonaro, "eu sou a Constituição" (Folha de SP, 20/04/2020), típico do discurso autoritário. Dessa forma, anterior ao seu dizer e que possibilitaram tomar ações e dizeres que embasaram suas decisões que são práticas discursivas e discursos políticos pelo caráter militarizado das falas públicas dos ministros comprometidos com o imaginário do tenente que se tornou capitão e expulso, tornou-se parlamentar e presidente.

O D2 traz esse discurso, quebramos a sequência linear como de Mandetta, para capturar esses momentos nas SD.

SD(Q)4: Agradeço aos médicos que, com autonomia defendida pelo Governo Federal, utilizaram o melhor da ciência em favor dos pacientes, bem como, a todos os profissionais da saúde, que incansavelmente lutaram contra essa doença.

Essa sequência em destaque recorta os acontecimentos durante toda pandemia, autonomia médica que custou os cargos de Mandetta e Teich, trazido na figura militar de Pazuello. O pronunciamento de Queiroga, apesar de bem articulado e pensado por profissionais e mentorias, desliza para sua real intenção que é legitimar o discurso presidencial, por isso a

diminuição dos pronunciamentos e dos boletins, pois era somente o bolsonarismo que dizia da mesma forma que rogava o estado para si.

Essa sequência, vem após três iniciais, em que o ministro parece sensibilizado pelo sofrimento do povo, na realidade é uma estratégia política para trazer todo histórico anterior e minimizar culpa governamental quando diz:

SD(Q)1: Desde o início de 2020, o mundo enfrenta a maior emergência sanitária da história: a pandemia da covid-19, que já **vítimou** mais de 6 milhões de pessoas.

Menciona os mortos, apaga os contaminados e brasileiros mortos pela pandemia, citando condição global. Diferente de Mandetta, já conhece os efeitos do vírus e não adota uma posição de controle, mas se volta para o Presidente da República. A SD(Q)4, após SD(Q)1, SD(Q)2 e SD(Q)3, traz implícitos e dizeres à margem que remetem como ao Conselho Federal de Medicina que liberou o uso desses medicamentos, chamado “kit” por Parecer CFM nº 8/202026 e também aos Médicos pela Vida – Pró-Tratamento Precoce, uma manifesto de profissionais de saúde que apoiavam e sustentavam essas medidas com o Governo Federal.

Na direção da institucionalidade, continua a sensibilizar antes da entrada e como medidas concretas por parte do GF, essa é a materialidade que se apresenta por dois momentos:

SD(Q)2: Expresso nossa solidariedade aos familiares das vítimas e aqueles que ainda sofrem em decorrência das sequelas dessa doença.

SD(Q)3: Sentimos todas as perdas, mas com a força do nosso sistema único de saúde, o SUS, salvamos muitas vidas.

Chama atenção a SD(Q)3, porque no jogo dos processos de sentido, inicia trazendo perspectiva global e no momento de situar a morte dos brasileiros o lança para o SUS, não atribuindo responsabilidade institucional do governo, mas do sistema de saúde, esse que:

SD(Q)5: O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, **fortaleceu o SUS** com a expansão na capacidade de vigilância ampliação na atenção primária e especializada à saúde.

É de amplo conhecimento que o SUS, fora médias e altas complexidades que é referência, encontra alguns problemas na atenção primárias e nos atendimentos de especialistas pelo território Nacional. Como no discurso de Mandetta, Queiroga apela à institucionalidade, à

burocracia de estado, ao poder estatal que opera e mantém-se funcionando para o conjunto da população.

O jogo é justamente por um lado, trazer o apelo do Estado e seu aparelho ideológico e de outro, usar para legitimar o conjunto de decisões que o governo conferiu autonomia para os médicos e conseqüentemente para “salvar” população com medias e o kit. Aqui cabe uma alusão ao Althusser (1985), porque o conjunto das sequências de Mandetta para Queiroga, no segundo caso temos um assujeitamento e submissão direta sem falhas com identificação quase total do ministro para com seu chefe.

Isso é dado quando passa Pazuello, no ideário de tutela militarista e chega o seu sucessor, quase como um espelho da ideologia que diz Pêcheux (2010), das interpelações e praticamente total assujeitamento para com o presidente. Isso é possível quando começa enaltecer medidas do governo e dizer que por elas houve controle da doença, e o poderio invisível aparece novamente no discurso:

SD(Q)6: Foram mais de **100 bilhões de reais** destinados exclusivamente para o combate a pandemia.

SD(Q)7: Além dos mais de **492 bilhões** para o financiamento regular da Saúde desde 2020.

Essas sequências merecem destaque, elas fazem parte do poder de Paulo Guedes, Ministro da Economia e considerado “o Posto Ipiranga” que sustenta o governo. Nesse ponto é a ideologia de mercado e do neoliberalismo que se refirma, um ultraliberalismo ortodoxo desse ministro que é o responsável por maior parte da política desse governo. O investimento econômico é para defesa do discurso político e das coisas estarem funcionando, valores exorbitantes que nada significaram para o número de mortos que poderia ter sido evitado com gestão efetivamente democrática.

O professor Dr. Pedro Hallal, em estudo publicado na The Lancet⁴⁹, da Universidade Federal de Pelotas – UFPeL, disse que seriam 4 de 5 brasileiros que seriam evitáveis de terem morrido e na próxima SD, o ministro tentar redimir o governo quando diz:

SD(Q)8: O Brasil realiza **a maior campanha** de vacinação de sua história.

⁴⁹ O pesquisador acumula vários trabalhos na The Lancet sobre essa questão, destaca-se: SOS Brazil: science under attack, Disponível em: < [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00141-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00141-0/fulltext)> . Acesso em: 07/08/2023.

SD(Q)9: Já foram distribuídas mais de **476 milhões** de dose de vacina, todas adquiridas pelo Ministério da Saúde.

SD(Q)10: Hoje **mais de 73% da população brasileira** completou o esquema vacinal e **mais de 71 milhões de brasileiros** receberam a dose de reforço.

SD(Q)11: Temos vacinas disponíveis e os brasileiros acessam livremente essa política pública.

São quatro SD, essas que ocupam maior parte do discurso ministerial. Elas trazem sequências que apresenta a maior contradição da pandemia, porque das decisões iniciais que já traziam oposições para com OMS e o conjunto da Comunidade Científica internacional diante de um vírus desconhecido. O que se manteve com o impulsionamento da política do tratamento precoce e das medidas sanitárias deslocadas do restante do mundo, formuladas pelo MS, na gestão Bolsonaro.

Em 8 de dezembro de 2020, o mundo havia começado vacinar e o país somente em 17 de janeiro, assim 40 dias de atraso e muitas mortes pela demora em adquirir e também da lentidão que foram estudadas pelo Prof. Dr. Pedro Hallal. O enfoque do ministro a essa questão, foi justamente dessa nuance de interpretação e desse jogo de sentidos e convencimentos que das marcas linguísticas podem vir a ser deixadas em suspenso pelo analista do discurso.

Nessa ordem do histórico e do equívoco que faz parte dos procedimentos teóricos, analíticos e de análise crítica aqui, relacionados pelo modo de análise direcionado nos procedimentos metodológicos. Relações possíveis como já exemplificado como na FIGURA 4 – Conceitos de Análise: memória pandêmica, formação discursiva atravessado pelos interdiscursos e discurso político”.

FIGURA 9 – Conceitos de Análise: memória pandêmica, formação discursiva atravessado pelos interdiscursos e discurso político e ideológico



Fonte: dos autores

Retoma-se essa figura para demonstrar convergências desses mecanismos operando no discurso dos ministros, no caso de Queiroga, por ser o último, são muitas paráfrases e polissemias trabalhadas em sua formulação. Gestos de interpretação e discurso político pelo qual era criticado o presidente, em não ter desmontado o palanque eleitoral durante todo seu mandato.

O nosso modo de análise e dos recortes e objetivos no *corpus*, articula a história-opacidade (1), pelo real-simbólico-imaginário (2) e da linguagem-ideologia-inconsciente (3), essa só pode ser alcançada pela “propriedade discursiva (materiais)” levando em conta “a língua à história para significar (relação língua-exterioridade)” (Orlandi, 2012, p. 91). Nessa linha, o discurso do ministro não é necessariamente para dizer do fim da pandemia, mas para fazer um balanço em defesa do governo, usando de cadeia Nacional de rádio e televisão, algo muito utilizado pela ditadura, diz Indusrky (1992).

A diminuição dos pronunciamentos públicos trata-se de novas formas de comunicar e dizer do acontecimento, essa que acompanham novas formas de práticas ideológicas que estão para além da análise de conteúdo que toma Ciências Sociais, para Orlandi (2012). Porque os objetivos trazidos enfocam como o objeto simbólico produz sentido junto do político, do que foi dito em outro lugar, assim:

Não atravessamos o texto para extrair, atrás dele, um conteúdo. Paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – os sujeitos – nele se constituem e seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação. (Orlandi, 2012, p. 91)

Rede de significação bolsonarista e militar aliado de um projeto econômico despreocupado com o sofrimento e dor humana, alheio quando destaca mais os números que vidas e reforça defesa de um governo que vitimou milhares de pessoas. E depois da demora em adquirir os medicamentos e seguir os protocolos adequados, diz:

SD(Q)12: Graças a melhora do cenário epidemiológico, à ampla cobertura vacinal da população e a capacidade de assistência do SUS **temos hoje condições** de anunciar o fim da emergência de saúde pública de importância Nacional, a ESPIN.

O que temos nesse instante, tirado da SD(Q)12, é a raiz que nos traz condições de produção, ponto de início e fim possível pelos levantamentos das marcas linguísticas, já que trazem os tipos de discurso, e por eles a identificar algumas propriedades do simbólico e da espessura semântica ligadas ao funcionamento discursivo. Desse modo, é possível visualizar “a relação entre esses funcionamentos e formações discursivas, que remetem a formações ideológicas” (Orlandi, 2008, p. 26).

No caso, para essa autora, essas FDS é “o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito” e que se mostram mais alinhados ou que criam desidentificação com seu líder, mas não com sua concepção ideológica de sociedade. Aqui um ponto diz que são os pronunciamentos, enquanto ações de uma prática social desempenhada, por um sujeito identificado em determinadas formações discursivas para uma prática discursiva, um discurso minuciosamente analisado pelas sequências discursivas.

SD(Q)13: Continuaremos a conviver com vírus o Ministério da Saúde permanece vigilante e preparado para adotar todas as ações necessárias para garantir a saúde dos brasileiros, em total respeito à Constituição Federal.

SD(Q)14: *Enfim, a saúde é um direito de todos e um dever do Estado, ninguém ficará para trás.*

Quando tomamos para o final o pronunciamento de Queiroga, voltamos para condições de produção, “o discurso não é um reflexo da situação, nem está mecanicamente determinado por ela” (Orlandi, 2008, p. 56). Não representa uma imagem fiel de uma realidade, pois percebemos mesmo que diante do negacionismo, a linguagem é dada pelo inconsciente e pela ideologia que identificam o sujeito ou contra-identificam, pelo todo, portanto o real do vírus e da história que irrompem na linguagem bolsonarista que se aproxima do fascismo.

Desse modo, discurso e sujeito estão alinhados na produção, ou melhor dizendo, na reprodução de uma prática que reflete um conjunto de ideologias. Sobre essa relação destaca-se uma outra noção, na qual assegura que o discurso enquanto conceito teórico seja “uma prática efeito de sentido entre locutores” (Orlandi, 2008, p. 59). Dado o recorte ministerial, o discurso dos ministros de Bolsonaro, quase todos, seguem a mesma linha de raciocínio, guardado devidas diferenças de perfil, pertencem a mesma camada e classe social que o levou ao poder.

Atualizam memórias discursivas dos militares e da formação social brasileira, para um discurso que consiste em silenciamentos, através dos pronunciamentos, para *efeitos de sentido* que está para além das superfícies linguísticas, mas se ligam nas práticas entre os interlocutores.

Nesse sentido, pode-se tomar os atravessamentos presentes e a pertinência de um projeto totalizante situa o mundo real, mas por trás, há o jogo imaginário que revela o efeito de sentido, “indício da interioridade da ideologia” (Indursky, 2013, p. 25).

Efeito quando os interlocutores se dirigem aos SARS.CoV.2, os sentidos se direcionam mais pelos efeitos da doença que propriamente o vírus (o ou do covid), trazendo na forma da flexão feminina (a ou da covid), conforme verbete da Covid-19 de Melo; Gonçalves, Silva (2022). O discurso funciona sob outras condições em que o esquecimento, serve para trazer um apagamento para formas do discurso de Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga.

Quando o último Ministro da Saúde assume, Bolsonaro diz: "Tem tudo no meu entender para fazer um bom trabalho, dando prosseguimento em tudo que o Pazuello fez até hoje." O então general e ministro retribui ao sair: "O cargo é do presidente da República. Existe essa possibilidade desde o dia em que entrei." (BBC, 15/03/2021). Tomado por Pêcheux (2010), vemos a identificação de uma concordância ideológica com o projeto político bolsonarista que estabelece a relação imaginária com o mundo real no campo discursivo, pois é possível observar a ideologia funcionando na constituição do discurso e do sujeito.

Um assujetamento do papel militarista do governo que traz, na realidade, uma memória histórica atravessada por imagens de um esquecimento que possui uma origem:

Desse modo, a memória discursiva permite reconhecer um acontecimento discursivo, descontinuo e exterior, na continuidade interna. Tal efeito de memória reatualiza a heterogeneidade de um discurso que se quer determinado e, por conseguinte, homogêneo. Essa categoria analítica é fundamental para examinar a heterogeneidade não-marcada, própria ela da ordem do discursivo. (Indursky, 1992, p. 39).

Pelos trabalhos dessa teórica brasileira, nos tempos da Ditadura Civil-Militar, temos o instrumental das sequências aqui utilizados para enxergar o inter e intradiscursos, formulações das sequências discursivas afetadas pelas formações discursivas de um sujeito do discurso que resguarda relação política daquele tempo.

Antes de Queiroga assumir, um amontado de acontecimentos o antecedeu, o apoio ao tratamento precoce, a falta de oxigênio no Amazonas, a desautorização da compra de vacinas por parte de Bolsonaro, por causa de seu adversário política João Dória (Governador de SP). Algo que se reflete na maior parte desse pronunciamento SD: (Q)8, (Q)9, (Q)10, trata-se de ressignificar pela memória falhas dos últimos acontecimentos e se refletiriam na aprovação do presidente e na sua reeleição que não aconteceu.

E aqui esse conjunto de acontecimentos e práticas, nos parece não uma tentativa de reorganizar o discurso, mas de trabalhar margens do dizer como fundamentado em Orlandi (2004), essas que permitem trazer essas falas que parecem estar desorganizadas, mas trata-se de um modo de análise que no recorte do *corpus*, termina por encontrar fronteiras que são essenciais para trazer opacidade do discurso e das formações sociais que lhe inscrevem.

Seja ao trazer acontecimentos distantes e memórias ou formações discursivas como na SD(Q)14 que emerge *ninguém ficará para trás*, identificamos uma paráfrase funcionando dentro da *Leave no one behind* (Nenhum para trás) que pertence ao *Global sustainability goals by 2030* (Metas globais de sustentabilidade até 2030). Essas metas globais foram pontuadas ao fim de 2022 na COP27 – 27ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

Neste caso, o interdiscurso é retomado, filiado à FD de um discurso global, ressalta-se que sob outras condições de produção abrangendo medidas de enfrentamento ao coronavírus. Essa proposição, parafraseada no discurso do ex-ministro, se propaga pelo mundo e soa como uma acolhida a todos os que estão integrados à ONU. Entretanto, isso não surgiu nessas reuniões de 2022, a proposição consta também nas metas de 2015, conhecidas aqui no Brasil como ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU⁵⁰.

Especificamente, essa SD demonstra como a campanha pela ótica da memória e do interdiscurso, representada pelo governo, é de tentar se realinhar com a OMS e a ONU. Diferentemente do que foi mais destacado pela mídia e a imprensa, que tentou inserir este discurso como um apagamento do enunciado e dado a campanha “o Brasil não pode parar”.

É possível observar que entre a campanha do discurso “Ninguém fica para trás” e “o Brasil não pode parar” se instaura várias formas de dizer, a partir delas, surgiram vários dos acontecimentos presentes. Vemos aqui funcionar o processo de escansão, quando uma memória é contada, no caso, a campanha “o Brasil não pode parar” que vai de encontro ao tratamento precoce.

São dois discursos que resguarda um sentido radical de dissimetria e contradição, privilegiando mais economia acima das vidas humanas e do contexto global e multilateral, já que o país estava isolado no cenário internacional. Partindo da observação sobre o texto que exprime o discurso, sob três pressupostos do modo de análise aqui reunidos da *prática política, discurso e saúde pública*, a SD que mais chama atenção, conferido os mecanismos de análise, é a SD (Q)13.

⁵⁰ Organização das Nações Unidas - ONU

Ela apresenta uma quebra cronológica, trazendo-nos metáfora como “efeitos de substituição, paráfrase, formação de sinônimos” (Orlandi, 2012, p. 44), isso significa que retemos uma revisão de que “iremos conviver com o vírus”, afirma Queiroga. Trata-se de um momento que sinaliza, nessa linha orlandina, que “as palavras falam com outras palavras”, ao trazer que estão consonantes com Constituição Federal.

Por vezes, nos discursos, parte final revela a verdadeira intenção do locutor junto ao interlocutor, essa transferência de sentidos metafórica ocorre pela definição por uma dada FD, no caso Constituição e Estado estão próximos. O gesto do ministro pode parecer uma sinalização democrática e traz que não é uma “gripezinha” e que o vírus continuará anulando o negacionismo dos seguidores e apoiadores do presidente.

Entretanto, o pronunciamento final com tom democrático, serve para legitimar o discurso político desse grupo se colocar por cima dos interesses públicos e isso pode ser visto na forma como o discurso se textualiza, na perspectiva de Orlandi (2012, p. 65). Esse modo nos traz descrições e interpretações do objeto discursivo que foi tratado por um viés crítico que trouxe tratamento e recortes nos dados da pandemia e inferiu nos discursos políticos praticados cumprindo o viés pecheutiano e da AD materialista.

Por fim, a constituição do sujeito e do sentido fazem parte de uma cadeia de determinações, conforme pontuado pela teoria do discurso de Pêcheux (1975), aplicado na análise, percorre esse feixe de sentidos quanto à textualidade dos discursos nos pronunciamentos que se viabilizam pelo político, saúde e das práticas no processo discursivo.

4.3 Uma crítica aos pronunciamentos do Ministério da Saúde na pandemia.

A presente subseção situa-se entre nos acontecimentos e práticas da pandemia, nos discursos dos ministros, na problemática para AD do simbólico e do político, conforme direciona Pêcheux (2010). Nesse arremate, trazemos o confronto que acontece no político de maneira simbólica e para com os desdobramentos dos pronunciamentos.

Para Orlandi (2005, p. 25): “o discurso não deve ser pensado somente como conjunto de textos, mas como prática discursiva”. Para conceituar *prática discursiva*, a noção de discurso para a AD, é um processo que deve ser pensado como conjunto de práticas pertencentes à sociedade e à história, embora se materialize na prática de linguagem, ou seja, “a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica” (Orlandi, 2012, p. 71).

A pesquisa, por esse conjunto de pressupostos, leva em consideração a posição dos ex-ministros de saúde do governo e os discursos desses sujeitos que possibilita o recorte de sequências discursivas do acontecimento pandêmico, construir sentidos e posições a partir dele. O modo de análise permite inferir um diagnóstico dos discursos políticos na pandemia, tomado pelas palavras de Orlandi (2005, p. 113), um viés crítico e isso significar estender a um sujeito e a origem do seu dizer no discurso que precede o texto.

Nessa direção, retorna para uma memória nos discursos dos ex-ministros Mandetta e Queiroga, atravessadas desde a análise e descrição das sequências discursivas, até o gesto de interpretação simbólicos como parte da discussão. Os resultados aqui explicitados condizem com uma linha de produção do discurso do sujeito investido em seu papel social como parte desse processo de produção.

O discurso político trouxe formações discursivas de fé e esperança, filiado ao discurso bíblico, validando o discurso de autoridade ao assumir que está disposto a “lutar” e cumprir as obrigações destinadas à função e posição concernentes à estrutura do Estado; e não somente isso, também convida a todos a participar do processo. Orlandi (2008), a esse respeito, exemplifica quando ao tipo que é fundamental para encontra forma-sujeito.

A tipologia que propomos, como qualquer outra, tem sua aplicabilidade regulada pelos objetivos da análise em sua relação com a natureza do texto. Se a elaboramos é por considerar que ela nos oferece uma perspectiva fecunda na exploração de características dos discursos e da ideologia. (Orlandi, 2008, p. 23).

Os tipos são “fixações de funcionamentos” e eles entram nas condições de produção do discurso e podem gerar um novo “tipo” ou “reproduzir uma forma já estabelecida”, no caso temos uma formação social bolsonarista que emerge das condições de produção de um discurso das mídias sociais com capilaridade política nos tempos ditatoriais do Brasil.

A relação evocada, pelos procedimentos teórico e metodológico de Orlandi (2008), traz-nos a importância entre tipo e o funcionamento que são importantes para a compreensão do analista. Eles evocam uma memória discursivas que os tipos de discurso se voltam para os militares e para práticas ideológicas desse tempo presente, destacando o papel das redes sociais e da diminuição das coletivas, entrevistas e pronunciamentos tradicionais por parte do governo Bolsonaro.

Temos um romper daquela memória para atual, dentro das condições de produção, mas que retoma e atualiza vários pontos dessa camada social com filiações para com extrema-direita

e de posições-sujeito, tomado Indurky (1992) nos discursos militares da ditadura, para nós estão fializados à paráfrase e a polissemia e isso que trouxemos no tipo discurso autoritário e para com relações imaginários que incide sob o real.

O funcionamento dos discursos e seu tipo, pelas sequências, foi demarcado e destacado, já que “marcas dizem respeito à organização do discurso e a propriedade tem a ver com a consideração do discurso como um todo em relação a exterioridade” (Orlandi, 2008, p. 23). Essa exterioridade é o que configura no discurso para com atual situação, com as instituições, o contexto sócio-histórico, a cultura, a ideologia.

O sujeito modula seu dizer por quem o comanda e dita as regras naquele momento, se declara à parte da OMS e outras instituições internacionais e forma uma nova FD do negacionismo que encontra no tratamento precoce e nas medidas sanitárias uma concordância ideológica. Para Pêcheux (1975), seria “aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva em um momento dado em uma conjuntura dada”, linha que corrobora Orlandi (2008, p. 58).

Tomado esses autores de linhas materialista, extrai-se frente às abordagens dos autores que conceituam *prática discursiva*, percebemos a ação do sujeito identificado com determinada *formação discursiva*, ou seja, a prática discursiva remete a uma ação de ordem discursiva desempenhadas nas práticas sociais. Criticamente, desse modo foi nos revelado pela memória articulado FDs e para com os interdiscurso o que é estar identificado com os ideais do governo a que está submetido.

A noção de metáfora em AD, comentada por Orlandi (2011), donde se encontra o domínio simbólico que nega da concepção retórica e a compreende conforme Lacan, 1966, “a tomada de palavra por outra” e acrescenta que é basicamente ‘transferência’ e estabelecem “o modo como as palavras significam” (§ 96). Assim, “não há sentido sem metáfora” aponta a autora ao citar Pêcheux (1975) e a partir dele afirma a existência de uma superposição (transferência).

No caso dos discursos aqui em recorte temos *Calma!*, várias paráfrases se repetem em distintos contextos, primeiro Mandetta (23/03/2020); depois Bolsonaro (24/03/2020) "*Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos*

orgulharemos”⁵¹, Teich⁵² (15/05/2020) “Quando assumiu o cargo, em entrevista exclusiva ao SBT, Teich falou sobre as novas perspectivas da pasta. Ele pediu calma e afirmou que seria “uma coisa quase leviana pontuar qualquer coisa neste momento”; Pazuello (16/12/2020)⁵³ “Pazuello diz que Brasil tem o maior programa de imunização do mundo e pede calma: ‘para que ansiedade?’”.

Outro caso midiático, no mesmo dia de Mandetta (23/03/2020), foi do maior jornal televisivo brasileiro, Jornal Nacional da TV Globo⁵⁴, que em horário nobre abriu sua edição pedindo “Calma!”, tais casos revelam pedidos ao interlocutor que dispense de distintas situações e famílias perifrásticas no mesmo espaço-tempo e reflete um cenário abrasador de pandemia que incute medo, desespero, ansiedade e outros estados emocionais aflorados.

Esse dado da ordem da enunciação revela no discurso um sentido, uma realidade que vários sujeitos ideologicamente e historicamente mobilizam para fazer frente ao vírus. Pelas características do governo, o sujeito passa por ilusões que não será vítima e/ou se pegar tomará os medicamentos recomendados pela autoridade sanitária brasileira que é o MS. Esquece e deixa de se cuidar, gerando incertezas caso pegue e desenvolva a doença entre vários discursos a respeito.

Outras considerações sobre o não dito poderiam ser mostradas nessa rede de implícitos que coloca na superfície esse conjunto de paráfrases, seguindo a sequência discursiva e articulados na memória para sentidos que trazem uma unidade lexical nos discursos pandêmicos, que orienta os passos e decisões da administração pública, em especial de saúde e outras pastas.

A dimensão do real imbricado pela dimensão ideológica, atravessa definições que o próprio Pêcheux (1995) fez para AD, percebemos o intradiscorso na repetição do imperativo nas sequências que traz todo um interdiscorso, pois quando o sujeito da SD(M)1 diz *Calma! Planejemos!*, o que funciona aí, a partir do sujeito, é o efeito de sentido de estar no controle da situação. No caso da SD (Q)13 e SD(Q)14, temos a marcação de um marcador discursivo de

⁵¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-03/bolsonaro-pede-calma-e-diz-que-pais-vencera-novo-coronavirus> Acesso em: 11/11/2023

⁵² Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/sbt-brasil/141734-nelson-teich-pede-demissao-e-deixa-o-ministerio-da-saude> Acesso em: 11/11/2023

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/16/veja-frases-de-pazuello-e-bolsonaro-durante-anuncio-do-plano-nacional-de-vacinacao-contr-a-covid-19.ghtml> Acesso em: 11/11/2023

⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/23/uma-pausa-para-pedir-calma-e-dizer-juntos-vamos-derrotar-esse-virus.ghtml> Acesso em: 11/11/2023

encerramento que afirma que “ninguém ficará para trás”, ou seja, porque existe alguém á frente e no controle das instituições e do estado.

Os discursos construídos na pandemia da Covid-19, recortados nesta pesquisa, conferem uma heterogeneidade mostrada e invisível trazida quanto aos sentidos se movem quando do sujeito inscrito no real da língua e no real da história, pois, consideramos que sujeito e sentido são constituídos ao mesmo tempo. Dito isso, é que registramos os primeiros efeitos de sentido que decorrem das materialidades discursivas.

A heterogeneidade se manifesta no momento que os sujeitos se posicionam, pois faz parte da ideologia e ocupa a função social que deve seguir práticas simbólicas dos pronunciamentos ministeriais e das autoridades sanitárias como foi largamente acompanhado pela população apreensiva.

Reduzir o discurso a um conjunto de textos seria não considerar a robusta exterioridade que é revelada pela prática da análise de discurso, conforme Orlandi (2004), para margem dessas palavras que parecem desorganizadas estão os discursos estão em movimento e compõem a materialidade do discurso, essa que mobiliza o simbólico. Nos discursos mobiliza-se um conjunto de signos linguísticos como outros discursos, trazendo várias possibilidades que esse homem tem de dizer e o que não diz, e a partir dessa língua, são foco dos estudos do discurso.

Desse modo, podemos apreender o que se tem nos bastidores do discurso de uma função ministerial subordinada à estrutura e às formações de discursos de cargos superiores. Os efeitos de sentido tomado como repreensão às medidas de paralisação da economia e da sociedade, mostram-se implícito e explicitamente um paralelo com a formação discursiva do governo, e para Pêcheux (1995), o mais importante das FDs está justamente o posicionamento para além dos efeitos.

Além de notar os aspectos que demonstram o alinhamento com as forças de sentidos atuantes daquele momento. Ao considerar a movimentação das palavras, as possibilidades de dizer, e a prática de linguagem, a teórica Orlandi (2012) reconhece o discurso como uma dispersão de textos, sendo o texto uma dispersão do sujeito e entre o dito e o não-dito o sujeito se move na cadeia do dizer.

É o que acontece no discurso das pessoas, desde um cidadão comum ao status de Ministro da Saúde, é preciso considerar o modo de constituição do discurso e do sujeito quando pensamos na prática do discurso pelo sujeito. Olhar o discurso, nessa perspectiva, é buscar compreender como acontece sua produção e em que condições se encontra o sujeito. Em suma,

são elementos que levam em conta a relação imaginária com o mundo real, cuja relação é o objeto da representação ideológica.

Sobre esse caráter ideológico das FDs e práticas discursivas, Indursky (2013)⁵⁵ conceitua prática discursiva como “um conjunto de regras anônimas” e dessa forma o discurso é visto como parte do sistema de formações sociais. Desses processos resulta um conjunto de determinações regradas em um dado momento por um conjunto complexo de relações com outras práticas, discursivas e não discursivas’. (Maldidier, Normand e Robin (1972) *apud* Indursky, 2013, p. 24).

Destaca-se, nessas disputas, duas medidas sanitárias inscritas no Tratamento Precoce e do medicamento como vacina, duas polaridades essenciais nesse jogo de disputa pela verdade no discurso. Objeto discursivo em questão, levado à crítica que se amplia pela forma de análise do arcabouço materialista, tomado o discurso político dos ministros, alinhado ao de Bolsonaro, identificado para com a dimensão política e do simbólico que se confronta na AD.

⁵⁵ Capítulo Preparando a análise de sua tese, uma reflexão sobre o materialismo histórico nas análises em AD.

Considerações finais

Por meio do processo de pesquisa, ao longo desta dissertação, discutimos como se constitui o nomear e o acontecimento de uma pandemia pelo recorte anteposto, conforme um dos objetivos específicos propostos. Para isso, o percurso enviesado pela análise materialista do discurso, AD francesa, pautou-se pela discussão primeiro de outros trabalhos que formam o domínio de uma pandemia e socio historicamente obteve-se um retorno à memória discursiva pelos sentidos de gripe como afirmado para Covid-19.

O trabalho argumentativo proporcionou a discussão de como se constitui o acontecimento de uma pandemia, conforme um dos objetivos específicos da pesquisa, cuja discussão se deu no subitem 1.1 intitulado de *Outras pandemias e a Covid-19: efeitos da memória discursiva*, na qual abordou como há a (re)construção de significantes remetidos a acontecimentos históricos.

Nesse processo de identificar acontecimentos históricos se faz importante pois é a partir desta identificação que buscamos por acontecimentos discursivos, da ordem do discurso. Assim, analisamos o contexto sócio-histórico, onde a pandemia está inserida produzida por seus sujeitos.

Outro ponto que podemos trazer para esta discussão, são outros discursos identificados no *discurso político* dos ex-ministros que expomos com as análises das SDs no subitem 3.2, *Os pronunciamentos: da superfície linguística ao processo discursivo*, pois aponta sustentações no acontecimento discursivo para legitimar a autoridade em pronunciamentos.

A relação feita trouxe uma discussão que auxiliou na análise do objeto delimitado pela questão teórica, primeiro sobre outras pandemias e por esses efeitos de memória, capitulados em seção específica, oferecendo um aprofundamento ao leitor. Assim deu-se por um quadro teórico junto do Materialismo Histórico, Linguística e da Psicanálise, embasados com Pêcheux (2008) e Orlandi (2012), portanto com a disciplina da Análise de Discurso de linha francesa.

Dado o arcabouço teórico-metodológico, primeiro houve um aprofundamento do discurso ministerial e do papel destes para nomear a pandemia e os acontecimentos concernentes a ela, junto de outros pesquisadores. Alguns verbetes enciclopédicos da Covid-19, via análise do discurso, foram trazidos para auxiliar no encontro que permitiu, nesse percurso objetivado, principalmente de encontrar uma linha da enunciação e para objetivar o discurso na (re)construção de significantes remetidos a acontecimentos históricos.

Por esses, alcançou-se um profícuo debate para os processos de sentido, embasado no projeto de discurso de linha materialista com conceitos de interdiscurso e polissemia, para estabelecer a multiplicidade do sentido e alguns de seus desdobramentos, manifestados pelos discursos que circularam na pandemia. Provindas do Governo Federal, localizados com a teoria e com esse quadro teórico da AD, ampliando a concepção de ideologia e da interpretação que estruturam o acontecimento discursivo junto de Orlandi (2008a).

A ideologia dos ministros que pertenceram ao governo no período, que eram em sua maioria médicos e epidemiologistas, diferente de Pazuello, militar, trouxe a nuance que se fazia sentir em seus discursos, na linha dessa autora (2012), do General é mais autoritária e identificada ao do Governo comparada ao início, com Mandetta e Teich.

A identificação e a desidentificação corroboram para posição-sujeito inscrita nos códigos de cada um, sublinha-se que a queda desses dois primeiros ex-ministros citados, entre outras coisas, resulta da divergência em mudar a bula dos medicamentos do tratamento precoce (cloroquina, ivermectina, azitromicina) e as divergências quando se tratava do negacionismo científico instaurado no Governo.

Antes do percurso metodológico que ofereceu Orlandi (2008a), a delimitação teórica, principalmente com Pêcheux (1996), permitiu explicitar os processos de sentido ideológicos que se encontravam implícitos na memória. A do ex-ministro Mandetta, locutor de um centro ideológico e aparato estatal que é o Ministério da Saúde, intencionalmente, trazia imperativos perpassados pelos discursos do Presidente da República e que entrava em conflito com a OMS e outros organismos científicos epidemiológicos.

Fora esse ponto, Mandetta divergiu em diversos momentos da OMS, por meio de análise, registrou-se os atravessamentos teóricos do nomear e estruturar um acontecimento, ou seja, de um vírus desconhecido que foi tomado por diferentes posições sujeito e ideológicas. O ex-ministro trouxe divergências que não eram só dele, mas do governo que representava, pedindo calma e planejamento, foi dito pelo presidente Bolsonaro, um dia após primeiras declarações e paralizações.

Essas práticas discursivas divergentes destaca aos fatos que fizeram o país adotar o tratamento precoce⁵⁶ e o “Brasil não pode parar”, uma campanha barrada na justiça e mais tarde

⁵⁶ Foi o tratamento recomendado por autoridades públicas e médicos, sem comprovação científica e divulgado nas redes sociais, conhecido como “kit covid”. Era composto por drogas como hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e corticosteroides sistêmicos que prometia tratar a Covid-19. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-do-combate-a-pandemia-no->

torna-se “ninguém fica para trás”, esses fatos são importantes para reconhecer e registrar os acontecimentos históricos criando identificação e tornando-se acontecimentos discursivos, da ordem da enunciação que pelas condições de produção mais imediatas e mais estritas ao contexto enunciado, alcança-se os processos de sentido e formas de esquecimento do sentido em um viés amplo (socio histórico e ideológico).

Desse modo, analisamos o contexto socio-histórico, onde a pandemia está inserida produzida por seus sujeitos que é o primeiro objetivo. Destes dados, o *8h* teórico seguiu a base materialista da AD, por meio de Orlandi (2012), extraindo um percurso próprio, já que o objeto de discurso está para uma superfície explorada na enunciação pela materialidade. Por ela, os processos de enunciação trazem os acontecimentos e a sintaxe que configura o *corpus* e o objeto discurso para análise e crítica.

Nessa linha de raciocínio, houve o refinamento e aplicabilidade dos conceitos teóricos sobre o objeto discursivo formado pelo discurso ministerial, em especial do início ao fim desse período pandêmico com Mandetta e Queiroga, localizando-os por sequências discursivas e no percurso delimitado. Analisando o discurso dos ex-ministros na pandemia, elencando uma articulação principais, o texto, o discurso e a formação discursiva, a partir dos processos ideológicos de sentido.

Por esse ponto, feito a descrição do funcionamento do discurso como objeto simbólico que produz sentidos pela ótica da Análise Materialista do Discurso. Localizado nas paráfrases e polissemias, o sentido, cumprindo o direcionamento de Orlandi (2012), destaca esse sujeito que, historicamente, para linguagem, quanto as práticas dos ex-ministros trouxeram o simbólico seja no lúdico, autoritário e polêmico orientado pelo governo de Jair Bolsonaro.

Os gestos foram orientados conforme o real da pandemia da Covid-19, infringia processos de significação diferente de organismos de saúde como OMS, Fiocruz e Butantan. Na medida que tomava decisões, o fazia a partir dos discursos que na análise foi se distinguindo a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão (Orlandi, 2012). Por essas balizas, se trouxe sequências discursivas por duas formações discursivas que trazem o acontecimento da pandemia e o seu fim, em Mandetta e Queiroga. Por esses dois discursos focalizados e no todo das coletivas e nos pronunciamentos se encontra a inteligibilidade que se refere ao sentido da língua, a interpretação ao sentido pensado no cotexto e no contexto e a compreensão é o saber como o objeto simbólico produz sentidos na perspectiva orlandina.

Os sujeitos ex-ministros entram em conflito com sua posição-sujeito científica e posição-política, percebe-se que cria identificação ou não com o discurso presidencial e das mídias que se polarizavam. Para isso esmiuçamos nas análises como o *discursos científico*, *discurso político*, *discurso religioso*, *discurso global*, *discurso negacionista* articulam-se, na medida que criam o modo de dizer das práticas discursivas.

A parte do objeto de análise e crítica, trouxe compreensão do objeto teórico e dos sentidos que se relacionam para os domínios e gestos pelos materiais e conceitos diferentes mobilizadas via análise. Diante das descrições e interpretações e quando propomos encontrar o objeto discursivo, enquanto analistas do discurso, vamos compreendendo o “modo como o discurso que pesquisamos se textualiza” (Orlandi, 2012 p. 65).

Desse modo apontamos a identificação de quais outros discursos sustentam o *discurso político* para legitimar a autoridade em pronunciamentos. Discussão desenvolvida ao longo da análise e dos resultados para os registros dos efeitos de sentido elencados na terceira e quarta seções.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P; [et al]. **Papel da memória**. Trad. e introd. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ALEXANDRE, G. G. (2021). **O papel da memória discursiva em manchetes que desmentem notícias sobre Covid-19**. Scripta, 25(54), 68-95. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2021v25n54p68-95>.

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud : introdução crítica-histórica**. Trad. EVANGELISTA, W. J. - 2º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal. 1985.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. In: Um mapa da ideologia. Adorno T. W. [et al]. Organização Slavoj Z. trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Campinas, 1996, p. 105 – 142.

COSTA, Felipe de Souza. **Pandemia em (dis)curso: ethe discursivos do jornal Folha de S. Paulo em manchetes e chamadas sobre Influenza A (H1N1)**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016.

COSTA, Julia Lourenço; CONTI, Tamires Bonani. Linha de Frente. In: RODRIGUES; F., C.; COSTA, J., L.; BARONAS, R., L. (orgs.). **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil**. São Carlos, SP: EdUFSCar. 2022.

COURTINE, J-J. **Metamorfoses do Discurso Político: As Derivas da Fala Pública**. Trad. de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

FERREIRA, M. C. L. **Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso**. Organon, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28636. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>. Acesso em: 23 out. 2023.

FRANÇA, T. M. **Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux**. Revista Interletras, v. 4, ed. Nº 22, Outubro/2015 a Março/2016.

GREGOLIN, M. DO R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. ALFA: Revista de Linguística, v. São Paulo, 2001.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)**. 1992. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1579811>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena do discurso**. In: Memória e história na/da Análise do Discurso. Orgs. Freda Indursky, Solange Mittmann e Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY F. **Preparando a análise.** In: A fala dos quartéis e outras vozes. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

MELO, Lafayette Batista; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; MORALES da SILVA, Mariana. Covid-19. In: RODRIGUES; F., C.; COSTA, J., L.; BARONAS, R., L. (orgs.). **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil.** São Carlos, SP: EdUFSCar. 2022.

MIRIAM JOSEPH. O TRIVIUM As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica. São Paulo, SP: É Realizações Editora, 2013. v. 53

OPAS. **Coronavirus.** Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=Cj0KCQjw6cKiBhD5ARIsAKXUdyaw1VvVM7XEgrfi3MVkctcHuWZ3i8oDI57O_NaTpluPZWC HRsL9D32YaAvk6EALw_wcB Acessado em 12 de jan. 2023.

ORLANDI, E. P. Cidade dos sentidos. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos.** 2ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2005

ORLANDI, E. P. **Linguagem e método uma questão da análise de discurso.** In: Discurso e leitura/ Eni Pulcinelli Orlandi, 8ª ed., São Paulo: Cortez, 2008a.

ORLANDI, E. P. **Unidade e dispersão: Uma questão do texto e do sujeito.** In: Discurso e leitura/ Eni Pulcinelli Orlandi, 8ª ed., São Paulo: Cortez, 2008b.

ORLANDI, E. P. **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade/** Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs), 2ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos/** Eni P. Orlandi, 10ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história.** Campinas, SP: Pontes. 2017.

ORLANDI, E. P. **Política e silêncio na América Latina: quando se fala pelo outro.** In: Silêncio, memória e resistência: a política e o político no discurso. Orgs. Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans de Nardi, Helson Flávio da Silva Sobrinho. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], 2ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. **O mecanismo do (des)conhecimento ideológico.** In: Um mapa da ideologia. Adorno T. W. [et al]. Organização Slavoj Z. trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Campinas, 1996.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento/** Michel Pêcheux; trad. Eni P. Orlandi, 4ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.

RUIZ, M. A. A.; SOUSA, L. M. A. e. **Memória e(m) discurso na pandemia de COVID-19: o acontecimento do vírus e a arte em rede**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021032, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8664096. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096>. Acesso em: 23 out. 2023.

SILVA; Sidnay Fernandes dos Santos; ALMEIDA, Terezinha Ferreira de. Distanciamento Social. In: RODRIGUES; F., C.; COSTA, J., L.; BARONAS, R., L. (orgs.). **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil**. São Carlos, SP: EdUFSCar. 2022.

GIBIN, Fernando Curtti; RUIZ, Marco Antônio Almeida. Isolamento Social. In: RODRIGUES; F., C.; COSTA, J., L.; BARONAS, R., L. (orgs.). Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia no Brasil. São Carlos, SP: EdUFSCar. 2022.

SCHERER, A. E; TASCHETTO, T. R. **O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux para os Estudos Linguístico-Discursivos**. Revista Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n° 1, p. 119-123 junho/2005.

SILVA, F. P; SARGENTINI, V. M. O. **Análise de Discurso Político e a Política da Análise de Discurso**. Revista Estudos da Língua(gem), n. 1, p. 83-90, Vitória da Conquista, junho, 2005.

SOBRINHO, H. F. S. **Althusser e a luta de classes: um elo teórico e político decisivo**. In: Ler Althusser hoje, Orgs. Lucília Maria Abrahão e Sousa, Dantoelli Assumpção Garcia, São Carlos, SP: EdUFSCar, 2017, p. 31-52.

WERNECK, G. L; CARVALHO, M. S. **A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada**. Cadernos de Saúde Pública (*Reports in Public Health*), Editorial, 36 n° 5, Rio de Janeiro, RJ Maio 2020. doi: 10.1590/0102-311X00068820 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664096>. Acesso em: 23 out. 2023.

SITES

BBBC (15/03/2021). **'No dia D, na hora H': 7 momentos-chave de Pazuello no Ministério da Saúde**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56410575>> .

FOLHA DE SP (20/04/2020). **Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro ao defender democracia e liberdade um dia após ato pró-golpe militar**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>> . Acesso em:

CNN (15/03/2020). **Marcelo Queiroga aceita convite para assumir o Ministério da Saúde.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/marcelo-queiroga-aceita-convite-para-assumir-o-ministerio-da-saude/>> . Acesso em:

PODER 360° (22 de abril de 2020). Leia a íntegra da transcrição da reunião ministerial de 22 de abril. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-transcricao-dos-trechos-da-reuniao-ministerial-destacados-pelo-stf/>> .

REVISTA EXAME (9 de ago. de 2020). **Mandetta: o presidente sabia que chegaríamos a 100 mil mortes.** Disponível em: <<https://exame.com/brasil/mandetta-o-presidente-sabia-que-chegaríamos-a-100-mil-mortes/>> . Acesso em:

TAB/UOL (18/04/2022). **Teich, O Breve.** Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/nelson-teich/>>. Acesso em:

YOUTUBE (22 de abr. de 2020)/CANAL Poder 360°. **Reunião ministerial de 22.abr.2020, na qual Bolsonaro teria indicado interferência na PF.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VkCTwQH55Ic>> . Acesso em: YOUTUBE.

CFM, Conselho Federal de Medicina. **Nota Técnica n° 8/2020. O tratamento off-label.** Parecer disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2020/4>>. Acesso em: 03/04/2021.

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DOS PRONUNCIAMENTOS:

DISCURSO 1 - PRONUNCIAMENTO DO EX-MINISTRO MANDETTA – 23/03/2020

“Tá vendo como todo mundo é essencial em saúde nesse momento? Às vezes um pequeno gesto como limpar esse microfone que ele fez se torna o gesto mais essencial de uma reunião como essa. Então quando a gente tem situações de saúde em que as pessoas perguntam: O que é essencial? Dependendo do momento, tudo é essencial. Essas paralisações, eu tenho dito: Calma! Planejemos! Há lugares que pararam tanto que não tinham mecânicos para consertar a manutenção do funcionamento de determinadas máquinas hospitalares e das necessidades prementes que temos no dia a dia de unidade de saúde de unidades de manutenção de água, de esgoto. Em um contexto enorme a vida não se resume a uma doença, a um vírus. Os sistemas de saúde continua funcionando. As pessoas continuam tendo apendicite, continua tendo problemas cardíacos, continua precisando dá acesso a essas doenças crônicas, para poderem manter os seus equilíbrios dos seus organismos. Temos conversado com os secretários, temos conversado com todos. É importante essa contingência nacional e nós vamos, gradativamente, medindo o impacto dessas ações. Nós precisamos ter muita inteligência, muito equilíbrio, muito bom senso, para que possamos atravessar isso com menos stress com menos ou menos capacidade de intervir no dia a dia das pessoas. Nós vamos... nós estamos estudando. Estamos vendo que a cada hora a gente tem mais informação sobre o comportamento do vírus do mundo Ocidental no mundo de Hemisfério Sul. Estamos monitorando muito de perto São Paulo que a nossa maior cidade, que tem o maior número de casos, que está agora testando: Qual é o tempo de permanência? Qual é o efeito do medicamento? (que é incipiente). Ministério da Saúde hoje já começa a padronizar, porque enquanto pesquisa uma coisa, mas o uso começa a ser mais comum então se é mais comum a gente tem que ter é uma perspectiva, sim. Começa a surgir trabalhos de outras visões. Começam a surgir agora as visões dos leigos, alguma coisa sobre outras abordagens. A Ciência vai seguindo seu passo vai seguindo seu ritmo. O SUS já começa a largar o seu sistema de saúde o nosso esforço de produção de equipamentos de proteção individual e de ventiladores vai crescendo, a gente já consegue ouvir falar em 300, 400 geradores por semana só na produção nossa interna para o SUS. Então já estamos aumentando isso para 3.000 4.000 por mês o que dá fôlego para gente acompanhar com auto suficiência já surgem outras alternativas de soluções que foram testadas na Itália de um respirador você fazer a dublagem da saída em um respirador atender 2. Que é possível com filtros tem o pessoal cuidando disso. Enfim, as soluções vão aparecendo nós vamos medindo vamos sabendo melhor o comportamento. Respeitamos as medidas foram tomadas, mas vamos interpretando junto com todos, porque em saúde a primeira qualidade de um cirurgião é ser calmo e frio gelado. Olhar, analisar para tomar as melhores medidas não adianta ser mais agressivo do que a condição que trouxe o paciente até nós, isso foi dito por Hipócrates que foi o pai da Medicina. Nós vamos seguindo vamos, vendo eu não tenho os números hoje, daqui a pouco vou lá no ministério da saúde para saber o boletim epidemiológico. Aqui foi um diálogo com governadores de estado da região Nordeste, da região norte, quase toda a pauta em cima de insumos, chegada de insumos que começam agora. A gente começa abastecer, nada fora do nosso planejamento. Sabíamos que chegaríamos, 30 dias após o primeiro caso teríamos a pressão. Sabemos que o mundo estava procurando comprar os EPIs, compramos o que deu. Estamos fazendo nosso estoque regulador. Devemos padronizar soluções nossas, brasileiras, para enfrentamento da crise, temos criatividade, temos indústria, temos soluções, temos parcerias, temos iniciativa privada forte, temos universidades boas, temos cientistas bons, temos uma força de trabalho aguerrida, temos a força de trabalho muito jovem, diferente de outros países europeus, que tem a faixa etária mais idosa do mundo de trabalhador de saúde. Então, nós temos muitos pontos que nos são muito desafiadores, mas temos também muitas qualidades. Acho que o diálogo hoje com os governadores foi muito bom. Eu na sequência vou ter reunião com secretários Estaduais de saúde. Eles já vão conseguindo agora me informar melhor. A campanha de vacinação da Influenza do Brasil pode ser um grande diferencial porque nós vamos conseguir reduzir mais esse ano os casos de internação por H1N1 para influenza A, influenza B, a adesão, segundo informações, tá muito boa! Estamos conseguindo vacinar com ordem os nossos idosos. Depois vamos para segunda categoria terceira, quarta, até concluirmos. E vamos lutar uma boa luta. Acho que o presidente hoje Bolsonaro, literalmente, acalmou toda aquela região ali todos nós. Colocamos uma visão muito clara dos próximos acontecimentos. Lidera a condução desse processo todos nossos ministros estamos muito à vontade de trocarmos as nossas impressões e temos um olhar não só de saúde, um olhar, um caleidoscópio

de olhares que todos precisamos estar envolvidos. Hoje tava conversando sobre kits, Ministro Tarciso já vai pegar uma parte da logística da infraestrutura como trazer, como aterrizar, como chegar rápido aos Estados. Ministro Onix que vai na sequência colocar lá no ministério da Cidadania organizando todo uma parte de reforço proteico. Ministro Fernando ajudando extremamente na questão das fronteiras. Diálogo constante com pessoal da economia. Estamos indo bem o clima organizacional nosso interno é bom. Acho que todo mundo tá sabendo muito bem o movimento, e nós vamos dar os movimentos juntos e a sociedade vai tá sempre muito bem informada e com transparência nos dados que é o que pediu o presidente. Acho que é isso. Deixo aí ao Ministro Onix a sequência das colocações.”

DISCURSO 2 - PRONUNCIAMENTO DO EX-MINISTRO QUEIROGA – 17/04/2023

Boa noite! Desde o início de 2020, o mundo enfrenta a maior emergência sanitária da história: a pandemia da covid-19, que já vitimou mais de 6 milhões de pessoas. Expresso nossa solidariedade aos familiares das vítimas e aqueles que ainda sofrem em decorrência das sequelas dessa doença. Sentimos todas as perdas, mas com a força do nosso sistema único de saúde, o SUS, salvamos muitas vidas. Agradeço aos médicos que, com autonomia defendida pelo Governo Federal, utilizaram o melhor da ciência em favor dos pacientes, bem como, a todos os profissionais da saúde, que incansavelmente lutaram contra essa doença. O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, fortaleceu o SUS com a expansão na capacidade de vigilância ampliação na atenção primária e especializada à saúde. Foram mais de 100 bilhões de reais destinados exclusivamente para o combate a pandemia. Além dos mais de 492 bilhões para o financiamento regular da Saúde desde 2020. O Brasil realiza a maior campanha de vacinação de sua história. Já foram distribuídas mais de 476 milhões de dose de vacina, todas adquiridas pelo Ministério da Saúde. Hoje mais de 73% da população brasileira completou o esquema vacinal e mais de 71 milhões de brasileiros receberam a dose de reforço. Temos vacinas disponíveis e os brasileiros acessam livremente essa política pública. Graças a melhora do cenário epidemiológico, à ampla cobertura vacinal da população e a capacidade de assistência do SUS temos hoje condições de anunciar o fim da emergência de saúde pública de importância Nacional, a ESPIN. Nos próximos dias será editado no ato normativo disciplinando essa decisão esta medida no entanto não significa o fim da covid-19. Continuaremos a conviver com vírus o Ministério da Saúde permanece vigilante e preparado para adotar todas as ações necessárias para garantir a saúde dos brasileiros, em total respeito à Constituição Federal. Enfim, a saúde é um direito de todos e um dever do Estado, ninguém ficará para trás. Desejo a todos um Feliz Páscoa e Deus abençoe o nosso Brasil.